

1.0

1949/1952 (1)

D.B.

121-EPH

1

Diário de Bordo

P. Depue, 27 Dec.
1949. -

Tenho esperado bom tempo para iniciar a viagem, mas o céu se mantém coberto de nuvens e o mar... talvez o mar esteja tão calmo que uma pluma caindo na água produza pequenas ondas. Com as velas recolhidas, o barco está ansioso por partir e aproveitar o vento que sopra. Porém, não sei precisamente qual a melhor decisão — o comandante vacila.

Mas, realmente, o que determinou que se levantarem feno e se fizesse ao largo, foi o aparecimento inesperado do início de Li-cen Menino do Rosário. Foi depois do almoço, quando se fez silêncio em casa e as farsas começaram

a aparecer, pronta para transcre-
vê-la, exigindo que eu o fizesse.
Depois a emacção de algo nascendo,
de algo se formando e brotando, e
comecei a escrever. Mas a me-
dida que fui atingindo a quarta
página uma impressão de que
não estar executando como o de-
vo, de que assim não poderia pros-
seguir, era impressão que anal-
tou e me dominou. Lembrei-me
de Wilde: "Em arte, não há pri-
meira pessoa"; e embora não me
pareça isso sempre certo, creio
que para meu Diogenes Memínio
a terceira pessoa talvez seja
mais indicada, após o que
os outros personagens também
podem ser estudados interior-
mente. Ou será que os demais
não serão que a moldura de Di-
ogenes Memínio?

O certo, o motivo sea-

to de todas as dúvidas, é justamente
não saber eu ainda o plano geral
do livro. Não estar madura a ideia.
Ter eu dúvida, se mantenho a in-
terecção de dividir em etapas, caso posi-
tivo qual a etapa de que me devo
ocupar, se começo pela ordem cro-
nológica, se início com Porto Ale-
gre. Não sei se tendo D.M. requiri-
do a mim como modelo integral,
parcial. Se escrevo D.M. como uma
criança, um adolescente, um desco-
nhecido, um original, enfim, nada
sei, e mais me convém ao escre-
ver tudo isto.

Pensei em admitir uma
mescla de primeira e terceira pessoa.
Haveria então um "eu" que se apro-
xima de D.M. pela semelhança en-
tu um e outro: daí a possibilidade
desse "eu" falar na primeira pessoa,
como se estivesse se referindo ao
amigo. Autorizado, pela semelhança,

em igualar seus sentimentos. Mas é um tanto absurdo, e poderia até vir a ser ridículo em certas ocasiões. A não ser que essa "identificação" fosse apenas uma pretensão, um equívoco da parte do "eu" que por tudo isso se distancia-se de D.M.; mas então já a idéia se teria transformado ou transformado completamente.

Por agora, o melhor será fazer nada mais que o seguinte: um banho, barba e sair para a rua.

Seg. 28 -

Pensando bem, eu melhor, mesmo sem haver bem pensado, escrevi mais quatro páginas do D.M. introduzindo então Otaniel, que é o encarregado do mis.-m.-scine, embora também ator. É o que conhece e foge com os demais personagens,

7
refere os incidentes da trama. Mas, é preciso que se tenha sempre presente que o herói é D.M., e para isso não se deve dar muito realce a Otaniel. Enquanto D.M. age e fala, de O. se sabem apenas os pensamentos. Assim deve ser.

Com a realização dessa primeira cena algumas nebulosas se dissolveram e outras se geraram. Tenho quasi decidido que a ação se desenvolverá em casa de Diogenes Meunier, em Porto Alegre, e que Otaniel, estudante como o outro, foi admitido como hóspede e companheiro de quarto de D.M. por questões financeiras. O. estudante mais velho e mais adiantado, rico em experiências de vida, veio do interior e se hospeda em casa da família Rosário, por um simples anúncio de jornal.

A mãe de ambos será um símbolo, uma lembrança para

ambos - um elo. Liana, irmã de D.M., tem existência real e é um equivalente sentimental de Celeste, que vive na imaginação de D. e que talvez apareça mais tarde. O pai de D.M. deverá ser um personagem bem definido que influirá decisivamente na formação de seu filho pela vida que constrói para si próprio e se reflete na de seus filhos.

Sempre desejei escrever uma novela em forma de cartas. E até agora ainda espero ler os dois livros que Dostoiévski escreveu segundo esse processo: O pobro diablo e Romance em nove cartas. Por isso considerei a possibilidade de realizar uma parte do meu livro dessa maneira. Seria quando os dois amigos se separassem por questões de finanças, término de curso, ou por qualquer outro motivo, como sepa,

9
a interferência de um dos outros personagens na amizade de ambos.

Mas ainda sinto tudo por demais vago, e se projeto de uma maneira não o faço apaixonadamente: justamente por haver dúvidas. No entanto, espero que, trabalhando com métodos, eu conquise ser essa paixão dominadora dentro em breve, agora que tenho tantos dias diante de mim, e a meu inteiro dispor. Para que uma idéia se agigante é necessário tempo, e que nada interfira com ela, não desvie a atenção. Creio que se não aproveitar estas férias não realizarei nada em 1950. É preciso que se dê um impulso inicial para que o pêndulo continue seu movimento e faça andar os ponteiros. Repleto de corda: mas não se soltará enquanto o pêndulo não for deslocado.

Seg. 29 -

De antem para hoje houve algumas transformações nas ideias gerais e algumas elucidacões que quero registrar agora de manhã. Creio que depois de estabelecidos os caracteristicas principais entre os personagens, e suas relações mutuas, e o meio ambiente, tudo então começará a aparecer claramente ao espirito. Depois disso tudo estabelecido será facil iniciar o desenvolvimento do enredo, e espero que breve poderei dizer: Dircen Memino vai de vento em pópa, como escrevia Dostoiévsky a seu irmão quando realizava um livro.

Sim, a historia se desenvolverá em casa de D.M. e vivem nessa casa os personagens intimamente ligados a si, além de outros que posteriormente aparecerão. Otaniel, com 28 anos, terá vindo do interior ou de

11
outro estado, a convite de um amigo, e manterá com este um curso de francês. É portanto, professor, não muito prospero, inicia a vida, e se veio para a capital foi para aumentar seus rendos, e poder melhor auxiliar sua familia cuja condicao são quasi identicas a de D.M. - Dircen Memino, com 18 anos, é um adolescente amadurecido por sua existencia pesada e que não vê muitas luzes diante de si. Estuda de dia e pela noite trabalha numa tipografia. Desenha com muita sensibilidade e D. saberá apreciar e talvez esclarecer alguns pontos no que se refere à tecnica. Valery. - Liana será uma mulher solteira, aos 32 anos, responsável pelo serviço da casa, e que, pela morte de sua mãe se viu desde os quatorze anos levada à situação de adulta o que influirá seguramente sobre sua maneira de ser. Terá sacrificado sua vida pelo irmão e pelo pai

aos quais sempre amou, — mas, terá
também seus momentos em que
não terá forças para manter esses
sentimentos de amor imutáveis,
e talvez um silencioso sarcasmo
se manifeste pela cólera que lhe
causará, não obstante, tremendos
remorsos e arrependimentos. — O
pai deverá ser uma figura que se
agigantará aos poucos até um pon-
to máximo, para declinar em se-
guida, lentamente. É velho, viúvo,
e mantém a casa, com grandes di-
ficuldades, por meio de uma alfaiá-
taria que fica situada na mesma
casa, a peca da frente e da esquer-
da. Explorará nele o vício de beber e
necessariamente daí se que surgirão
os dramas mais trágicos.

Sempre que possível, a
profissão nada mais servirá que
para situar os personagens. Porque
vivirão além dessas condições.

13
Dí estão as figuras iniciais
e básicas de toda a ação. Agora é
necessário entrar em sua intimidade,
viver e trabalhar com elas, a fim de
descobrir aos poucos seus problemas,
o problema que lhe agita o íntimo.

Dez. 30 -

O barco parou. Calmaria.
Um céu tão lindo, e gaiótos no
céu: não muito longe da terra,
portanto.

Nada. Apenas algumas
páginas de Ulisses, que nem sem-
pre se anim: "Solamente una madre
y un niño nacido muerto se intien-
ran en el mismo ataúd. Entiendo
por qué. Entiendo. Para protegerlo du-
rante todo el tiempo que sea posible
aún en la tierra."

1950

Jan. 2 -

Nestes dias de festa o tempo foi abandonado e o barco andou solto sobre as vagas. Um tanto "ivre", pelas comemorações de fim de ano, e por razões sentimentais: é a primeira vez que os irmãos solteiros passaram reunidos num lar, como sempre se desejou.

Hostei-me de D.M. e tenho que se o encontrarem nem lhe daria atenção.

É como são amplos os sonhos para este ano!

Jan. 3 -

Tenho pensado esta manhã sobre o livro. Creio que para saber se no cenário escolhido e no processo adotado há matéria suficiente para que sejam preenchidos as

condições de romance.

A ação será desenvolvida no passado. Acontecem, falam e dizem. É mais estranha principalmente dos diálogos entre D. e D.M., e R., e o pai; de cenas, a que Otaniel assistirá às refeições e em certas ocasiões; de diálogos mais ou menos privados, que Otaniel ouvirá vindo do quarto de R. ou da varanda, ou da alfaiataria.

Valerá o elemento carta, por ser introduzido antes do que havia em pensado: as cartas que D. recebe de casa. Mas, deverá ser transcritas somente no caso de elucidarem algum ponto obscuro, assim como para revelar certas identidades.

Ainda não tenho a certeza para poder afirmar se D.M. revelará a Otaniel seu amor pela pintora, por uma pintora que o conhecerá quando tiver ido à sua tipografia para mandar imprimir cartas

tos, ou por outro motivo. Enfim, não sei se haverá essa mulher. Se existir será talvez um tanto assim como Clotilde, de "O Adolescente", mas com outro nome. Se não existir, então o diálogo entre D. e D.M. versará sobre o que se vai passando em suas vidas, e o que já passou há muito: recordações de infância.

Também estive "visitando" a casa da família Rosário. Desenhei a planta e é assim: uma fachada antiga, de azulejos, com uma porta central e duas janelas na frente. A peça da esquerda é a alfaiateira em cuja parte mais discreta haverá um leito oculto por uma cortina onde dormirá o pai. E o quarto da direita será dos dois amigos. O corredor que se inicia na porta da entrada vai dar na sala de jantar deixando para a esquerda e a direita as

17
portas dos quartos citados e mais o quarto de banho. Ao terminar o corredor e entrar na varanda alguém encontraria logo à direita o quarto de Liana, mal iluminado por uma clara-bôia, e em seguida a porta da cozinha também aberta para a sala de jantar. Haverá também uma pequena despensa junto à cozinha, e saindo por uma porta da varanda, será encontrada uma pequena área de terra quasi inteiramente ocupada por um jardim que receberá a máxima atenção de Liana: seu amor pelas flores.

Móveis antigos e pobres, mas um certo bom gosto na sua disposição, e um grande espelho na sala de jantar, inclinado sobre uma mesa baixa, encostada à parede, e no qual se refletem as flores do jardim. (Liana gostará de vê-las através dele.)

Jan. 4 -
Não tenho conseguido a
concentração necessária. A idéia
do romance continua muito vaga
e meu pensamento se tem perdi-
do, se distraído - disperso.

No entanto surgem algu-
mas cenas esparsas em que penso
demoradamente, em seus detalhes.
No jardim, por exemplo, o que Liana
dirá sobre as flores; o lugar que
cada um ocupa na mesa de
refeição e porque era predileção;
também o aparecimento do pai
que será protegido ao máximo,
o que levará Otaniel à curiosida-
de de descobrir essa espécie de mis-
tério que envolve esse personagem.
E quando surgir será na penum-
bra da varanda e é esse diá-
logo que pensei sentir à noite
quando perdi o sono.

Realmente o espelho terá

19
grande valor como um objeto evoca-
tivo. Será um símbolo. Por ele
todos têm se olhado desde criança.
Uma grande cena poderá
ser, talvez, quando o velho che-
gar bêbado e querer quebrar o
espelho, pelo que há de testemu-
nhar uma presença viva.

A, vezes, penso que só
me falta a decisão e a dedica-
ção: vou iniciar. Mas também
penso que ainda não sei qual é
o "grande acontecimento" em torno
do qual gira toda a ação. Ou será
desnecessário? Para que não haja
esse ponto é indispensável que ena-
ne uma constante beleza das pági-
nas, a tal ponto que o amado, o en-
redo, se transforme em algo secun-
dário. Como os cadernos de Malte
Lawards Bigge. Mas consegui isso!...

Jan. 6-
Não sei o que se passa. Talvez quando o tempo de que dispo-
nho atualmente se tiver escoado
então saberei lamentá-lo.
Por agora, nada.

Entretanto pensei e es-
bocei a primeira parte da obra,
arca de oito capítulos em que
dispus vários títulos para serem
desenvolvidos e que vai desde a
chegada de St. até o pleno conheci-
mento do pai de D.M. com a cena
do espelho. Mas, apenas escritas
essas palavras, não me dispus a
recontar nada ao outro cader-
no e me distendi para pensar em
alguns detalhes e... adormeci.
Era de tarde.

E então? Nada. Ma-
nhã, tarde e noite completamente
vã. Encontrei um amigo, conversei
com ele, com ele saí e perden-

21
-se mais um dia.

Estou quasi certo de que
realmente tem razão um meu
colega K. o qual me considera
um "sujeito variado" e que não
excita meu esmero para
que lese meus contos. Agrade-
cem e não quis ler. Mas, muitas
vezes posto de indivíduos assim,
que não creem absolutamente em
mim: porque são os únicos que
me obrigam a prosseguir, os que
mais me impulsionam.

Jan. 7-

Decidi que não é chegado
o tempo. Por isso saí então à tarde
à procura de livro de Dostoiévsky.
Encontrei "A Aldeia Stepanchikovo",
e "Dostoiévsky" por André Gide.

Agora venho de termi-
nar a novela que, apesar de não
ser uma obra importante no

conjunto do que criou D., já apresenta semelhanças características de seus livros futuros.

Escrito na Sibéria, pouco depois de haver sido liberado, "enue la seule idée de rentrer dans la carrière littéraire, et enue une crainte excessive de la censure", conforme o que cita H. Troyat na biografia de D., essa novela não apresenta a complexidade de seus grandes romances, mas fornece desde o início o poder de apaixonar o leitor, até mesmo pelo irritante e desentido da personalidade de Foma o qual se desrepa- ver derrotado e que, no entanto, consegue a vitória, mantém o tom apesar de ser o maior im- portor e embusteiros: igual a uma mulher nervosa, uma espere- ciamente, um maníaco, mas no fundo um oportunista e cal-

culista psicológico. E este Foma, cita- do desde a página 11 só fará sua entrada em cena à pg. 100., fato que mantém aguçada a curiosi- dade em torno do personagem. De- pois, durante todo o resto do livro o que se manifesta no leitor é o de- sejo de que alguém faça alguma co- sa, se insurja, e quando isto é obtido nada mais se verifica do que o crescimento de influência do importor que sempre sabe tirar partido das situações.

A ação desenvolve-se to- da em poucas horas, uma tarde, uma noite e o dia seguinte e o ambiente fica dentro de uma hora para entrar, como se se esperasse pos- tamente o sobrinho, o que conta o fato, para que tudo se processe. Di- tado-nos apenas de um caso prin- cipal o que torna o livro menos denso que o futuro em que a ação

também transcorre em pouco tempo e em que há sempre um do personagens que é o elo entre as diversas tramas: como em O Adolescente Humilhado e Ofendido. Fortemente como nos dois romances, é o processo de narracões idêntico, o narrador que é chamado a participar de tudo, a opinar, a se fazer de confidente.

Também surgem aí dois fatores quasi constantes na obra de Dostoiévsky: o dinheiro e a mulher, a luta por ambos e a liberdade que trazão, a luta entre ambos, como há em Crime e Castigo e nos Irmãos Karamozov. É a necessidade de bancar o palhaço, de adular, de humilhar e de ser humilhado que há em todos os seus livros.

Nota-se a quasi inte-

gral ausência de dissertação e o total é referido por diálogos, sempre caracterizados pela espontaneidade e fluência.

É já as cenas maiores realizadas em presença de verdadeiros platéias, nas salas em que todos se acham reunidos, até pessoas que se acham em visita, como se fossem indispensáveis as testemunhas. Em O Posseso também não arrua, quando o personagem leva um tapa em sua face e se domina, por ser mais difícil que reagir.

Mizintchikov, que em cenas anteriores nada mais é que um característico silencioso, ilumina-se repentinamente, à pg. 150 e revela-se um calambista e cínico, talvez um pouco como Prídzgailov de Crime e Castigo. Mas, receio que a trama tenha falhado um pouco quando Mizintchikov não viu em Obnos-

hine um porcelânico rival, mesmo depois que a mãe deste veio para junto dele. Ou terá sido interrompido pelo autor? O caso é que nesse ponto quasi descobri a intenção e o perigo desse Otkrashine e qual, se quisesse "dinheiros em troca de seu silêncio e simplicidade", por certo teria apresentado logo suas condições, ao voltar de uma ausência de 3 dias e sem saber em que pé andariam os planos de M. com o qual não falou e procurou evitá-lo, até. E se quisesse dinheiros, porque se retirou com a mãe sem nada falar, quando a fuga poderia processar-se de uma hora para a outra?

Debtarsul, esse Vidolphiarov, e a mãe em que aparece no quarto do sobrinho e que o tio lhe dá atenção e realmente irritante,

mas as atenções que lhe dispensa Yegor Hitch são justificadas: — "este não se separa de Foma Fomitch e temo-o um pouco."

E quanto a Korotchine, não compreendi qual a razão de ser de seu aparecimento: quasi inútil, esse personagem, por ser um bêbado, talvez seja o início de Melnikov ou Lebedev. No entanto, talvez tenha sido envolvido para que o capítulo da pacificação termine aquele final cheio de farsalhadas.

Enfim, trata-se de uma história que Dostoiévsky qualifica como sendo "d'une innocence digne, et d'une remarquable naïveté", mas que gostei realmente de ler por ter encontrado tantos pontos de contacto com sua obra futura, a qual não se pode ler sem paixão e grande amor.

Jan. 10 -
Leio de André Fide seu
trabalho sobre Dostoiévsky. É um
livro que desde muito tempo de-
sejava conhecer. Desde Natal, ^{RN}
creio eu, quando entrei em conta-
cto com uma parte da obra de
Fide, quando li sua biografia
por Klaus Mann e lhe dedi-
quei uma admiração quasi in-
restrita, também por influên-
cia de D.T. e da revista "paquin".
Um dos pontos fundamentais des-
sa predileção era por haver Fide,
sendo comunista, tido a cora-
gem de, ao voltar de sua visita
à Rússia, emancipar-se da dou-
trina e escrever dois livros em
que expunha os motivos de sua
decisão. Essa sinceridade e amor
à verdade me impressionaram,
e também "Os Medeiros Falsos" que
considereei um dos livros funda-

29
mentais da literatura moderna.
Mas proximamente, quando
li "O Idiota", encontrei no prefá-
cio escrito por Albert Mounet re-
ferências ao livro de Fide sobre
Dostoiévsky. Este A. Mounet igno-
ra "se Dostoiévsky é, segundo se es-
creve, o mais profundo dos romanci-
stas"; e apesar de confessar que a "aque-
le enge talento, imaginação e pen-
samento se deixam mais difícil-
mente circunscrever" afirma que D.
"coloca os seus personagens em férias,
quando sente necessidade de aprofundar
os seus mundanos de opiniões". Mas
adianta declará-se vencido: "a acção,
interferida pelas diversões e prolixi-
dades, oculta-se mais de uma vez aos
olhos do leitor e é a custo que conse-
gue chegar ao fim". Depois diz que
"existem em O Idiota tipos de uma
inesistível comicidade: Cebedev,
o general Ivolguine e, em certas ho-

ros, Isabel Prokopienna." Ainda
bem que o R. Mounet reconhece
na cena final "uma grandezza
sem igual".

No entanto, tudo isso
vem a propósito de que nesse
Prefácio encontrei referência ao
livro de André Fide como sendo o
responsável para fazer chegar "à
conclusão tardia de que, no caso
do autor de "O Idiota", o romancista
sobleva o pensador" — e isso me
arrou novamente o interesse por
essa obra que atualmente leio.

Noite de 10 —

Venho de terminar o
livro de André Fide, composto de ar-
tigos e conferências, e quero fazer
algumas referências no meu diá-
rio afim de que sirvam mai-
s tarde para facilitar uma ou
outra busca que eu tiver de

31
dar neste volume, para releitura,
citação, ou então qualquer mo-
tivo.

Não conheço toda a obra
de Fide, mas me admiro de sua
versatilidade. É estranho como
são variados os assuntos de seus
livros, de como se apresenta o autor,
ou melhor, de como se apresentam
seus personagens, em cada roman-
ce; faz que ele considere "impru-
dente, quando não desonesto, em-
prestar a um autor os pensamentos
expressados pelos personagens de seus
romances" (p. 229). Mas, de seus
trabalhos que conheço "La Poste C'-
troite", "Sinfonia Pastoral" e "Escola
de Mulheres" chegam a ser des-
concertantes ao se confrontarem com
"Os Medeiros Faltos", "O Imoralista",
ou então estes se consideram descon-
certantes em relação aos outros.
faz noutro ramo devem ser rela-

ciados "De Volta da U.R.S.S." e Retoques no meu De Volta da U.R.S.S., assim como seu "Journal", do qual apenas li "Páginas de Diário" numa edição argentina. Mas esse pouco compreende-se facilmente que difina de outros. Também li sua pequena plaqueta sobre Oscar Wilde, e por aqui fica meu conhecimento de fidelidade, agora alguns artigos, trechos publicados em revistas, e adaptações para o teatro do "Proceno" de Kafka.

No decorrer de seu estudo sobre Dostoiévsky senti verdadeiro prazer pelas inúmeras citações do grande autor russo, inclusive de muitas de suas cartas, das quais, talvez não de todas, tinha conhecimento de trechos publicados por Henry Troyat - e esse prazer era sempre maior quando se tratava

33

de um romance conhecido, o que quasi sempre acontecia, pois desde que li ao acaso a primeira parte de Netotchka Nevzanova, creio que em 1943, tenho procurado ler todos os seus livros que me caem nas mãos: O Rô-sia, Stepanchikovo, Um Trance Difícil, Noite Branca, Stepanchikovo, Krotkaia, Humilhado e ofendido, Recordações da Casa dos Mortos, Crime e Castigo, Um Jogador, O Idiota, O Eterno Marido, Os Penenos, O Adolescente e Os Irmãos Karamazov, enfim, quasi a totalidade de sua obra.

Também tenho procurado bibliografia sobre D. mas pouco se encontra no Brasil. Ainda na Escola Militar li o trabalho de Stefan Zweig que, naquela época, me pareceu muito complexo. Então já havia trava-

do conhecimento com a biografia
de Henri Troyat que reli ^{indiana} no ori-
ginal em fins de 1948 e que re-
puto como a melhor e mais com-
pleta das que encontrei. Além
a entrar, de André Levinson, não
me agradou muito, e o maravi-
lhoso estudo de Berdiaeff não
é biográfico.

Agora que leio o traba-
lho de André Fide, sou forçado
a reconhecer que é uma obra
de valor, principalmente as seis
conferências da parte final, pe-
la maneira como Fide estuda a
obra de Dostoiévsky, pelo de iné-
dito que apresenta, pelas conclu-
sões que tira, e mesmo pelo
seus argumentos que anseia, não
se atendo apenas à obra de quem
se propõe estudá-la mas respondendo
a si mesmo no que pulpa houver
concordância.

35
Tinha Dostoiévsky consciência do
valor e da grandeza da obra que
estava realizando? Esta pergunta
me foi feita um dia e não soube
responder satisfatoriamente. Fide
nos diz que Dy., depois de haver escri-
to O Espírito Subterrâneo, O Idiotas,
O Eterno Marido, e os anteriores, ex-
clama referindo-se ao Porreiro: "C'
tempo de escrever, afinal, alguma
coisa séria" (p. 18) — o que pode
deixar-nos em dúvida sobre até
que ponto acreditava em si próprio.
Mas se trata de uma insatisfação
muito compreensível do espírito de
criação: "Sans complaisance aucune
envers soi-même, insatisfait sans
cesser, exigeant jusqu'à l'impossi-
ble — pleinement conscient pour-
tant de sa valeur, — devant que d'a-
border le Karamazov, un secret
tenaillement de poie l'énervait: il
tient enfin un sujet à sa taille,

à la taille de son génie." (p. 49) E
novamente, à pg. 67, encontro uma
afirmação que ajuda a demonstrar
essa divisão: "O verdadeiro artista,
quando produz, permanece sem-
pre semi-inconsciente de si pró-
prio. Não sabe com precisão quem
ele é. Il n'arrive à se connaître
qu'à travers son œuvre, que par son
œuvre, qu'après son œuvre... Dostoïev-
sky ne s'est jamais cherché; il
s'est éperdument donné dans son
œuvre." É uma ótima observação
e feita à pg. 165, ao estudar O Eter-
no Marido, segundo a qual Dy.,
quando nos conduz às mais extra-
nhas regiões da psicologia, sente
a necessidade de precisar os me-
nos detalhes exteriores "afim de
estabelecer da melhor maneira
possível a solidez do que, de outra
forma, nos pareceria fantástico e
imaginário" — o que demonstra

37
a maior lógica no que parece, à
primeira vista, absurdo.

Fidelidade também de
provar que Dostoïevsky é um roman-
cista, antes de tudo, e combate a
M. de Vogüé que introduziu o ro-
mancista russo na França mas
não com essa característica. Nas
comemorações do centenário do
nascimento de Dy. (1921) Fidel
fala e diz: "... les romans de Do-
stoïevsky, tout en étant des romans
— et j'allais dire les livres — les plus
chargés de pensée, ne sont jamais
abstraits, mais restent aussi des
romans, les livres les plus pantelants
de vie que je connaisse." (p. 59) É ainda:
"Dostoïevsky pinta como Rembrandt,
e suas pinturas são de uma arte
tão poderosa e muitas vezes tão
perfeita que, mesmo se não tivesse
ele, em torno e por trás dele, tais
profundidades de pensamento, es-

ten certo de que Dostoiévsky con-
tinuaria sendo ainda o maior
de todos os romancistas." (p. 61)
E à pg. 215, ao transcrever uma
cena de Os Pobres, escreve
longamente sobre a arte do gran-
de romancista.

Dia 13 -

Na noite de 10 não
pude concluir minhas observa-
ções sobre o livro que acabara de
ler. Com a chegada de um
amigo que passará uns dias em
minha casa tenho-me afasta-
do do Diário, mas agora aprovei-
to um bom momento de ma-
nhã para acrescentar algumas
notas.

André Fide escreve so-
bre a humildade, a sinceridade
de Dy. Quando se trata de expor
seu pensamento: "Se não há sin-

39
ceridade, valerá a pena escrevê-lo?" -
pergunta o livro numa carta (pg. 40).
Fide diz que para escrever o artigo
de que se refere Dy. para espalhar
a todos, este ver-se-ia obrigado a
tercer, a forçar seu pensamento, fato
inconcebível e inaceitável para
Dostoiévsky. Realmente maravilhosa
essa humildade intelectual. Opre-
sar de toda essa vida de dificul-
dades financeiras terríveis, e na
constante luta com o fogo - não
vender seu pensamento.

Jan. 20 -

Meu amigo R.B.R. acaba
de partir e sinto repentinamente
uma impressão de abandono, uma
dolorosa opressão como se uma gran-
de tragédia - como a morte de
um irmão - tivesse me surpre-
endido. No entanto, não admi-
rarei esse sentimento antes que

se fosse. Desejei até mesmo que
tivesse seguido antes, porque
me tolhia a liberdade ^{de} em
meus planos literários, por exem-
plo, uma vez que se tem
que dedicar a um hóspede
todo o tempo disponível. Mas,
agora que se foi sinto sua
ausência porque nestes nove
dias de estada, a força de abra-
ço ao outro ~~sua~~ novo, al-
mas, resta a impressão de que
foi com ele uma parte de
meu ser, talvez a mais íntima,
embora nem sempre a mais
cara. Nestes poucos dias, em
que depois de dois anos nos acha-
mos novamente em presença,
renasceu aquele sentimento de
amizade e confiança que sem-
pre caracterizou nossas relações
durante os anos de Escola Mi-
litar - quando conversávamos

41
longamente, horas e horas, sobre
planos e dúvidas do futuro, am-
bos um tanto deslocados do
ambiente em que vivíamos. E
fica, de tudo o que foi dito, pen-
co mais do que sensações reencon-
tradas: a tranquilidade espi-
ritual que resultava de nossos
encontros e caminhados, pelas
ruas de Apulha Negra, quan-
do reconhecíamos, um no outro,
problemas idênticos, o que sempre
foi uma satisfação por não se
encontrar só e incompreendido.
Mas, as mesmas divergências, prin-
cipalmente em questão de predi-
lecções e possibilidades literárias,
ainda persistem - como se nada
houvermos progredido, ou se
avancamos cada qual em seu
caminho. (Se reconheço em mim,
temerariamente, algumas caracte-
rísticas de ficcionista, não encon-

tro em si muito forte após a
essa pretensão, nem tão poucas
qualidades segundo as quais
veja nele possibilidades de reali-
zar importante obra literária,
no gênero romance ou teatro.
E justifico esse meu pensa-
mento por não ter ele escri-
to até hoje praticamente na-
da e lido relativamente muito
pouco. Mas, por sua capacida-
de de raciocínio e penetração
crítica em certos setores de arte,
esp. nele muito mais um
ensaista, mesmo assim ainda
condicionado a uma dedica-
ção formidável ao estudo do que
quer-se explorar.)

— Enfim, o que tem até
agora mantido nossa amizade,
muito mais do que os problemas
de ordem artística, são os de
ordem interior, íntima, de

93
manter o equilíbrio em face do
meio ambiente, da sociedade
humana: pela luta ou pelo
conformismo. E ainda os fatores
de infância, educação e desi-
lusões quasi sempre idênticos.

Jan. 21 -

Continuo minhas notas
sobre o "Dostoiévsky" de Druhi Fide,
e passo a referir alguns traços carac-
terísticos do autor russo anotados
por Fide.

A necessidade de humilhar
por ter sido algum dia humilhado é
considerada como um lei, para os per-
sonagens de Dy. "L'homme qui s'est
humilié cherche à humilier à son
tour." (112) Realmente este traço é
observado em todos os grandes roman-
ces de Dostoiévsky. R. pp. 106. Druhi
Fide escreve sobre a humildade e
sobre a humilhação, como Dy. e

considera e donde a maneira de agir de seus personagens: "A humildade abre as portas do paraíso; a humilhação as portas do inferno. A humildade contém uma espécie de submissão voluntária; é linemente aceita; mas a humilhação causa "uma lesão moral muito difficilmente curavel."

Fide considera os personagens de Dy. escalonados em relação ao orgulho que cada um trapa em si mesmo. "De um lado, os humildes (e alguns dentre eles levarão a humildade até a abjeção, até se comprazem na abjeção), de outro lado, os orgulhosos (e alguns dentre esses levarão o orgulho até ao crime)" p. 114. Em razão da diversa dosagem desses fatores as razões dos personagens são várias, mas "o orgulho e a humildade são as moles

secreta de seus atos" (p. 116).

Outro traço anotado por Fide é o da necessidade de agrupar os personagens, em determinadas cenas importantes de seus livros, cuja importância é capital porque, em si reflectirá na acção mesma, ou em cada um dos personagens principais; ou ainda em recurso é usado para que sejam postos em presença os caracteres diferentes de cada um afim de serem, a um só tempo, estudados e comparados. "Non remarquons aussi chez Dostievsky un singulier besoin de grouper, de concentrer, de centraliser, de créer entre tous les éléments du roman le plus de relations et de réprocité possibles." E mais abaixo: "Ele se compraz na complexidade; ele a protege" p. 132.

Fide considera desconcertante em Dostievsky a simulta-

verdade de sentimentos contraditórias e a consciência que têm cada personagem de seus incongruências, de seu dualismo (pg 137).
"Il advient que tel de ses héros, une proie à l'émotion la plus vive, dont s'il la doit à la haine ou à l'amour. Les deux sentiments opposés se mêlent en lui et se confondent." Não sei se levado por um excesso de paixão pela obra de Dostoiévsky, ou por ver que existe apenas um passo entre a loucura e o gênio, o amor e o ódio, o fato é que jamais me pareceu que houvesse tanta falta de lógica. Compreendo-o perfeitamente, e acho maravilhosa a passagem do livro II dos Idiotas Karamazov, em que Dmitri conta a Blischa como reprimiu seu laivo propenso em relação a Catarina Ivanovna:

47
"Quando ela saiu, desembrulhei a espada e queria matar-me ali mesmo, sem saber por que (seria mesmo uma enorme tolice), simplesmente de alegria. Não sei se compreendes: existe um fútil tão intenso que pode levar-nos ao suicídio." (pg. 91 - Editora Vecchi) Como se uma morte, em presença de um gesto nobre, fosse a única maneira de conservá-lo puro para sempre. A pg. 104 e seguintes, fide conta uma passagem na vida de Ily, uma entrevista com Turgueneff, em que se nota nos próprios atos de Dostoiévsky "a humildade ceder lugar buscamamente ao sentimento oposto (106)." Considero extremamente lógica essa reação e se nos desconcertam poder-se-ia por que, unificados em si mesmos na nova presença, não acompanhamos o pensamento ou o desenvolvimento psicológico que a ação

produzir na pessoa. Mais tarde
fide cita (pg. 142) esta frase de
Wilde: "A natureza imita o
que a obra de arte lhe propõe";
o que se interpreta como sendo
o fato de que, depois de exprimi-
dos por uma obra de arte, certos
acontecimentos, ou relações e con-
dições, que nos passaram desper-
cebidos até então, passam a
ser notados e identificados.
fide acrescenta: "Quanto estados
estranhos, patológicos, anormais
não reconhecemos ao redor de
nós ou em nós mesmos, advertidos
pela leitura das obras de Dostoiév-
sky? Sim, realmente, creio que Do-
stoiévsky nos abre os olhos sobre
certos fenômenos, que talvez não
sejam raros - mas que simples-
mente não havíamos sabido apre-
ciar." pg. 143.

Dostoiévsky foi atormentado

49
tado a vida inteira a um só tempo
pelo horror do mal e pela ideia
da necessidade do mal (e por
mal compreendendo igualmente o
sofrimento) - escreve fide (196).
É reconhecido em seus personagens
o prazer pelo sofrimento, como Pavel
Pavlovitch pelo crime. "Qui, vrai-
ment, il aime et recherche sa souff-
rance." (159) Isto é a renúncia da
individualismo, o combate a seu
amor próprio, a redenção de seus
pecados - e a humildade. É fide
seu nome particular "o certo miste-
rioso do pensamento de Dostoiévsky"
(177), como tendo por base e alicerce
as palavras do Evangelho: "Quem qui-
ser salvar a sua vida, perca-a; mas
quem perder a sua vida por amor de
mim, eu a salvarei" (S. Lucas 9-24), e
sobre essas palavras e sua signifi-
cação na obra de Dostoiévsky ele
volta várias vezes (pg. 94-93-177).

A insistência com que Dostoiévsky faz intervir a epilepsia em seus romances — escreve Fide — nos esclarece suficientemente sobre a importância que atribua à doença na formação de sua ética, na curvação de seus pensamentos. (209) André Fide foi muito de sua pessoa, de seus pensamentos nestes estudos sobre o romancista russo. Talvez seja isto o defeito do livro, talvez fosse isto, mas o autor compensa-o a pp. 199, /o que diminui sua falta. Aliás já havia sido alertado para isso pela plaqueta de Karl Pfleger sobre André Fide. Mas quando li esse trabalho pulguei que se tratava de uma "identificação" inconsciente, sem a pretensão de o ser, e desde o início do livro foram aparecendo trechos de auto-justificação e defesa, até que na última con-

57
ferência ele diz que Dostoiévsky tem sido "um pretexto para exprimir meus próprios pensamentos". Assim, pois, quando Fide refere o que citei sobre a importância da epilepsia na obra de Dy. é para equi-parar-se, em relação a seu "caso". Creio que o que faz a sublimação do indivíduo não é a doença mas a maneira como se revolta contra ela e como a sofre. Embora a obra de arte supere a esses sofrimentos para vir a ser maior, não creio que seja menor se destituída da doença. Porque há os sãos e os doentes e cada um, no seu gênero, pode realizar obras-primas. Aliás, o próprio Fide diz isto: "Et, se me dis-je naturellement qu'il suffirait d'être déséquilibré pour devenir réformateur, mais bien que tout réformateur est d'abord un déséquilibré" (210). Mas, se comprou em citar de-

zenos de "déséquilibres" para um
"série bien portante" na pessoa de
Victor Hugo. Talvez essa auto-defesa
não seja maior noutra passagem
que nesta iniciada à pg. 162,
que lhe vem a propósito do crime:
"Oui, certes, la convention est la
grande pourvoyeuse de mensonges",
em que Fide fala na coragem
da sincera afirmação de um "sentiment
particulier".

Andre Fide, à pg. 49, fa-
lando sobre as traduções de "Os Irmãos
Karamazov" aparecidas em
França diz que continua preferin-
do uma incompleta a outra me-
lhor, mais completa que foi publi-
cada posteriormente. Não posso
compreender. A não ser que essa
outra — sim, é o que vejo agora
à pg. 50: que houve uma "conden-
ração sistemática". Recordo que
encontrei em português uma

573
tradução do francês desse romance
e que, como prefácio, havia uma
indicação de Fide em que dizia que,
apesar de incompleto, era aconse-
lhado por ele. Mas, não li daquela
vez. A tradução que possuo é
dita como tendo sido feita dire-
tamente do russo, e do texto completo.

Para encerrar estas notas
depois transcrever uma fórmula
de Fide (pg. 41): "Para que uma
idéia obtenha êxito, é preciso que
apenas ela seja levado avanti, ou,
se se preferir: para se obter êxito,
é preciso levar avanti apenas uma
idéia."

E isso me faz lembrar o
que escreve Dostoiévsky em O idolo-
cento: "Como é que um homem que
vive sob a influência de uma
idéia qualquer que lhe domina
o espírito e o coração, consegue

ainda senti qualquer coisa que
seja diferente dessa idéia?

E de Rilke, citado por
Maurice Bety no prefácio de "Poésies",
encontramos: "Uma coisa, para
que eu fale, deve ser considerada
durante certo tempo, como a uni-
ca que existe, como a única apa-
rência — que por longo amor la-
borioso e exclusivo se encontra
colocada no centro do universo
e que, neste lugar incompara-
vel, neste dia é servida pelos
anjos."

Ser dominado pela idéia
é por o "voto". Porque depois de
formá-la ou ser formado por ela
ninguém poderá nada mais
~~ser~~ contra ela. E o adolescente
Dolgorukhi bem o sabe:

"Querer destruir em al-
guém uma idéia vital, torna-
-se tentativa suicida, se não se

propuser, para a substituir, outra
idéia de idêntica beleza."

Jan. 23-

... e assim, terminaram-
-se os férias e volto ao quartel. 18:21

Fica a lembrança da
intenção de passar uns dias só,
numa praia do Atlântico, aonde
pudesse me dedicar a desenvol-
ver a idéia de meu livro e a
escrever alguma coisa no sen-
tido de criar o interesse e o amor
por sua realização.

Fev. 1-

Nem mesmo para di-
zer que não tive disposição algu-
ma, nem para ler, não sabia
como começar.

Mas, é a verdade. Nova-
mente como se nunca houvesse es-
crito absolutamente nada. Talvez

porque o Exército me solicita
para muito, agora com a in-
corporação de recrutas, ou
então o demasiado calor.

Fev. 7 -

Beis que nunca
mais esqueceri.

Março 7 -

Domings retornei "O
Espírito Subterrâneo", de Dostoié-
vski, e ontem terminei a lei-
tura. Mas havia tanto tempo
que fora suspensa que tive
alguma dificuldade em recons-
tituir o facto, e tive mesmo
de voltar algumas páginas para
recordar a acção. Ainda mais
que a novela admite duas par-
tes de tratamento completamen-
te diferentes.

Tomei algumas notas

57
as iniciar a leitura e entrei nos
últimos dias — pretendo falar
sobre o livro, mas hoje me sinto
cansado, e quero ler um pouco
do livro que considero respon-
sável por esse início de cha-
ma que parecei querer brilhar
novamente: "Os Elégios de Duino",
que recebi por encomenda.

Março 21 -

Ontem à noite comecei
a leitura de "Pluma de Branca",
de Dostoiévsky. Quando, há cerca
de 8 ou 9 anos li a primeira causa
de Dy. e fiquei impressionado pelo
ambiente pesado e trágico recordo-
me que ao final Metetchka vs-
vanova é recolhida à casa de um
príncipe. Beis que o livro que aca-
bo de ler é a continuação; em-
bora na verdade se trate de
um só romance. Henry Troyat

refere-se apenas a *Netatohka* re-
vanova, mas, fidei, numa nota
em seu livro apresenta uma
"lista anetée en 1900" em que apere-
ce a primeira como sendo de
1848 e "Dune d'enfant" em 1849.

De qualquer forma, até mesmo
este volume se biparte, os capi-
tulos deixam de ser curtos para
e tornarem longos; ambiente,
ações, tudo se modifica, a par-
tir do momento em que *Netat.*
separa-se de *Katia*.

E lentamente van-
lendo as *Elegias* de Rilke. Não
alcanço tudo, mas já me con-
tento com a beleza e profundi-
dade que entrevço.

"O heures de l'enfance,
où, derrière les figures, il y avait plus que
du pain, où devant nous n'était pas
l'avenir!"

Ab. 7

O grande silêncio da
Sexta-Feira Santa. Por certo o
mar estará calmo, os navios
terão suas velas dobradas e
apenas balançam, enquanto a
população reza.

Mas assim como não
é isso que se passa, também
não é o grande silêncio da
Sexta-Feira Santa.

Abil 23-

Não considerações que in-
voluntariamente foram feitas on-
tem à noite: não compreendo mes-
mo porque sou, às vezes, solici-
tado pelos companheiros, uma
vez que apenas me divirto com
eles, sem os divertir. O mais das
vezes me fico em silêncio, obser-
vando e rindo do que dizem e
fazem, quando, de noite, vamos

beber e nos divertir. Talvez se-
ja simplesmente uma ques-
tão de claque. Mas o certo é
que então me senti comple-
tamente estranho àquela meio,
deseps e interesse, realmente
oportos, os pensamentos diver-
gentes, mesmo.

De tarde -

"Todos guardamos recor-
dação que só usariamos revelar
a amigos íntimos. Há outros, porém,
que nem a amigos íntimos po-
deríamos revelar, mas apenas a
nós mesmos, e, ainda assim,
no maior sigilo. (...) Agora
que me decido a escrevê-la, que-
ro experimentar a possibilidade
de ser inteiramente sincero pa-
ra comigo mesmo e não temer a
verdade total." — Eis o que se lê
no capítulo XI da 2.^a parte de "O

67

Espírito Subterrâneo", de Dostoiévsky.
[E a seguir uma apreciação sobre
as "Confissões" de J. J. Rousseau que me
parece perfeitamente exata: que
ele caluniar-se em seu livro por
 vaidade. Efetivamente, Rousseau já
inicia suas Confissões com essa
característica de vaidade, e em
tom novelesco: "Tomo uma resolu-
ção de que jamais houve exemplo
e que não terá imitador. Quero
mostrar aos meus semelhantes um
homem em toda a verdade de sua
natureza, e esse homem serei eu."
(-) "Direi resolutamente: eis o que fiz,
o que pensei, o que fui." — E é-me
grato verificar que Dostoiévsky,
fazendo ficção, escreve que quer
experimentar a possibilidade de
ser inteiramente sincero, reco-
nhecendo pois a dificuldade
em estudar e expor a si próprio.
Lembro-me de que, há

alguns anos atrás, quando escrevia
o perdido "Ideal de um jovem mo-
diesto", senti essa dificuldade,
e naturalmente com muito mais
razão que Rousseau ou Dostoiévsky,
não por complexidade de men-
te, é evidente, mas por inca-
pacidade de análise ou abs-
tenção de certos sentimentos, bem
como a impossibilidade de re-
conhecer a outros sentimentos
mal definidos. E nessa ~~con-
dição~~ ^{condição} escrevi, ao relatar em
expor um fato, que, uma vez
abundado, devia ser direcionado —
conforme um compromisso assu-
mido consigo mesmo.

Hoje abri "O Espírito
Subterrâneo" para escrever esta
nota depero com uma anota-
ção na página 170 (Ed. Epura)
e lembro-me de que estou pa-
ra fazer um pequeno estudo

63
sobre esse livro, reunindo observa-
ções que fiz durante sua leitura,
há mais de um mês.

Fidei dig ser esse livro
a "clé de voute" da obra dostoiévskia-
na. É uma verdadeira sonda, esse
livro, e principalmente a segunda
parte em que tudo é profundo e
medido. Mas, neste momento não
me disponho a prosseguir, não sei
se em virtude da "inércia concien-
te" de que nos fala o autor. Quero
deixar escrito, para meditação, o
que ele escreve numa mesma página:

"Talvez tenha sofrido real-
mente, mas não resperita seu sofri-
mento."

Abril 24-

Tenho estado muito longe
de Dircen Memino, mas, há poucos
dias, me ocorreram pensamentos
sobre ele. Pensei assim consigo

que enquanto minha vida se
desdobra e se dissolve D.M. vai
também se desenvolvendo e se
diluindo para um dia, talvez,
se depositar em cristais. (Os cris-
tais de iodo, cor de ambar, pelas
paredes do vaso, nas experimen-
tas de química do Pirásio.)
É possível que ele viva simulta-
neamente consigo, embora sua
existência pareça desaparecida.

Quando deixei de pensar em D.
M. talvez me pareça que ele
e sua casa e Otaniel e todos
→ desapareceram, — mas quando
deixamos uma cidade e parau-
mos a nos preocupar intensa-
mente com outra por não ser
desconhecida e nela precisarmos
efetivar um ambiente e formar
os hábitos indispensáveis, tam-
bém julgamos que a outra pa-
rou ainda a deixamos e como

65
a deixamos, ou desaparecem; e quan-
do, de repente, damos conta de que
ela vive, apesar de nossa ausência,
sentimos certa angústia por não
podermos nos identificar com ela
nesses momentos em que coisas se
passam e se realizam, quem sabe
se em lugares e com pessoas de
nossa intimidade.

Mais 2-

Muitas vezes, quasi sem-
pre, ao receber uma carta esperada
leio-a tão depressa que ao finali-
zá-la, sinto necessidade de re-
começá-la lentamente, sentindo
maior prazer na palavra e com-
preendendo melhor a intenção da
frase, percebendo talvez o que dei-
xam de ser dito ou o que levar
a que se dizesse dessa maneira.

Assim, ao terminar,
de Kafka, "La Colonie Pénitentiaire",

vez que deve ler novamente, agora que já diminuiu a curiosidade, e o fim de procurar as intuições ocultas nesse labirinto de símbolos que são suas histórias.

Realmente, nunca houve que pudesse haver tanta coisa nova, diferente, invulgar, estranha, sua literatura. Verdaderamente temendo em "Ternier", em "Un Champion de Jeune". Como o assunto é maravilhosamente tratado, segundo uma ordem de desenvolvimento tão natural que chega a parecer casual, espontânea, sem plano algum. Principalmente "Ternier": me parece que é tão obcecado pela solidão, pela segurança, levou o autor a achar uma imagem, em símbolos e tentar se para escrever, desenvolvendo a ideia a partir

67
dequela momento e segundo um raciocínio lógico, matemático, por assim dizer, em que tudo vai sendo esmiuçado e estudado.

Tudo aí é interior e pessoal; tudo é pensamento, e embora | quasi sempre ligados a fatos ou imagens, incriminamente materiais e palpáveis, tudo é dirigido para dentro, sempre com uma ideia matriz, fixa, de que são possuídos os personagens, que nela vêem sua realização — a justificação de si próprios, a razão de ser de sua existência — e dominados por uma ideia obcecante, cuja significação ne tem escapado, e de que não se tornam livres nem pela morte, como é o caso do trapézista, do jogador, e mesmo do oficial da "colônia", já em outro sentido.

N (Há muito o que ser estudado, analisado, aprofundado, e de

uma leitura e apresentação fica
espera em idêntica maravilhosa de
um país desconhecido que vai
aparecendo aos poucos, como se
fosse retirar-se de dentro de uma
flor que se abre sem pruna.

Mais 11.-

Há certas razões de
tristeza que nos fogem, e há
outras tão concretas que nos
ferem intensamente e das quais
gostaríamos de fugir.

Há momentos em que
um cansaço no domina, e
por mais que se procure diri-
gir nossa energia para alcan-
çar a realização de algo útil
ou, pelo menos, agradável, na-
da conseguimos. porquanto em
cansaço vence todos nossos es-
forços.

E ao examinarmos

69

a causa desse cansaço e verifica-
mos que nem sempre provém de
atividades para as quais emprega-
mos o melhor de nossos sentimentos
ou intenções, então, é verdade-
ramente lamentável — porque
quando desespamos trabalhar para
o fim almejado os forças nos
focem ^{uma vez que} porque já foram esban-
jados anteriormente.

Cedo da noite, e já me
sinto pronto para dormir, um
dia a mais perdido. Se começar
a ler, em pouco tempo o sono
me forçará a abandonar o livro.
E penso no demais dia. Quanta!
A outra semana! Sempre! E não
sei o que pensar, se não fosse assim.
Ange de mais de 1950, talvez não
me tenha dito nada. Ou quem
sabe me disse, como três dias
todos os outros dias, e em nada
tenha compreendido!

Agora gostaria de não abandonar este caderno, de prometer, de escrever muito, de ser dominado novamente por aquela febre de quem tem algo a contar, uma história que nos parece intensa, profunda, humana, sublime, e obra duradoura — para deixar de ser depois, mas sendo, apesar de tudo, e por algum tempo, o tempo suficiente para nos convencer de que, afinal, começamos a justificar nossa existência.

Mas, numa vontade de fixar o estado de espírito, o olho não deixam de vagar pela mesa, pela parede aonde a luz se reflete — e vejo o relógio (e ouço) pronto para despertar na madrugada, e a chave da porta que coespira na minha saída diária. E há hoje um ruído ex-

71
traído que me faz olhar debaixo da mesa: um pequeno quilo verde saltando contra a parede, que veio da noite atraído pela luz. Que se pode dizer de um quilo entrando pela noite?

E assim são meus pensamentos de hoje. Olho para o lapis, a espátula, o relógio e as chaves, o cingeiro de pedra sabão com que Alipadinho esculpia, e vejo meus livros, mas tudo é quasi sem significação, ou tudo significa cansaço.

Mais 15 —

Será isto o principio de alguma coisa, ou sua preparação? ou será tão somente o fim de um velho e dourado sonho? Mas, não pode ser o fim, ainda, porquanto ainda não se sabe por que substituí-lo. (Pois é evidente que não

se pode abandonar a uma idéia sem que entre esta pronta a preencher o vazio que a morte da primitiva deixou. E mesmo quando o novo sonho aparecer haverá a luta entre ambos, um procurando sobrepujar o outro, pois o que abrigamos por muito tempo não abandonamos sem sofrimento. Ou será que nos deitamos com uma idéia e nos acordaremos com outra oposta? O amanhecer, com as características de sempre, o céu com as nuvens tintas de ouro e sangue, as árvores purificadas e de folhas brilhantes, traz consigo ainda a mesma idéia que nos aninha e nos sugere e nos conduz para a frente. (Haverá algo mais sugestivo e mais propício a imagens que o amanhecer e o anoitecer, quando se os

compara às atividades humanas, quando se os relaciona?)

73
Mas, então, será a preparação de alguma coisa? Não sei como explicar o que se vai passando. Já o quinto mês, e tudo em silêncio. Também os amigos não escrevem e sei que aos poucos vai se perdendo a seiva... para ser transformado de palmeira ou relva, em mais um grão de areia, nesse deserto imenso. Na verdade é sempre necessário um poder exterior, uma ação alheia a si próprio para que o grão se mova. Mas quando isto sobrenaturalmente estabelece-se relação mútua entre esses grãos, para cair depois no egocentrismo, ao cessar o agente alheio.

Mas... e se não for preparação para a realização, mas para o conformismo? Não para vida mas para morte? Aquela revel-

ta íntima e surda já não se faz
sentir tão intensa. Comedismo? É
quando cai outra tempestade?
Muitas vezes é horrível saber-se
que ela virá inevitavelmente; tão
horrível como as epiléticos esperam
suas crises. Depois o desapo de va-
gar, com a chuva nos olhos e
pelos cabelos molhados — o desapo
de ser criança e de poder cho-
rar por qualquer coisa sem im-
portância, de não ter de chorar
pelo que é sério e irreprimível.

Se for a preparação pa-
ra o nada... que embora assim
sendo se justifique a paragem
pela tona! que dêe nada um
valor mínimo seja extraído, mas
que não seja nulo. Assim co-
mo uma palmeira que cai no
lanhado antes de apodrecer serve
de paradeira e depois de podre
se dissolve em seiva para

25
o que vinem, também de nós
que em vão nos preparamos para
o nada, sem o deseparmos, sem
o sabermos, de nós seja extraído
algo, imperceptível, para nós e
para els. — Mas, que não seja
já, completamente inútil.

Haverá também valor
no que deseparmos fazer? Ou ape-
nas naquilo que fazemos? É
quando o realizado é apenas
a sombra do que pretendíamos?
Que não seja já nossa
esperança!

Mais 16 —

Por poucos, e às vezes,
sinto-me dominado por uma im-
pressão de ridículo, pelo propolado
senso do ridículo, em presença de
uma coisa bela e comovente,
por julgar que esse sentimento não
é próprio, em presença dessa coisa

que para desapercibida de muitos
em que desagrada a outros. Uma
espécie de auto-crítica. Mas im-
prescritivelmente orientada para ma-
tar a sensibilidade. Inconscienti-
mente orientada, talvez.

Outros vez, ainda que
deseje e procure, a causa não mais
me impressionava ou me tocava
como antes. Terá sido, quem sabe,
resultado de uma super dissipar-
ção. Mas não posso reconhecê-la
nem mesmo exagerando os fatos.

O certo, no entanto, é
que a paixão, o sentimento da frase,
o amor pela literatura, um pouco
dos sonhos, tudo isso está amor-
tecido, e temo muito se para sem-
pre. Busco o motivo e não encon-
to um fundamental, e desde o
ano passado. Ponto que estas
frases que escrevo não duram, fal-
sam, impávidas, escritos apenas

77
para escrever, não porque seja ne-
cessário ou indispensável. É verda-
de que uma sucessão de fatos
tem concorrido para esse aban-
dono, culminando com a do-
ença longa de Estela e a grande
despesa, mas ainda não vejo
nisto uma importância capital
para uma reação diluvi-se.

Talvez também o não ver um
progreço palpável, o reconhecimento,
um incentivo. Mas isso é causa
de desânimo apenas, no que não
tem consciência de si próprios; pois
aqueles que sabem que estão reali-
zando algo, ou que estão a cami-
nho de realizá-lo, e até mesmo
aqueles que pensam realizar, estes
não acreditam no seu real va-
lor, o valor nulo, porque diante
deus há a imensa galeria dos
que depois da morte, ou na ve-
lhoice, se immortalizaram, e pre-

serem seguiu "incompreendidos" por-
que o sofrimento que esse despo-
so traz já é incentivo suficiente-
te.

Também da comparação
dos grandes cultos literários não é
que surge o sentimento de inca-
pacidade. Reconhece-se, pela com-
paração, a enorme distância que
nos separa, mas é consolador
esse pensamento de que sempre há
um aspecto novo a se estudar e
explorar, porque o homem conti-
nua sendo um enigma. Como
se é humilde em relação a quem
expe um problema como Kafka
em "L'Étranger"! Mas, mesmo assim
creio que lhe mostraria "a joia", e
se encontrasse na joia alguma
causa daquele sentimento de so-
lidão e reflexões talvez lere com
algum prazer, nem que fosse
por reconhecer o quanto esse

trabalho está longe do ser.

79
Enfim, como de uma hora
para outra pode numa relíquia se
roubada ou incendiar-se, também
pode de um momento para outro
dominar-nos o desejo de realizar uma
obra de valor e por ela batalhar-
mos para sempre, como quem se
arrepende e quer se ver perdoado,
como quem perde o sagrado num
incêndio e quer recupera-lo recons-
truindo, como quem sofre uma
injustiça e quer, pelo trabalho e
pacientemente, provar que é in-
cente e receber o perdão que lhe
dão sem que o peça por palavras.

Mas, ver uma joia, que
a conservamos junto ao coração,
mergulhar para sempre em águas
do mar... e tê-la tocado por
um coração eternamente em pre-
to dilacerado!

Maio 22 -

Há alguns dias meen primeiro leu meus contos. Devo dizer que penso o conheço. Assim, esperei seu julgamento que foi pronto e sincero: "Muito bem escritos: só encontrei dois erros de português." Apesar disso ainda fiz alguma pergunta e, a fim de dar-lhe uma oportunidade de ser gentil, disse quais os que mais me agradavam e aí relacionei os que julguei que mais lhe agradariam. No entanto, apesar de meus propositos, disse haver portado de O desastre, o que me desencantou por ver falhada minha psicologia. Pois, com tudo isto, ainda fiquei um tanto decepcionado por esse juízo tão pouco favorável, ainda mais agora que um amigo do Rio Silencia sobre O Inocente que lhe mandei, e não fosse o que me falou alguns

81
dias depois estaria em, talvez, seriamente preocupado. Olhando para minha estante de livros:

- Tem, uma man porta!
e não encontram nada para ler até que lhe indiquei um livro de Parthe, com a clássica recomendação de que é um livro que penetra no domínio sensual.

Maio 26 -

→ Seril: de ma bouche que faire?
Quoi, de ma nuit, de mon jour?
No entanto, é sempre um consolo saber-se que nossa morte será chorada por alguém, e lamentada por outros. Apesar de tudo. Pelos irmãos, apesar de tudo; por alguns amigos, ainda apesar de tudo.

Será indispensável que se conheça um problema pessoalmente para que se possa ver e sentir como ele é? Ou a bondade e a

indulgência chegarão a um valor tão elevado, ou a inteligência e cultura, que sem a experiência se possa avaliar esse problema?

Muitas vezes se diz: "compreendo perfeitamente, não dig mais nada"; no entanto talvez se tenha dito com a intenção de que não nos digam nada mais porque tudo será inútil, ou porque a confiança nos desintereza. Mas também há o caso em que não queremos mais ouvir uma palavra — porque é o nosso próprio segredo que está sendo profanado. E como primeiro impulso surge o desfofo de nos abraçarmos e misturarmos as lágrimas, e assim provarmos de que há uma identidade presente. Mas apesar de todo o sofrimento que esse problema traz, ou quem sabe se por esse próprio sofri-

mento; apesar desse triste prazer que sentimos ao verificar que temos alguém com quem se reparta as angústias, ou quem sabe se justamente por saber que alguém mergulha inteiramente em nossa alma por serem gêmeas, apesar de tudo isso, é tão estranho o homem que ao conhecer o problema do outro, e por conhecê-lo, procura ferir e prejudicar, pois sabe onde e como feri-lo.

→ (Tous les chers auxquels
je me donne
s'enrichissent à mes dépens.

Jun. 11 -

Procuro, nestes dias parados, algum acontecimento que possa ser descrito e não o encontro. Realmente o valor dos fatos não está em si próprio, mas em suas consequências, na ligação com

succesos anteriores ou a chegar.
É assim, talvez, alguma coisa
a que não tenhamos dado valor
no momento e vá a ter gran-
de importância no futuro.
Mas, necessariamente, não se
pode ascitar ou generalizar
essa norma porque dessa ma-
neira seremos forçados a con-
cluir que tudo é casual, obra
do acaso, e estereótipos transfor-
mados em simples marionetas,
sem vontade ou movimentos pró-
prios. Mas, a não se crer seria-
mente ou cegamente na fatali-
dade, também não se pode con-
fiar unicamente na auto-determi-
nação, porque, se por um lado
os fatos podem ser planejados,
também é certo que na execução
há o devir, todos deconstruindo de
inúmeras causas, muitas vezes
se conservando desconhecidas,

para nós.

Uma vez ou outra ain-
da penso em meu romance, que
está adormecido em alguma par-
te de mim, de meu ser. Soum-
pois, conversando com R.P., que
sempre pergunta por meus traba-
lhos e se mostra interessada por
meus aspectos literários, tive o por-
tunidade de lhe expor uma par-
te do diálogo de D.M. e Otaniel
quando o menino pergunta so-
bre os livros que Otaniel tem
na estante e este lhe fala so-
bre os autores, detidamente sobre
Dostoiévski. Mas não me acho
preparado para esse diálogo que
eu desejaria fosse uma expli-
cação, uma explanação, um es-
tudo muito grande, valoroso e
formidável da obra e da per-
sonalidade de Dostoiévski.

Com essa apresentação, que
aliás consistia inicialmente,
numa cena anterior, do exa-
me de um dos volumes da obra
de D. por D.M., a só e em si-
lêncio, e do que pensaria sobre
o livro — desse início e de-
poi com a conversação entre
o hóspede e o menino nasceria
uma amizade entre ambos
e no desenvolver do livro se-
ria então explorado o assunto,
aos poucos, a fim de que o
equilíbrio e a emoção não
fossem rompidos por uma dis-
sertação demasiada longa que
iria exigir se tratasse de um
outro volume, como um *Ulysses*
de Joyce o capítulo sobre *Shakespeare*; e meu futuro livro
será muito pequeno.

Agora era entristecida, e o que
pensei em virtude dela, não

87
creio que tenha pensado direta-
mente em meu livro adorm-
cido. Outras cenas não foram re-
vistas, nem as velhas rememora-
das.

Creio que a mais forte
razão de todo esse silêncio lito-
rário seja meu serviço no quartel
que por ser unicamente ^{mental} intelle-
tual que deixa exausto para
qualquer outra atividade congênere.
Ambora seja mais do meu fetiche
creio ser prejudicial justamente
pelo que esperei acima. Ao chegar
em casa, já ao anoitecer, ten-
do deixado a coza também de
noite, pela madrugada, quando
cheio é com a preocupação ini-
co de descansar, e raramente
saio, para passeios que fosse.
Talvez se me dedicasse, no qua-
tel, a atividades físicas ou
de menor concentração espiri-

tual não estivesse assim cansa-
do e sem disposições para mi-
nha literatura que, ali certo
ponto, e sinceramente, é mi-
nha religião. A secretaria do
Regimento tira todos meus po-
res. No entanto, prefiro estar
ali no gabinete, mais só, poden-
do orientar e dirigir o trabalho
em paz e sem muitas vozes
em cima, ter certa tranqui-
lidade, dignidade e respeito,
do que estar suplicando à tropa,
às instituições chás e vulga-
res — e às honrarias horas in-
teis de tédio!...

Chico escreveu e me
fala do conto que lhe envia.
Os está ali, mais mortos, mais
esquecidos, e quando, depois
de tanto tempo, se lê al-
guem que escreve sobre um

89
trabalho novo é muito agrada-
vel. No entanto, a repercussão
em mim não foi a mesma de
outras vezes — por exemplo, quan-
do ele mesmo me escreveu
sobre "a foia" — e tudo isso me
deixa ali certo ponto pensar
que essa chama está morren-
do, que era para viver só
pelo tempo em que eu andava
sem ter uma casa e meus i-
mãos comigo, quando eu não
tinha tranquilidade alguma
e quando meus próprios atos
se refletiam em mim como tor-
mentas.

Tudo é estranho e com-
plexo. Luthora conheceu um escri-
tor, fosse quem fosse, me era um
acontecimento notável que eu
procurava e esperava. Hoje, um
conhecido me convida a ir à
casa de Manelito de Ornelas,

e... faltei ao encontro. Creio que
as penas que desço encontrar
e conhecer não moram aqui.

Também se transfor-
ma o modo como representem
em mim os fatos diários, do
"trágico cotidiano", e as experiên-
cias. Minha sensibilidade
se despede, talvez, e então
ainda lembrei-me de como
ela costumava ser:

Em vinha de onibus e
no outro lado da rua e em sen-
tido contrário, para o enterro de
um "anjo". O carro em azul
celeste e branco, os cortinos
com franjas de prata balan-
çando, e o caixão tão peque-
ninho e abandonado que dava
pena e parecia um pobre
filhote de pássaro caído do
ninho na vastidão de uma

91
prado molhado de chuva. Pensei
então que uma criança assim
daria ii para a terra no colo
da mãe, ^{esta} meio inconscientemente,
como se ^{filho} não houvesse nascido
ainda e ela esperasse, de um
momento para outro, escutar-
-lhe o choro junto a seu rosto.

Mas o carro finche-
ria tão depressa que também
pensei que o pequeno caixão
escorregaria para o chão e o an-
joinho cairia no asfalto, envol-
to em flores, a camiseta bran-
ca e o diadema de prata com
estrelas brilhando ao sol, o cai-
xão se quebrando como casca
de ovo. Então a mãe teria
desmaiado e o pai levantaria
a criança e seguiriam os três,
contritos os pais e chorando nos
pálpebras mortas do filho ~~ido~~
perdido.

Jun. 13 -

Atualizando friamente o momento e se forçado a concluir que absolutamente não se tem uma penosa a quem se possa abrir a alma e o coração em confidências que não fazem tão bem! Mas, os poucos a quem, pelo menos, se poderia abordar sem medo, esses não compreendem nada, como se fossem corpos sem alma e sem problema. Dos outros a precaução, e todos os demais sentimentos que, no fim, estão ligados ao sentimento instintivo de conservação (mesmo o amor-próprio), a esses não devemos abordar.

93
Jun. 14 -

Lembro-me de que, quando comprei este caderno juntamente com outros idênticos para o romance, minha idéia era fazer uma espécie de companheiro comigo mesmo de escrever diariamente aqui, nem que fossem os fatos mais vulgares ou mais reprováveis do cotidiano. Por isso mesmo surgiu o título "diário de bordo" e aquela série de imagens geralmente de mau gosto, ingênuas ou ridículas que existem no início.

→ A vantagem da constância em escrever talvez esteja em se manter a chama acesa, a oportunidade de se encontrarem expressões adequadas à apresentação do estado de espírito, a fixar imagens ou descobri-las para mais tarde poder usá-las.

No entanto, uma imagem pre-
determinada geralmente não
se adapta a comparação algu-
ma. Ela deve ser espontânea,
nascendo no momento, ou pe-
lo menos, ser recordada no
momento oportuno. Seria im-
possível ter-se uma relação
de imagens numa folha de
papel e, no desenvolver do
tema, ir-se empregando-as
e riscando da lista.

Também para fixar
os limites do estilo, definin-
do-o, não sei se esta constan-
cia será necessária. Quero
me referir à constância em
escrever diário, por exemplo,
quando se quer fazer roman-
ce. Porque o sentimento, a
sensação, o estado sentimen-
tal ou sensorial é comple-
tamente diverso quando se

95
faz crítica, quando se descreve
uma impressão cotidiana, ou
no momento em que se faz,
ou se pretende fazer, obra de ar-
te.

O poder de abstrair va-
ria de um para outro. A críti-
ca, exigindo consultas a livros
e a notas de diferentes espécies,
exige, por outro lado, uma gran-
de vivacidade de espírito, domí-
nio da obra que se pretendem es-
tudar, além de uma série de
termos e expressões comparati-
vas, e por assim dizer técnicas,
que mantêm o autor numa aten-
ção perpetuamente lúcida e diri-
gida. Há, por uma necessidade
de ação exterior, creio que a
capacidade, ou melhor, a neces-
sidade de concentração não é
tão grande ^{como} quando se cria.
Na criação, me parece que o

artista, por muito que tenha planejado sua obra, uma grande parte vai por conta de uma espécie de instinto ou vocação que domina o homem e o leva a tal estado de desprendimento da terra, vivendo com seu herói e identificando-se com ele, que uma vez mergulhado nesse estado ideal ele se realiza integralmente. Mas, essa realização integral está sujeita, naturalmente, ao valor próprio do artista e ao valor adquirido pela cultura e auto-compreensão e auto-crítica; daí a escala da produção, a variação do valor de homem para homem, de obra para obra. (Este estado ideal é ^{absorção} absorção pelo que produz, talvez seja a inspiração, mas inspiração é uma palavra por demais banalizada

97
e até mesmo empregada em sentido pejorativo.) Mas, esse sentimento que leva o artista a embriagar-se da idéia, a examiná-la cuidadosamente, a escariá-la nas curvas, mas discretas e escondidas, a pensar que a está dominando quando na realidade está sendo dominado por ela, esse sentimento é algo grandioso, maravilhoso, e quando o artista, mesmo mediocre, se sente mergulhado, preso, envolto por ele, nada mais importa que essa idéia, e a vida exterior fica perfeitamente relegada a plano secundário. E por momentos ele pulsa que nasce para justificar assim sua existência, que jamais poderá fazer algo com maior consciência de si próprio com maior espontaneidade de ação. É remissão, é exaltação,

e por tudo isso creio que fa-
maí o artista poderá ter consci-
ência plena e completa de sua
obra, pois, se sua ^{obra} ~~tese~~ é con-
scientemente dirigida num de-
terminado sentido, a sua maior
ou menor sensibilidade — mes-
mo o lirismo de suas imagens —
podrá inconscientemente levá-
lo para outro e por outro cami-
nho.

Quando chegará o tem-
po em que escreverei definiti-
vamente? Pois até agora — no
momento presente — tudo o que
escrevi e escrevo tem o caracter
provisório. Tudo o que releio me
traz desgosto e desconso. Talvez
eu persiga para sempre
meu ideal, e morra
num verde sonho, como o
poeta caçador de esmeraldas.

99

N/ Cheguei a pensar que o "mila-
que do trabalho" viria do alheia-
mento completo de relações com o
mundo de literatura, mas vejo
que não se pode facilmente dispen-
sar o incentivo, e incentivos são
opiniões que se trocam, são autores
que nos indicam, são longas con-
versas que se tem. E não existir
nada disso seria preciso então ha-
ver um profundo sentimento de
predestinação — ou um eterno
coração despedaçado. Arte é sofri-
mento sublimado, mas... para oír
será necessário ao homem estar sem-
pre submerso em angústia e dor?
E poderá essa angústia ser forçada
por esse desejo do inacessível,
nascerá dele, ou são as experiên-
cias, a "tragédia cotidiana" e seu
remorso que a trazem. Arte
sem sofrimento não será humana:
terá sido como uma flor, que

se abate sem gemido. Ou será
essa a verdadeira arte maior,
de filhos de deus e de homens, sem
deus mas, predestinada?

Jun. 22-

Verca-pira R.F. reconhe-
ceu-me, depois de muitas e mi-
tas vezes que nos cruzamos na
Rua da Praia e que nunca
me percebe. Decididamente o
"huixati" deve lutar com falta
absoluta de material. Poi foi
com o fim de conseguir meus
contos que me abordou. Disse
logo porque queria falar-me,
e replicou que no jornal "O
Estado do Rio Grande" (de que eu
jamais ouvia falar) estava sain-
do uma página literária a
cargo de "huixati" e toda aquela
gente e que já saíra um núme-
ro. Pediu-me dois ou três, mas

de um, enfim, e que eu mandasse
depressa. Então prometi que lhe
satisfaria e agradei a lembrança
de meu nome. Comprei na mes-
ma tarde um jornal para
saber da orientação política e
então resolvi mandar um
conto. Escolhi, e mesmo antes
de escolher, no momento mesmo
em que lhe falava, já sabia qual
em portaria de que fosse publica-
do: O Adolescente; e mandei Opi
entregar com um bilhete, depois
de haver feito cortes e ampliações
que melhoraram um pouco o
conto. Pelo menos creio que tivei
alguns lugares comuns e esclare-
ci melhor a ideia final de amor
próprio ferido.

Mas agora fico pensa-
do: porque queria mais de um?
para tê-lo mais a mão e
poder lançar mãos dele com fa-

cidade ou por que turciannana
relecionar, escolher o que lhe
parecesse mais acritavel?

Dize-me R.F. tambem
o dia em que se publicava
o suplemento mas não me
ponho recordar; talvez domingo.

Jun. 29 -

Sendo muito dispersivo,
creio que me iludindo demais
com a vida, com as alegrias
fáceis e vulgares da vida: este o
caminho certo do ser mediocre.
E como é facil e agradável
sê-lo! basta sair para a cidade,
encontrar amigos e rir do que
dizem (muitas vezes coisas real-
mente humorísticas), e beber
um pouco para que o tempo trans-
corra mais facilmente. Lembra-
-me das pedras redondas do fun-
do dos rios. Assim ficaram

103
pelo movimento das águas e pelo
seu próprio movimento, conse-
quentemente do outro. Bebe-se para
as arestas desaparecerem.

E no meio de tudo isso
tenho perdido observar tantos tipos
e tanta gente... Como é grandiosa-
mente estranha a humanidade!
Em certos lugares, nos lugares
aonde os vícios melhor se mostram
é onde mais inteiramente se po-
de conhecer o homem. Nos luga-
res escuros e escondidos, como
se numa espécie de cumplici-
dade unisse melhor as pessoas
e fizesse desaparecer a neces-
sidade de dissimulação. Há e
que elas abrem os olhos, apresen-
tam seus problemas envoltos no
alcool e na fumaça mas, não
obstante, claros e inteiros, como
para os comparar com os de seus se-
melhantes. E é importante e

valioso poder-se perceber a evolução da embriaguez, como influe na sincera expansão dos sentimentos. (É difícil precisar o ponto de inflexão, pois ele existe.) No início tudo é apenas sondagem, que necessita ser recíproca, cheia de concessões mútuas; depois as palavras passam a ser inteiras, e é quando maior concentração se exige para a compreensão, pois em breve começará a surgir o desconcerto; talvez mesmo antes que o álcool o esgote a própria pessoa se acorde e persiga a necessidade de dissimular. Pois há sempre o pensamento de que o dia vai amanhecer. Mas é aí nos seus lugares, aonde se revelam os vícios e aonde se degrada a humanidade, é aí que melhor se podem estudar os sentimentos do homem. Por-

105
que talvez todo o sentimento humano tenha fundamento no instinto, e numa degradação animal. O homem está mais próximo de sua origem, — do começo. Compreendo melhor a obra de Dostoiévsky nos seus lugares, a razão por que seus tipos desdobrados e desencarnados eram vivos em viviam nos ambientes. Há o homem, apesar de tudo, é melhor, mais sincero consigo e com os outros. Embaralha-se menos de si, porque a igualdade, o ponto de contacto são mais comuns; compreende que, seja qual for o problema diferente do seu, em espécie, não o será em condições: ninguém conseguirá provar-lhe que o outro não tem o seu próprio enigma. Há a necessidade de expansão e liberdade — de apoio e compreensão.]

É estranho como agem com naturalidade, com simplicidade — até mesmo convictos, parece; e se não amanhecesse é certo que não se arrependeriam de nada. "No princípio havia trevas sobre a face do abismo". Uma espécie de estado de graça, ou identificação com a origem do ser. "e para fazer reparação entre a luz e as trevas; e viu Deus que isso era bom."

Houve tarde e houve manhã.

Julho - 2

Recebi de Natal, escrito por José Gonçalves de Medeiros que não conheço pessoalmente, "Castro Alves - Amor e Revolução". Li e gostei, e escrevi uma carta ao autor agradecendo o livro que me mandara com dedicatória muito bonita. Lenine me fala

107
sobre a carta dizendo "que foi a coisa mais séria, a mais pessoal e a mais bonita que se escreveu" sobre esse livro e que a publicará nos suplementos do Norte. Agora R.F. sugeriu que eu escrevesse uma nota para o suplemento Quixote, quando lhe falei sobre o livro de José Gonçalves, e talvez eu pudesse mesmo fazer isso, examinando mais detalhadamente o volume e, de certa forma, comparando com o ABC de Castro Alves, por Jorge Amado.

A poesia de Castro Alves, ou melhor dito, a poesia nacional quasi nunca me toca fundamentalmente, ou por me parecer falsa, forçada, anti-natural ou, quando modernista, por ser abstrata demais. Naturalmente digo isso sem grande conhecimento de causa, pois não li ainda as obras completas de nenhum poeta brasileiro.

ca sua intenção de procurar, "num poeta, valores que postos em contacto com o nosso tempo sofram o menor possível de restrições de nossa parte." Com esse ~~mesmo~~ intuito José Gonçalves percebe em Castro Alves "vacillante mas intensa" a força de um grande sentimento e um notável talento descritivo. E adverte: "esse aspecto porém, não nos pode levar a considerá-lo um fim ou um valor maior do que todo o outro. Separamo com ele, sobretudo sábios, foi do contrário nos seremos perdidos."

No capítulo intitulado "A Nota a Lapa", José Gonçalves faz um confronto entre as personalidades do poeta e de Tobias Barreto, afirmando que os trabalhos de ambos "esam sobretudo o fruto de uma causa que orientação universal da poesia e da arte". E ao

199
dizer que o poeta "morreu muito antes de se iniciada a campanha propriamente dita da abolição", razão por que não pode nós "tocar superficialmente em seus aspectos penfências, confere a Tobias o dever de explicar os origens e consequências dessa abolição, o que não fez Tobias Barreto, embora vivesse muito anos mais que o poeta, talvez por uma "cobiza, desejo de ser nobre, crescer e mandar." Neste ponto José Gonçalves ^{apoiar} ~~enfatiza~~ os palavras de José Amado sobre Tobias: "orgulho e ambição (in O ABC de Castro Alves)". No pensamento do poeta há uma "constante revolucionária", diz o ensaísta, e acrescenta que apesar de "um tanto banais e retóricos, Castro Alves demonstra por sua preocupação muito séria pelo destino dos negros", sendo desta raça o maior poeta, incorporando, com "O Navio Negreiro", a poesia brasileira à poesia social da

América, e superando-a.
Nos dois capítulos seguintes:
"Invisível como Schib" e "O Amor
negro", José Fancalves estuda o
~~tema~~ amor como um dos temas da
obra de Castro Alus. No primeiro o
amor experimentado pelo poeta mesmo,
^{em} ~~nas~~ diversas experiências, ~~do poeta~~
e no segundo o "amor proibido, es-
túpido e anti-higiénico dos cativos,
em qualquer lugar: na mata, nos
currais, na senzala," e a maneira
como o poeta se exprime, principal-
mente em "A Cachaia de Paulo Affonso".
Estudando o assunto, o jovem escritor
nataleense assevera que, "principal-
mente na lírica", a poesia de C.A.
apresenta altos e baixos, por ter feito
"grandes concessões ao gosto de seu
tempo", talvez fruto da vida que
levava, ~~o poeta~~, tornando-se "frívolo
e superficial", e ansiando por
popularidade. Não a populari-

113
dade de Castro Alus, que conforme
se lê em Jorge Amado chegara à
exaltação popular, e lembrando que
o poeta "fez do amor um mundo de
novas e sensacionais experiências, um
poço de pura satisfação de sua vaidade
de moço belo e inteligente", o
autor compara Castro Alus a Oscar
Wilde, pelo que ambos sonham
tirar "do segredo da palavra, da elegân-
cia e da beleza pessoal". De início
chocante, essa comparação, pelo ponto
de contacto que José Fancalves põe
em evidência, é perfeitamente ca-
brível. É ^{no} ~~tema~~ ^{excone} aqui o diálogo
entre Fide e Wilde: "O melhor de
ti, tu o falo; por que não o escreves?"
E Wilde responde: "Quero saber o gran-
de drama de minha vida? — é que
fui o ~~gênis~~ ^{gênis} ~~o~~ meu gênio; em
minhas obras nada mais fui que
meu talento" (Oscar Wilde — por Audi-
fide). — Mas, na interpretação do

Kruel

~~Los Placeres y los Días~~
~~The Moon and Sixpence~~
Marcel Proust

Ostajole

Penamientos de Napoleão
Dors do Mundo

Gilberto

Qui é el Existencialismo

João Machado

Dietrich Oberlin

Luz

~~Idiota I e II~~

Marcelo

Apogia del Cristianismo

Handwritten text, likely bleed-through from the reverse side of the page. The text is faint and difficult to decipher but appears to include the words "Handwritten" and "the" followed by some illegible characters.

Handwritten text, likely bleed-through from the reverse side of the page. The text is faint and difficult to decipher but appears to include the words "the" and "the" followed by some illegible characters.

Handwritten text, likely bleed-through from the reverse side of the page. The text is faint and difficult to decipher but appears to include the words "the" and "the" followed by some illegible characters.

Handwritten text, likely bleed-through from the reverse side of the page. The text is faint and difficult to decipher but appears to include the words "the" and "the" followed by some illegible characters.

amor negro, "êne amor de sangue
fermento, eêne amor de homem es-
prantado", José Gonçalves de Me-
deiros vê no verso do poeta, "toca-
do por uma grande força de realis-
mo e interpretação do sofrimento
sentimental da raça escrava," ne-
nem verso a responsabilidade
pela "dedicação e ardor com que ele
e seus contemporâneos se dedicaram
ao abolicionismo."

Nos capítulos finais do
estudo sobre o "poeta dos escravos"
continua José Gonçalves a ^{especificar} ~~analisar~~
o ponto em que de maior
ou menor êxito de Castro Alves.
Diz, por, que "a aureola de luta que
envolveria sua mocidade, o presti-
gio de agitador, não permitia que
ele se sentisse a vontade sendo
um épico", por isso que "anexa-
mente a impetuosidade do poeta
que deixa o amor para cantar fatos

115
guerreiros ou personagens históricos."
Mas reconhece nele "um novo e abun-
dado romantismo" e afirma que "sua
poesia está toda ela inundada de um
forte hálito de seiva, de um cheiro
humido de mata, de campo e de floresta."

Por fim, "Castro Alves - Amor
e Revolução", um estudo de peque-
na dimensão mas sincero e
desapaixonado, premiado pela
Diretoria de Documentação e Cultura
da Prefeitura do Recife, é um li-
vro necessário e útil a quem dese-
ja conhecer um poeta ~~to~~ mas só
em sua qualidade mas também
nos seus defeitos.

Julho 9 -

Então estou organizan-
do meu arquivo de cartas, cartas de
amigos que escrevem "contos e
crônicas" e que esperam, ou espe-
raram, ser alguém em litera-

tura; e lamentei mais uma vez
minha bagagem perdida, pois
dentro do colete havia todas
as cartas recebidas em Natal
durante 1947 e outras tantas em
Regende, cartas de Chico e Dalton,
e de família.

→ Quando se reli uma
carta recebida há tempos, em
tomos de nós faz-se aos poucos
aquela mesma atmosfera que
nos envolvia quando a recebe-
mos; procuramos descobrir o
motivo, a razão de todas as
palavras, das frases, dos assun-
tos, e, assim de longe, pode-
mos melhor avaliar o valor
dessas cartas, como nos comfor-
tam ou desagrada.

Também me parece que
minhas cartas, escritas nos anos
de Escola Militar, e naquele
ano ímpar de Natal, seriam

112
um roteiro seguro à interpretação
de meu pensamento, de sua evo-
lução, dos problemas que mais
intensamente me preocupavam
e aborriam naquela época.
Lembro-me que os cartas de Re-
gende deixaram aos poucos de
ser descritivas, — como haviam
sido as da Escola Preparatória
de Porto Alegre — para exprimi-
rem minhas reações em pre-
sença de um fato, ou procu-
rar mostrar meu íntimo,
e muitas vezes meus mais
secrets pensamentos. Principal-
mente as cartas a minha ir-
mã Cora. Mas, recordo que en-
tão não era muito claro em expor
a situação; era deliberadamen-
te obscuro, e triste, e trágico
por necessidade e natureza o
que fazia muitas vezes mi-
nhá irmã preocupar-se por

min. Mas também ela possuía
seus completos estados d'alma,
e recorria a mim, e nos con-
solávamos mutuamente.

Quando nos reunimos
todos aqui em Porto Alegre, pen-
sei reler todas essas cartas a
fim de me situar melhor
em presença de fatos passados,
de uma época completamen-
te diversa da actual; queria
mesmo estabelecer uma espi-
cie de curva sentimental, e
verificar se houve alguma evo-
lução em meus pensamentos e
soluções de alguns problemas: de-
sejava ter um pouco do passa-
do objectivamente em minha
frente, já que perderei a auto-
biografia ingênua e sentimen-
tal. Mas, para minha surpre-
sa e decepção, soube que as
cartas haviam sido rasgadas

179
e queimados, e tudo isso pouco
tempo antes, quando a bagagem
foi preparada para a partida;
já que "vamos para junto dele
nada mais precisa guardá-la". As-
sim, pois, nada mais pude fa-
zer nesse sentido de apreensão
objectiva do pensamento passado.
Cartas são, em certos casos, como
notas que se escrevem sobre um
assunto que mais tarde desapa-
recerá desenvolver; que nos auxi-
liam em proveito de um me-
nor esforço de memória sobre
um determinado facto ou épo-
ca. Numa tentativa de reconsti-
tuição de factos é indiscutível o
valor de uma presença, da presen-
ça de coisa ou pessoa. Muitas
vezes, ao passarmos por um lu-
gar onde determinada cena se
desenvolveu, tudo nos volta cla-
ro e pungente como naquele

momento passado, e conforme a natureza do que se recorda, nova aplicação é muito maior, agora que tudo passou, ^{relembra} o que nos levou a aqui daquela maneira, e está sempre presente a dolorosa sensação do irremediável.

Outras vezes, quando revemos a terra de infância, é como se conservássemos um sorriso nos lábios, enquanto se percorre os lugares que significam para nós uma nova experiência, ou a descoberta de nova sensação. Então certo entusiasmo e ternura nos domina e perdemos a noção dos passos no chão; é um pouco assim como se fossemos levados por uma nuvem, ou se deslissássemos sobre as águas, talvez transportados por um grande

127
e belo cisne — um sentimento indefinível, afinal, como um sonho. É o passado que volta, a infância, a sagrada e inocente infância de que não devemos nos separar por muito tempo: pois enquanto a tivermos em nós é uma possibilidade de salvação que possuímos.

Julho 25 —

Tenho desejado escrever neste caderno bastante coisa, que se têm passado comigo neste mês de julho, mas sempre acontece uma coisa qualquer que me impede de realizar esse desejo. E, assim, creio que como sempre desaparecem e deixam de ser ditos.

Foi em dia deste mês que me apresentei a minha nova cidade, a Escola Prepa-

ratória, onde estudei durante três anos, lugar em que descobri muitos pontos importantes de minha personalidade (pontos decisivos), onde comecei a me encontrar e a me perder, a encontrar ideais e perder ilusões. Tenho lembrança, por exemplo, de como minhos cartas a Cora foram se metamorfoseando, atirarem, ao fim do terceiro ano, quasi sempre feitas de desespero. Quando foi se esclarecendo e se definindo em mim um conceito instantâneo de liberdade e a consciência desse sentimento. Como um acordar, essa época, mas, um acordar doloroso de quem abre os olhos sobre uma onda maravilhosa de espuma, e compreende que submergirá em breve, e inevitavelmente.

Assim, pois, a volta

123
a essa Escola foi como o fechamento de um ciclo evolutivo, e nos primeiros dias vi sob o peso de todas as recordações que cada canto me inspirava. Recordei diálogos, acontecimentos, alegrias, angústias. Pensei depressa por certos lugares, com medo de mim mesmo; e observando detidamente o elemento humano que agora lá vive, que sofre as mesmas experiências por mim vividas, vários vezes me surpreendi ante a identidade entre os tipos desta turma de alunos e os da minha própria turma. Uma série de tipos característicos cuja identidade é quasi perfeita e que até mesmo nos choca e amedronta porque dá-nos a impressão passageira de que se pode reduzir a humanidade a tipos padrões que se repetem seguidamente. Na ver-

dade, há os traços comuns, em que a psicologia se fundamenta, mas nunca se pode generalizar, porque para um indivíduo que se comporta até ao momento presente como outro anteriormente conhecido e estudado, pode corresponder uma reacção totalmente diversa no momento seguinte, pois pode haver, em presença de um facto, várias maneiras de agir, e devemos, pelo menos, esperar duas reacções, uma inversa da outra, para não nos surpreendarmos.

Pensei que ao sair do Regimento obtivesse minha dedicacão à literatura, mas nada tenho feito e 1950 continua frio e frio, como devem ser as noites do Sahara. Nem mesmo a literatura me atrai. Envia vários livros

125
mas logo os abandono por outros que comprou, e sinto que aos poucos minha pequena biblioteca vai-se tornando uma estante dessas bibliotecas públicas de livros doados que jamais são lidos. Mas ainda espero salvar o ano de 1950, ou ser salvo por ele.

Certo passado sempre que um trabalho meu era publicado eu sentia necessidade de escrever novo conto, uma espécie de responsabilidade que eu vinha crescer. Pois semana passada "O Estado do Rio Grande" publicou "O Adolescente" e foi lido sem o menor estremeamento, com a maior indiferença. Tenho medo que isso seja o conformismo que chega e que me dominará para sempre. O comodismo profissional de quem recebe os ensinamentos

no fim do mês, paga as despesas e se diverte com o restaurante, e se esquece, ou desconhece, os compromissos maiores e mais dignos de realização e de consciência (o direito, o dever, a possibilidade de se justificar).

O único livro que consegui ler por completo foi o maravilhoso volume das cartas de Rilke a um jovem poeta. Constantemente me confundi com o R. Kappus, e em certos momentos era como se as cartas tivessem sido escritas para mim. E há nesse livro cursos verdadeiramente dolorosos e pungentes, que nos lançam em tremendas lutas de consciência. Há perguntas como esta: "Moneria se não me fosse permitido escrever?", em que nossa consciência é tremendamente abalada e nos

127
sentimos imensamente tristes e medrosos de entrar em nós mesmos e procurar "a necessidade que nos faz escrever". Será realmente forte e inevitável essa "razão"? E esse livro é também de uma imensa tristeza, ao por de sua sabedoria, e poucas vezes, uma palavra tem um tecoado tão fundo como esta:

"... Mas sou muito pobre e os meus livros, logo que aparecem, deixam de me pertencer. E nem sequer posso comprá-los, como muitas vezes desejaria, para os oferecer àqueles que lhes querem bem."

Da última carta:

"Um modo de vida que nos provoque e de vez em quando nos exponha às grandes crises da vida, é o que nos é necessário"

C ainda tenho para dizer esta noite que Celeste voltou de um mês parado fora, e me trouxe um pesado pote de azeite que procurou longe da cidade e trouxe no colo até aqui, porque posto de azeite, e para fazer penitência - disse ela - por não ter ido a missa pela viagem no domingo. Quando chegou e me disse, lembrei-me da viagem que fiz no Nordeste e que no trem uma moça levava flores de papel com todo o cuidado, como se cumprisse uma promessa, sempre segurando com a mesma mão e sem se descansar no colo.

129
Julho 30 -

Está um domingo escuro e calado. Olhando pela janela, vejo os telhados e as paredes dos edifícios e sua imobilidade me faz fulgar que não existe vento algum, e que tudo está morto. Mas, à esquerda, o verde escuro de um abacatião se desmancha em folhas, levemente, e as roupas estendidas também se movem devagar. É uma criança anônia. O mais, é o rumor longínquo da cidade, os carros que passam na Avenida Farrapos e, de vez em quando, o bardo Floresta na frente. Nada tão longínquo, mas me parece que sim, porque o desejo.

Este certo ponto, e em muitos dias de silêncio - principalmente aos domingos - meu quarto é quasi a minha "foia". Não vejo ruas, aonde passam

penso e apenas me lembro de
que existem, pelos ruídos que
são até a mim. No quadro
da janela cruzam, às vezes,
aviões que são, dentro de meu
quarto, a mais objetiva visão
da humanidade em movimento.

Sempre desejei possuir
uma fase de silêncio e recolhimen-
to. E lembro-me que por
muitos anos me perseguia a ideia
e o desejo de morar numa casa
com uma pequena torre onde
instalaria uma biblioteca e
me recolheria para pensar e
escrever. Sei que essa ideia
tem um vulto quando, na Es-
cola Preparatória, li um livro de
Erico Veríssimo que falava muito
numa "casa da torre" que me
pareceu ideal. Depois disso as
casas que mais me agradavam,
no Rio, em Recife, ou ainda

437
em terra andado, eram aquelas
que se elevavam num determi-
nado ponto em que eu pudesse
estar só, tranquilo, e pronto
para realizar alguma coisa,
ou para me preparar e obter
esse prêmio.

x Meu quarto, agora, con-
segue às vezes realizar essa
intenção de silêncio e recolhimen-
to. Mas, por não ser conti-
nuo, por ser acidental e para-
peiro, não produz o que fora de
se aguardar. Não obstante, serve
para manter em mim esse
anseio, fazer com que me lembre
dele, e sentir sua aproximação.

Espero (e compreendo que
um dia chegará) o momento de
reclusão, embora doloroso como
há de ser. Lembro-me das pa-
lavras de Dostoiévsky: "sem
sofimento, que prazer pode ha-

ver na vida?" e aceito profundamente esta verdade. O prazer realmente fértil e útil terá sempre nascimentos e origem no sofrimento, no sofrimento vencido, sobrepunhado - trocado por outro, talvez. É de sofrimento em sofrimento que o homem forma sua personalidade ^{valiosa} valiosa: sem sofrimento ele não terá necessidade de se definir, de escolher, pois o prazer quasi não se percebe quando não é acidentemente esperado. E essa espera faz o sofrimento.

A reclusão talvez seja um pecado. Pois é uma fuga da convivência, da cooperação. Mas, se uma reclusão for ativa pelo pensamento e pela obra, o homem terá salvação sua dividida para com a humanidade, para com o povo e a vida. Não

179
uma solidão passiva, morta, feita de comodidade e medo. Pode ter sido originada pelo medo, mas é necessário que esse sentimento seja fundado em atos consumados e não por realizar. Não temer sombras, mas fatos. E não se arrependem de haverlos cometido: procurar compreender ~~de~~ que foram inevitáveis, por que insistentemente desfeitos; seja qual for o resultado das experiências, procurar torná-lo útil a ~~si~~ ^{si} e aos demais. Existe o medo de fazer e o medo de haver feito. O primeiro é muitas vezes covardia; o segundo pode ser arrependimento ou remorso, se não agirmos em plena consciência de nosso valor. Transformar este medo positivo em exemplo e obra, é valorizar a existência e até certo ponto

to justificá-la. O medo e a vergonha, com origem na infância e na religião, são inevitáveis: a inteligência adulta deverá saber compreendê-los, aceitá-los e interpretá-los transformando-os em sentimentos ativos e criadores. Com eles vem o sofrimento, mas, dessa interpretação nascerá o prazer, sentiremos capacidade de anular o sofrimento.

Será então ~~que~~ a joia ~~será então~~ encontrada somente após o final do medo passivo? ~~Mas~~ ^{Mas} ~~Porque~~ muito antes do fim o medo de realizar terá sido completamente anulado pela soma de realizações que terão provado e conhecido ao homem o que lhe convém — aí terá ele os contornos limites de sua personalidade e agirá

175
tão somente dentro deles. Terá compilado e completado seu catecismo e não mais fugirá dessas normas porque não necessitará mais de experiências perigosas: pois antes de encetá-las já conhece o alcance delas. (Terá estudado em si a origem do fato, sua realização, e consequências.)

Naturalmente muitas experiências, que podem também ser das mais importantes, não sefarão ou não necessitam ser levadas a efeito por nós; ou porque não as desejamos, ou porque a experiência alheia nos terá convencido do mal ou prejuízo que acarretam. Talvez, insensivelmente, nossa própria ação esteja agindo dessa maneira com relação a outras pessoas. É útil muitas vezes pensar assim e esperar que assim

seja, não como uma fácil
justificação a novos erros pas-
sados ou futuros, mas como
o pagamento de uma dívida
que iniciamos ao nos aponhei-
termos da experiência alheia.

Pensar sempre, para
que novos atos jamais sejam
inconsequentes. E començar-
se de que jamais o são: pois
que há uma grande corrente
dentro de nós, e que nos liga
intensamente aos outros, e a
todos os outros.

Não simplesmente aceitar
a vida má, e sobretudo, sofri-la,
interpretá-la e dirigí-la a um
fim que tudo justifique. Heredi-
tar em si, e nesse objetivo, até
o momento em que ficar pro-
vado a inutilidade desse ideal,
ou a impossibilidade de real-
izá-lo. Então, ter a coragem

137
e a força de substituí-lo.

Tudo isso a vida exige
de nós. Portanto, dependendo uni-
camente de nós, é grande a
missão que nos foi confiada.

Aposto 2 -

É preciso fazer alguma cou-
sa — além de estar procurando o
que dizer, por exemplo, sobre esta
pena que não sei a que me pertun-
ceu, uma vez que a apanhei no
campo e a escondi no meu bor-
nal. Talvez seja, hoje, o prolonga-
mento da vida desse animal,
o seu legado (ou uma insip-
ificante parte dele — já que
deverá ter deixado filhos pelos
espaços vazios). Aqui está mu-
da e inalterada — imóvel. Ina-
nimada, como o cingelo de pe-
dra ou o berço de madeira da
mata-borrão. Mas é soberba

pelo que exprime de vida: criação e desenvolvimento (a utilidade quasi consciente de entretar e proteger o pássaro). Nela passam esse misterioso fluído de vida que não foi ainda substituído pela morte: apenas estacionar. Não é como um anel que recebemos na infância, ou uma corrente que trazemos presa ao pescoço e é guardada como reliquia quando morremos. É mais que isso. É assim como uma trança, um anel de cabelo que se conserva e se venera por ter crescido e vivido com alguém. Sim, as penas ~~dos~~ pássaros são como o cabelo das mulheres (e quantas vezes se comercializam ambos!), e servem de adorno e de reliquia.

É preciso fazer algo.

Aposto 3 -

Não foi unicamente para escrever "Aposto 3" que me sentei à mesa e abri este caderno. Mas também não foi para descobrir sobre um assunto pré-estabelecido. É por isto fiquei tantos minutos parado, sem saber o que dizer, e com medo mesmo de deixar escrito apenas a data.

Neste momento não estou mais esclarecido que no início sobre o que disse, mas essa mesma indecisão ou ignorância, ou falta de previsão, se reflete muitas vezes nos atos de minha vida. No desejo de buscar as fontes desse proceder justifico como sendo em virtude de eu sempre ter tido que procurar e descobrir por mim mesmo todos os mistérios e lugares sombrios da vida. Não ter tido um orien-

tedor, mãe ou pai ou irmãos.

Aposto 6 -

Depois de cerca de duas semanas de frio e dias de chuva e cinzentos, o sol inunda a paisagem e o céu descobre-se para mostrar um azul puro e intenso que atrai novos olhos e nos leva a deixar a paz num lugar distante e desconhecido.

Ao escrever a palavra "irmãos", na última vez que escrevi neste caderno, cheguei a notícia da morte de uma conhecida da família, Hilda, que morei sozinha lá pelos cinquenta anos. Sai, então, para o velório na Capela da Beneficência e ela estava lá, tranquila para sempre, vestida de branco num caixão também branco, com

141
um ramo de violeta nas mãos, dois ramos fritos à cabeça, e amores-perfeitos semeados pelo vestido e que foram murchando aos poucos. Assim envolta em flores, me pareceu que depois de mortas as virgens são como cantueiros de jardim, floridos, e que desde então germinam flores na intenção pura e perfeita de gerar filhos. Os quatro belos cisos espumavam chama, esquias e ^{perceidas} amonias, quasi sempre, se movendo misteriosamente, às vezes, como se alguém ardesse para apazá-las. / fulguei que ao voltar de manhã cedo as velas, estivessem desaparecendo na taca do cestical, mas ainda estavam grandes e acesas, naquele silêncio todo. / E Hilda imóvel e gelada na madrugada de chuva. Morta. A morte

implacável, impenetrável, indefinível que ela desfez e esperou: "Não quero que me levem para casa: deixa sempre uma impressão hominil. Quero um caixão branco, o mais simples que encontrarem. Meu vestido branco já veio de casa? quero que me vistam de branco. Seria bom que parasse a chuva: é tão aborrecido enterrar com chuva. Se fizesse sol!... Quero morrer de madrugada, para que vocês não pensem uma noite inteira me velando." Isto tudo ela disse e desfez. Mas quanta coisa mais não desfez, sem dizer, a vida toda e sem ser jamais atendida! Hilda retocava fotografias; uma ponta muito fina num lapis preto, e a paciência de ficar (por horas e horas) sobre o vidro da chapa corrigindo rando e espinhos

143
nos rostos das moças que querem ser mais bonitas. Desde Passo Fundo em a vi retocando (as chapas.) Falava com a gente sem se desviar do trabalho, o lapis na mão e as manchas desapareciam do sob aqueles breves traços que purificavam as pessoas e as deixavam contentes de sua beleza que a máquina revelava. (Hilda morreu do coração) Que de desejos não sonhou! Inclinação e laura sobre as figuras desconhecidas que acariciava maciamente com a ponta do lapis, quanto sonhos não teve!

Agosto 15 -

Antes cheguei mesmo

a pensar:

— Será que se transforma inexplicavelmente o que escrevemos? ... ou seremos nós

que nos transformamos inconscientemente?

(Por que quantas vezes não relemos com ironia ou desengano o que escrevemos, com tanto amor e entusiasmo.)

Aposto 16 -

São três horas da manhã. Depois de me convencer de que será impossível dormir mais, e achando insuportável a cama, levanto-me. Desde domingo que uma dor me persegue. Segunda-feira aumentou e entem tornou-se insuportável ao ponto de me fazer chamar um médico. Disse nada ser de grave, apenas uma neuralgia como consequência de friagem. Mas é uma dor irritante, pior que dor de dentes, continua e agarrada às costas, perto ao pescoço e à espinha, como um

morcego.

145
Agora, aqui sentado, a cabeça apoiada à mão esquerda, o cotovelo na mesa, a dor quasi desapareceu. Desapareceu totalmente, mesmo. Mas, se eu me metter... os músculos, em seguida reclamariam e ela voltaria impiedosamente.

Também como consequência do frio, tenho os dedos das mãos invadidos pela frieira, principalmente perto às unhas, o que me dificulta fazer a coisa, mas ao mesmo tempo serve para fazer notar como os dedos são cotidianamente úteis.

Preciso fugir do inverno, ir para um verão que não cene. Lembro-me de Natal. Talvez também Cáceres. Desde Cesiar que penso em servir em São Luiz de Cáceres, mas não ouso

me decidir. Afinal, são tantas as
circunstâncias solicitando e negan-
do.

Há um profundo silên-
cio no edifício. Neste momento
parei de comer a pena e simi-
lamente o despertador que não
sei por que desconhecido eco pa-
rece ser dois relógios trabalhando.

Vejo minha face na
calota metálica da lâmpada
de escritório. O rosto alongado
pela convalescença, as sobrancelhas
alongadas e curvas, o nariz mais
grasso, meus lábios muito mais
pálpidos do que realmente são.
Mas, será também do metal
convalescente que vem uma tristeza
a meus olhos? Talvez. Pois me
esforço por pensar numa coisa
alige e boa e eles insistem

147
na mesma expressão de angústia.
Lembro-me do São Francisco de
Assis de Portirroni. E também a
deformação, o alongamento da
mão apoiando o rosto e a man-
ga do capote cingente que no
espelho de metal parece mais
larga que minha cabeça, tudo
me traz à mente os santos de
El Peco. Mas, tudo isto sem
querer diminuir meus pecados,
ou minha ~~afirmação~~ distância
do que é belo ou sagrado, sim-
plesmente uma lembrança.

Para de quatro horas.
Tentarei dormir. (O bento de
um automovel na avenida
Farrapos — agora uma carreta).

Aposto 18

São 8.30 e me encon-
tro quasi na mesma situa-

cas de anti-entem. A custa
de infecções durmo e passa a
dor, mas amim somente o
efeito é atacado. O processo
continua sem movimentos,
principalmente para frente e
para trás; para os lados posso
movê-lo porém lentamente.

Não tenho podido ler.
Hoje vou tentar pois, pelo me-
nos agora, a dor quasi não
se faz sentir. Mas é difficil
encontrar uma posição satis-
fatoria.

É realmente desalenta-
dor; ou o quartel me toma o
tempo inteiro ou uma doença
que me deixa em casa não
me permite ler.

Enfim, é bem verda-
de que não há de minha par-
te a necessária dedicação e o
necessário amor aos livros.

149
hora, a perar do escrito, eu
o esbanjo em conversas im-
tos, sem ter a concentração
a capacidade de abstracção ne-
cessária. Ultimamente tenho
me dispersado demais, não me
fixo em nada e esbanjo meu
firmamento também. E, infeli-
mente, em atos vulgares, nem
vida nem obras grandiosas. Se
eu morresse hoje, por exemplo,
meu nome não renharia mais
do que um mês. Ou nem isso,
talvez somente até ao sétimo
dia, na miséria.

Mas minha letra está
incompreensivel, muito por
que de outras vezes, pela posi-
ção em que me encontro, sen-
tado à cama e o caderno
sobre um tranqueiro.

Agosto 19 -

Antem inicié a leitura de
"Vida de Don Quijote y Sancho", de
Maramba, e pareo a todo instan-
te maravilhado com esse livro
tão belo e profundo, com a força
de análise e interpretação do autor.

El sepulcro de don Quijote:
y en tanto a hoy, todos esos
miserables están muy satisfechos
porque hoy existen, y con existir les
basta. La existencia, la pura y mi-
da existencia, llena su alma toda.
No sienten que haya más que existir.

Capítulo IV:

Don Quijote, "tu triunfo fue siem-
pre el de orar y no el de cobrar suceso."

Capítulo V:

Belísimos capítulos ese.

"Te debe importar poco lo
que eres; lo cardinal para ti es lo
que quisieras ser. El ser que eres no
es más que un ser caduco y perecedero."

re, que come de la tierra y al que la
tierra comerá un día;

E mais adiante, quando
se refere a Cidás e à sua "queda":
"y desde entonces empezó a ser más
que hombre, tomando fuerzas de su
flegueza y haciendo de su degrada-
ción su gloria y del pecado cimen-
to de su redención."

Maramba vê em Don Qui-
jote e seu escudeiro sempre um
sentido de grandeza bíblica e o-
tra, sempre relacionado a Sto. Inácio
de Loyola, e mesmo a Cristo e ao
evangelho.

Dia 20 -

Continuo lendo Maramba
e me surpreendendo com esse li-
vro tão importante e curado.

y pero todo lo demás que
Cervantes nos cuenta... (78)

No es que Cervantes quisiera

encarnar en Don Quijote la justicia española, sino que lo encuentro así en la vida del Caballero y no tuvo otro remedio sino narrárnoslo cual y como sucedió, aun sin alcanzarle todo su alcance (83-84)

Me fe en Don Quijote me enseña que tal fue su íntimo sentimiento, y si nos lo revela Cervantes es porque no estaba capacitado para penetrar en él. No por haber sido un evangelista hemos de imponer fuera quien más adentro su espíritu. Baste que hay no haya conservado el relato de su vida y hazañas. (87).

Así, por, Wharman más concede a Cervantes más de que el papel de historiador, o mejor, de evangelista de Cristo Quijote. Que fe obra una tanto inconsciente de su mayor a más profundo valor. E argu-

menta: "y no os debe sorprender esto, lectores, porque no es quien lleva a cabo una hazaña el que mejor conoce los motivos por que la cumple" (84).

Conforme Agustín Escala-
rans, que estudia la obra de Mi-
guel de Wharman, este español
propugnaba un cristianismo quies-
cente, e para él, Wharman, "Don
Quijote queda así transformado
en el modelo eterno de todos los
apóstoles, los redentores, los confe-
sors y los mártires de la Humanidad".

"Duerdate de que tus enemigos
se han de morir" (77) Miramos más
que somos padres de nuestros porvenir
y no hijos de nuestro pasado. (82)

El fin de la justicia es el
perdón - (o Cap. XXII e a argumenta-
ção sobre justiça: castigo e perdão)

Ag. 27 -

Acabo de reler "Dreia" e
"A proximão". Fortei de fazê-lo, mas
me senti imensamente longe
deles e não compreendo mesmo
tudo o que fiz para espôr esos
ideias. Dreia começa muito mal
e é por demais turbado, um
pouco confuso, deliberadamente,
na verdade, mas, está ainda
muito longe de constituir uma
obra de arte. Talvez ninguém
mais o entenda, ou pelo menos,
o aprecie, além de mim. Mas
fortei de relê-lo e de lembrar o
mar e mesmo Ag. que já se cason.
E esos lembranças me fizeram
sentir tão longe de mim... qua-
si como se fosse outra pessoa, a
do conto.

A proximão é um tanto
impênis mas, agradável, tal-
vez mesmo unicamente por isso.

155
Não tem valor constante, estavel,
e apresenta certas falhas que
nos fazem sentir por demais as
palavras. Enfim, creio que meus
contos já viveram. Nada mais
lhes resta. Quem poderia lê-los
já o fez. Esos demais, é melhor
conservar nêles apenas a esperan-
ça de os conhecer; e que ouçam
os comentários dos outros, que
muitas vezes nos fazem esperar
obras grandiosas. Pois a imagi-
nação supera quasi sempre a
realidade. E não ser quando
deparamos com algo de novo,
nunca visto anteriormente.

x
Tenho continuado a
ler Unamuno, por esos dias to-
dos em que a doença me abando-
nou e voltei ao trabalho.

É realmente um livro
necessário. Portava de examiná-lo

detidamente e escrever alguma coisa sobre ele, pois é obra de muita essência, e desse estudo eu poderia encontrar alguns conceitos necessários. Mas sinto que não o farei.

No entanto, a vivacidade, precisão e propriedade de *Uranurus* são qualidades que me fazem admirá-lo em quasi todas as páginas.

Sobre a morte:

"Mi cuerpo vive gracias a luchar momento a momento contra la muerte, y vive mi alma porque lucha también contra la muerte momento a momento" (137).

Este conceito, em virtude da palavra contra a luta contra a morte, (sublinhado por mim) me fez nesse momento separar *Uranurus* imensamen-

te de Rilke. Pois se aí está reconhecida a presença da morte na vida, a todo instante, também está expresso que a vida é consequência da luta contra a morte, e há nisto uma espécie de temor, de medo pelo fim.

E Rilke:

"Mais cela: contenir la mort, tenir la mort, dès avant la vie si doucement la contenir et n'être pas méchant, cela est ineffable" (IV Clé-
pia). Contê-la docemente. É muito mais elevação e pureza — ansia de perfeição — o que vem dessa submissão e esse ansio: contê-la e não ser mau.

Mais adiante, no entanto, à pag. 141, *Uranurus* aproxima-se grandemente de Rilke, por novo conceito de vida e morte. É quando ele fala sobre fé, e a considera a vida deusa e viva quando se

alimenta de diuinos. Exerene ele:
"la verdadera vida se mantiene
de la muerte y se renueva segun-
do a segundo, siendo una crea-
ción continua." E Rilke em
"Livre D'heures" (da traduçã e select
de Maurice Bety): "La grande mort
que chacun porte en soi, elle
est le fruit autour duquel tout
change". A verdadeira vida,
pois, mantém-se pela morte que
cada um traz em si, que deve
contá-la documente, sem se
preciso lutar contra ela.

Urammo continua:
"Uma vida sem morte alguma em
ella, sem desfacinamento em um
facinamento incessante, no seria
má que perpetua morte, repouso
de pedra."

E em Rilke também
existe uma ideia de vida como
sendo "uma continua oração";

159
um "facinamento incessante".
"Notre vie se passe à transformer,
(VII Elegia de Duino), e na III Elegia
exerene que "nous aimons en nous
l'immémorable fermentation".

"Os que não morrem, não se
vivem", continua Urammo, e
Rilke, em seu "Livre de la Paix et
de la Mort" reza a Deus, certo
dizendo:

"O mon Dieu, donne a chacun
sa propre mort,
donne a chacun la mort née
de sa propre vie
où il connaît l'amour et
la misère."

Ag. 29 -

Vida de San Quisote e San-
cho, por Miguel de Urammo -
um livro indispensavel.

Set. 8-

Levine escreve pedindo auxílio. O que pode fazer alguém que se vê solicitado quando ele próprio necessita solicitar? Por que a preta e o desespero? Em arte, e mesmo na vida, não se pode contar com o amadurecimento prematuro. Compreendo bem isso que o Chico me escreveu um dia; depois enviou-me os "conselhos a um jovem poeta" de Max Jacob. Remeti ao R. a "Carta a um Poeta" de Rilke, mas ele nem a havia lido e já escreveu esta carta que não sei como responder. Pois quando se considera a vida friamente, em tudo o que tem de material e vulgar, o dinheiro, o quarto, quando isso se faz, ele se sente chocado, como se se acordasse.

164
Set. 9-

Hoje o aluno diretor da Revista da Escola Preparatória pediu-me uma colaboração para o número de encerramento do ano. Embora deseje atendê-lo, estou para concluir que o melhor seria não fornecer trabalho algum. Pois, meus contos não podem absolutamente corresponder à ideia que fazem de um Vidente, um oficial que os põe em forma e os comanda; que ensina o que devem saber de um fuzil ou de um campo de instruções. Mas meus sonhos, me detém sobre o volume dos contos e fulgura que o mais leve e mais aconselhável seria "A Procinás", por ser apenas uma descrição e não conter ideias sobre problema algum. Por tudo isto sim, mas, eu também gostaria que fosse algo

que fizem pensar (aos que já costumam fazê-lo). No entanto, mesmo que fosse esse o conto escolhido, em qualquer conto, é tão diferente a opinião sobre a vida e as relações entre os militares que eu tenho, e que têm meus colegas oficiais... Nem me atrevo a pensar como receberiam um trabalho meu assim civil, destituído de doutrina militar, como costumam ser as colaborações de oficiais. Apenas um ou outro conhece na minha predileção, e se os alunos chegaram a saber, deve ter sido por intermédio de Tullio, que tem acompanhado meu pobre movimento literário.

Pensei que talvez fosse melhor fazer um artigo sobre um assunto de ordem geral, um pequeno ensaio... notas sobre

algum sentimento ou fato, mas não me ocorre o tema.

E até o presente momento nada sei. Talvez eu esteja pedindo de mim um amadurecimento absurdo para a idade que tenho. Pois não me sinto mais quando em contacto com os jovens alunos... e tudo o que escrever, e muito principalmente as proximidades, são as primeiras flores, que apenas enfeitam, e não frutos, que alimentam).

Set. 11

Talvez eu pudesse escrever um pequeno trabalho sobre iniciação literária, estudando o conto como forma de expressão sentimental e busca de estilo. Seria então um trabalho de interesse restrito a um pequeno número de interessados; no entanto, creio que

poderia conter algo de interessante
aqueles que no silêncio noturno
das Escolas Militares sentem neces-
sidade de dizer a si mesmos al-
guma coisa que os trabalhos exaus-
tivos do dia não conseguiram am-
pliar. Alguns assim como conselhos,
talvez, dedicados aos jovens "artis-
tas militares", que muito difícil-
mente conseguirão ultrapassar a
mediosidade, em virtude da
natureza dos elementos com que
são forçados a lidar durante a
carreira toda, e a inexistência dos
compromissos e serviços que esses
mesmos elementos lhes impõem.

Salientar, neste pequeno
artigo, o valor e a importância da
idéia, da forma, do plano ao
qual se deve ater-se, da infân-
cia como origem de inspiração. In-
ferir indiretamente nomes de gran-
des artistas segundo o valor

165
característicos de cada um, confor-
me expis no Departamento para a re-
vista "foaquim". Expressar idéias so-
bre a auto-crítica como valor fun-
damental da obra de arte. Enfim,
procurar situar alguém dentro de
sua própria realidade, fazendo
notar que para se fugir dos luga-
res comuns e do primitivismo dos
autores adolescentes é necessário con-
vencer-se de que sem o artesanato,
sem cultura, sem consciência téc-
nica do que se quer realizar, não
se obterá obra sólida; que não há
obra de arte sem um plano anterior
que a justifique. Tudo isso, no entan-
to, subordinado à idéia, ao senti-
mento humano mergulhado numa
idéia e que deverá ser perpetuamente
identificado pelo leitor consciente.
Tudo o que for relativo à técnica
será dominado pela idéia no mo-
mento da criação — mas, em re-

guida, o valor do retoque, da purificação do pensamento exprimido em primeira forma, no estado bruto em que sai do ^{artista} solo, ~~peço~~ que constitua a auto-crítica salvadora.

Set. 18 -

Antem à noite terminei o artigo que começara domingo. Creio que me expressei satisfatoriamente, mas, compreendo que o trabalho está muito longe de ser completo. No entanto, muita coisa do que precisava dizer eu o disse. Dividi o trabalho em duas partes, a primeira intitulada "Intenções" onde digo a quem escrevo; e a segunda, "O Conto", em que falo principalmente sobre cultura e experiência pessoal como fatores que entram sempre na realização da obra de arte, e também ^{depois} algumas considerações sobre

167
o valor do plano ~~de~~ que se propõe escrever. Para finalizar, uma citação de Rilke sobre a importância da carreira que se escolheu em a que se está submetido, e deu por encerrado o pequeno trabalho sem falar sobre a auto-crítica e as imagens, como pretendia. C'que ficaria por demais longo. Mesmo como foi escrito, creio destinar-se a um pequeno numero de alunos, pois não é assunto de interesse geral, mas, quanto a isso, fui ~~do~~ encontro precisamente do que desejei: porque obrigarei muitos ao silencio, isto é, à ^{ausência de} comentários mal formados.

Out. 8 -

A primavera entra muito mal, com dias frios e chuvosos, o tempo muito variado e desagradavel. Num ou outro dia a-

manhã o céu azul, mas em
geral não se conserva assim
até à noite. São, afinal, dias
tristes que nada nos superem
de grandioso e mais nos amari-
sam às exigências do cotidiano.

Não obstante, ao voltar
para casa, não me dispunha a
ficar lendo, e mesmo que tome
um livro me desinteressava e saía
para a rua em busca de en-
contrar alguém e conversar
sobre banalidades, as eternas
conversas que não conduzem
a nada. Então, pelo menos,
eu era insatisfeito mas pro-
duzia algo e permitia meus
belos sonhos de que estava faze-
ndo coisa de valor. Hoje, vivo in-
satisfeito, nada realizo, e meus
sonhos vão se apagando aos pou-
cos. Agora me pergunto de que
é este ano de 1950 que precisa ter.

169
minar. Olho sempre esperei, todas
as vezes que se aproxima o fim
de um ano, que a simples pas-
sagem de um dia para o outro,
que a era alvorecida de ano no-
vo correspondesse a uma trans-
formação em minha vida.
Assim é que mais uma vez
tenho esta esperança. Mas, com-
preendo, nada mais fazemos que
nos iludis durante a existen-
cia inteira: assim sendo, é inútil
que tenhamos um sonho novo
para substituímos a cada fim
de dia, para manter o vaso sem-
pre cheio de flores novas e per-
fumadas.

Tenho medo de estar me
conformando simplesmente demais
com a vida, me acomodando mu-
to facilmente, me entregando sem
resistência. Já não fui assim
como era son. Sei que se desisti

da luta nada conseguirei extrair. Conformismo é tédio, e tédio é indolência. Se a indolência nos vencer não venceremos nada ou ninguém, por não sentirmos necessidade disso.

Mas, também parece que nem sequer tento reagir. Entrego-me. Lembro-me sempre de Medeia: "a vulgaridade é contagiosa". Mas, nada faço para me afastar dela. Não é suficiente dizer: "afasta-te disso", é necessário também afastar-se, deixar a poltrona e dirigir-se às varandas, onde bate o sol e aonde o céu é visto em toda a intensidade de seu azul.

E também é preciso reconhecer: se a vida, a minha vida, tiver que ser sempre apenas uma luta, sem obras, sem nada que justifique uma con-

121
tante preocupação de estar fora do vulgar, então será melhor que eu me integre no meio, me dissolva nele, que é mais nobre, (menos imbecil), mais digno (viver, como todos vivem, e não notar a vulgaridade).

Creio que este último período escrito é o símbolo perfeito do comodismo, do conformismo, do conformismo que é tédio, do tédio que é indolência, da indolência que não exige luta porque jamais a encontra.

Muitas vezes me lembro de Dniel. Quis mesmo a comparar-me com ele. Não pelo que produzi, mas pelo que poderia produzir, pelas páginas e páginas de diário que, de tanto, alguém terá o trabalho de seleccionar e reunir num

volume que publicará sob o título de Diário Intimo. E nem as páginas (oh! tristeza) sempre presente o desejo de escrever um livro, um grande livro, cujo unico valor será talvez o nunca ser escrito. Pois como é triste a incapacidade humana! Uma ilusão de que tudo o que se faz com amor e convicção é perfeito. Com efeito, haverá algum artista que duvide do valor de sua obra no momento de exaltação em que a realiza? Por isso é que é bela a musica do povo, a poesia popular, aquelas esculpturas simples lá do Norte. Elles fazem o melhor que podem, é evidente, mas nada ou quasi nada tiram dos outros: aquillo que produzem é o seu permanente, o seu sentimento — de for-

ma, de cor, de som — sem essa necessidade de sobrepujar pela purificação, pela cultura que necessita existir no intellectual.

173
O fim de realizar algo de valor, todo o artista deve saber e convencer-se de que Arte é coisa sumamente difficil. É sagrada. Não sendo assim, não subsistirá. Por ser difficil não significa ser impossivel; basta olhar a galeria do parado. Mas todo aquelle que não sentir em si poder sufficiente de executar obra que não faça sobre elle a comprehensão sufficiente para destrui-la antes de sua morte. Mas, como é difficil ter essa possibilidade de reconhecer em si a existência ou não desse poder! Mais difficil que, reconhecendo-o, destruir toda a obra feita.

Out. 9 -

Porque será que não escrevo poesia? (Nunca pensei detidamente sobre isto, mas sei que muitas conclusões poderia tirar. No entanto, sinto-me cansado. Até quando irá essa pressão do dinheiro, a dificuldade de resolver essa questão? A culpa é minha, não há dúvidas, mas sempre que me revoltar com a falta dele - e isso acontece todos os meses - sou levado a postá-lo inconsequentemente quando o recebo.)

Out. 15 -

Pensei a parte final do romance. Purpín de repente, enquanto lia uma carta de Bilhe e Merlin, me deu uma lição alguma com ela. É uma parte final sobre um grande mi-

mero de capítulos preparatórios. Dircen Memins, ou melhor chamado "O Espelho" seria um drama intensamente interior e cheio de angústia.

Mas não tenho coragem para expor minha intenção.

Nov. 5 -

Penúltimo mês do ano.

Nada tenho feito de útil, nem de digno. Nada digno de escrever ou de contar. Sobre dignidade li muito interessante um conto de Thomas Mann, "O Caminho do Cemitério", sobre a perda da dignidade resultante da perda do respeito ~~de~~ si mesmo.

E agora li lentamente, de Mann, "Del sentimiento Trágico de la Vida" que encerra fórmulas realmente dignas de

estudo e meditação, como por exemplo: — El mundo se hace para la conciencia, para cada conciencia. — Conciencia y finalidad son la misma cosa en el fondo. — La conciencia es una enfermedad. — La razón (...) es un producto social. — Y es que en rigor la razón es enemiga de la vida. — El sentimiento no transige con términos medios.

— La certeza absoluta completa, de que la muerte es ~~una~~ completa y definitiva y ~~irrevocable~~ irrevocable aniquilamiento de la conciencia personal, (una certeza de ello como estamos ciertos de que los tres ángulos de un triángulo valen dos rectos,) o la certeza absoluta, completa, de que nuestra conciencia personal se prolonga más allá de la muerte (en estas o las otras condiciones, haciendo sobre todo

177
entrar en ello la extraña y adventicia añadidura del premio o del castigo eterno,) ambos, certezas nos harían igualmente imposible la vida. — ... y por mi parte no quiero poner paz entre mi corazón y mi cabeza, entre mi fe y mi razón; quiero más bien que se peleen entre sí. — Razón y fe son dos enemigos que no pueden sostenerse el uno sin el otro.

— Cuando los dudas invaden y nublan la fe en la inmortalidad del alma, cobra brío y doloroso empuje el ansia de perpetuar nombre y la fama.

Nov. 20. —

Agora tengo apenas más expediente. No entanto, más tengo sabido en pedido apremiar o tempo convenientemente. A bem dizer, essa modificacão, se bem que

esperada e desfeita, veio sur-
prender-me e ainda não ava-
lio claramente o valor desses
horos.

(Mas porque estar procu-
rando justificar com palavras
uma minha incapacidade
literária?)

Dz. 3 -

Efetivamente, realizar
não significa ser feliz. O
depois de conseguir, a angústia
que nasce dele, talvez, mesmo,
melhor corresponda ao sentido
de felicidade na existência comum.
O significado desse conceito de
Humano tem ligação com
as palavras acima: "El hombre
es tanto más hombre, esto es, tan-
to más divino, cuanto más ca-
pacidad para el sufrimiento,
o mejor dicho, para la compaña, tiene."

Dz. 5 -

Venho lendo o "Diário de
Um Escrito," de Ostrowsky, encon-
trado por mim, casualmente,
numa estante da biblioteca do
aluno da Escola Preparatória.
É como lamento não ser meu
o volume! Pois sinto a cada pá-
gina depois de fazer anotações.
Mas nada me havia impres-
sionado tanto como o artigo cha-
mado "Vlasy", que leva nome
permanente para ponto de
seus grandes romances, como
"O Idiota" e "Os Irmãos Karamazov"
(o moço que mata a amante,
ou o criminoso frente ao starog)
e também nos liga a sua pró-
pria vida: "assim acontece com o
que vai ser perseguido (ou persegui-
do): sentem-se felizes em concentra-
-se alguns instantes que possam sobre
um objeto exterior que o distraia,"

no caso de Dostoiévsky, a cúpula da
Catedral de Semenovskiy.

1951

Canelinha, P. Caterina
Janeiro - 19.

Em minha terra exis-
tem grandes cigarras que cantam
bem diferente das que existem pe-
las terras aonde tenho ariedade.
Seu canto é uma nota aguda
e constante, apenas ligeiramente
modulada. É e nas grandes
e altas árvores, nas nogueiras
principalmente, que elas pensam
e donde seu canto escorre até
nós. São essas cigarras que agora
ouço, nessa manhã primeira
do Ano Novo de 1951, em que
retoquei meu diário e fui de
escruver algo de objetivo sobre
esses dias todos que me têm
visto fora de Porto Alegre:

181
Amarguei a 19 de Dezembro
em Porto Alegre, estive um dia
em Florianópolis e só ao ami-
tecer de 20 chegava a Figueira.
Encontrei minha cidade de
infância tão triste, abando-
nada e pobre que o seu as-
pecto encontra eco dentro
de mim. Revi cenas de infân-
cia nas casas em que morei,
mas, um tanto contristado,
não achei essas recordações
que vieram muito esfuma-
das, não perfeitamente cla-
ras, apenas pedaços de aconti-
cimentos, petalos caídos e
meio murchas de uma mes-
ma flor. Também vi a casa
aonde morreu minha mãe.
Está quasi se desmoronando,
está tudo, mesmo, duas escoras
na parede do lado aonde fi-
ca o quarto em que morreu.

do lado este entra casa de
madeira em que meu pai
teve a oficina de alfaiataria.
do passar por ela, aí sim, a
recordação foi tão grande e per-
feita que senti um estreme-
cimento desconhecido por mim
até então. Uma dolorosa cena
de infância revivi e sofri com
ela: foi o dia em que meu
pai sofreu um ataque, puto
à mesa, com a fita métrica
pendurada nos ombros, o tesou-
ro na mão — olhando aflito
para o teto e caindo ao chão
em extêrtores. Parte da aflicção
que naquele dia sofri; o medo
ao desconhecido, a dor por não
saber alguém que se ama, tin-
do assim em parte revivido
naquele estremeção.

Vi outros cursos ligados
a mim sem grande conexão,

183
o Grupo Escolar, o Clube 4 de Maio,
a rua, o rio, algumas árvo-
res, mas compreendo que foi
bem rever tudo isso, pois
precisarei brevemente empre-
sar parte de toda essa recorda-
ção, desses sentimentos que se
acordam aos poucos, se o
ano que agora se inicia
com o cantar das cigarras
me for propício.

Cheguei pois a Tijuca,
e lá fiquei até 26; depois Blu-
menau que deixei então para
esperar o Cus Bom com fudite,
fame e os enlhados em Ca-
nelinha.

De hoje não quis deixar
de passar meu companheiro de
escrivação algo no diário. Em-
bora tivesse pensado que por
aqui encontrasse maior tran-
quilidade para ler, e talvez

para iniciar alguma coisa, (quem sabe o romance, ou uma biografia, agora com muitos traços imaginários, biografia de alguém), não tenho encontrado esse recolhimento, pelas solicitações dos irmãos, pelas conversas, mas também um pouco por um desejo de abandono e descanso, variação de pensamentos e sentimentos, tudo talvez consequência da maneira como tenho vivido ultimamente de sol, me distribuindo demais ao contacto do mundo.

Encontrei também alguns livros, O Diário de um Escritor, de Sentimentos Trágicos da Vida, quasi no fim, A epopia do Existencialismo, e mais um volume sobre Filosofia Existencial, de Otto Friederich Bollnow que é o único de que tenho lido al-

185
go, cuja leitura estou por terminar e de que tenho postado bastante, principalmente por haver nele constante alusão à obra de Rilke, algumas lições também com Schumanns, e pelas algumas explicações dos conceitos existencialistas.

N | A grande cigarra, continuam seu canto. Ouvindo-o, poderia de encontrar e fazer menção "voto", mas não sei que o sentido de seu cantar ~~seja~~ seja paralelo para se formular um desejo, nem talvez nele se encontre essa constante de segurança e tranquilidade de que muito nos precisamos para realizar uma obra longa e demorada. É tão efêmero seu canto! Mas existe tanta beleza nessa nota musical... (a atração pelo canto das sireias que perde o navegador

to). Seja como for, assim como
em nova vida, nos meses que
se de todos os anos as cigarras
se fazem ouvir, espero que tam-
bem neste ano que hoje se
inicia em meça, por vez, o
canto indefinido, o sopro
inefável que me faça realizar
alguma coisa que me traga
satisfação e alegria, e a cono-
ção ainda que falez do subli-
me momento da criação.

Jan. 4 -

Na tarde do dia 1.^o
estive com Jaime e Judith em
Porto Belo. O caminhonete foi
cheio de crianças e parentes
adultos e chegamos todos ali-
gos a esta praia tão bela
e quieta, com as casas da
vila bordando a praia. Depois
do banho de mar fomos pes-

187
sear (ao longo da praia) e ao
nos aproximarmos de uma gran-
de casa, propriedade de um
tento de Blumenau, percebemos
que em nova direção vinha
um grupo de pessoas em es-
tranhas fantasias. Chegamos
quasi juntos, à casa grande,
e então os fantasiados come-
çaram a cantar. Falei-se então
em "Pau de Fita" e fui observa-
do então do que contava essa
diversão cuja origem desconheço
mas de que sempre ouvia falar
em minha infância, sobre-
tudo por causa de um desses
"pau de fita" que minha tia
Beatriz enfeitou.) A figura
central da dança era um
velho que fazia o "solo" das
estrofas enquanto que o de-
mais repetiam sempre uma
verso falando em fardineira,

flor aberta e "também tem botões de rosa". Vinha de vestido de calças verdes e blusa amarela, como os outros moços, trazendo também à cabeça uma coroa de papel em cores vivas, cuja copa é formada de duas tiras ligadas em cruz e presas os quatro pontos à outra tira que se ajusta à cabeça, formando dois arcos coloridos. Esse personagem, como um mestre de dança, traz o bastão à mão, de cerca de 2 metros de altura, pintado de vermelho, com uma coroa idêntica no topo e uma porção de fitas de seda multicolor pendentes até metade do bastão. As demais figuras eram seis pares, os homens com indumentária idêntica ao "mestre", e as seis moças com saia vermelha, lisa

189
e comprida até os pés, e blusa branca, com chapéu de aba ^{larga} de palha, pintada de cores ^{diversas} e enfeitada com papel dourado e mateado dos chocolates e cigarros. (Os "moços" eram meninos de 12 a 15 anos - e os ^{moças} moças, já mais velhos, até mesmo de cinquenta anos, supondo, talvez os antigos conhecedores do festivo.)

A festa começou com um verso cantado pelo velho do bastão e dirigido ao dono da casa grande. Este fez sinal para que subissem até a varanda. Então os pares, antecidos pelo bastão de fitas, subiram as escadas, levando cada um um arco enfeitado de flores de papel que os meninos levavam antes a tiracolo. Chegado à sala da residência o homem do

bastões acocorou-a no centro
deixando o bastão ~~na~~ na verti-
cal e, sem parar de entrar
e sair, sempre repetida a
estrofe pelo coro, cada figu-
rante pegou de uma fita
e começaram a dançar e
a trançar a fita no bastão,
passando um pelo outro em
zig-zag, uma vez por fora, ou-
tra por dentro. Esqueci-me
de falar do ~~minicor~~ minicor. Eram
apenas dois cavaguinhos e um
chocalho, ~~estidos~~ ^{estidos} como o auto
bombar. Os pauzinhos o pau foi
ficando ~~total~~ ^{total} trançado ~~em todo o~~
tubo superior, e as figuras, todas
presas à coluna ficaram se
balanceando por segundos até
que o mestre de dança apitou
duas vezes e o movimento reco-
meçou em sentido contrário,
e o bastão foi-se vendo livre

197
do entrançado de fitas coloridas.
Terminada esta parte o
homemageado distribuiu bebidas.
E como uma leve chuva come-
çou a cair, tive de me retirar,
uma vez que meus irmãos qui-
zaram ir embora. Perto de
mim um habitante da vila
disse que havia ainda o "en-
trançar dos arcos", mas, tive
de sair sem assistir esse outro
jogo.

Fosteri imensamente do espe-
táculo daquela festa simples e
divertida, o gosto bizarro pelo
colorido berante, a monotonia
do canto, as corais ecêntricas,
tudo isso no primeiro dia do
ano numa triste e pequena
vila de pescadores do litoral
catarinense.

Jan. 9-

Domingo após o almoço dei-
tei-me, e como me faltasse o
sono, tirei da pasta o pequeno
livro de Uruamuro, "A Agonia
Del Cristianismo" que fa pen-
sava levá-lo de volta sem
ser lido. Pois despertou-me um
tão grande interesse que o li
quasi toda aquela tarde, e
se não o fiz não dependeu de
mim. E por ter ido ontem a
Florianópolis, não hope pude
terminá-lo, lendo os dois
capítulos que faltavam.

Realmente, o valor de
meu conhecimento com R. Fazio
reside em ter ele me falado
de Uruamuro, recomendando-me
"A Vida de Dom Ambrósio e Paulo".

Desde o "Prólogo" ao capi-
tulo final este livro, "A Agonia
do Cristianismo", é de um interesse

total e doloroso que nos põe em
presença de nossa própria di-
vida, e nos dá o consolo de
ela, faz ^{terem} ~~foram~~ ^{não} de muitos ho-
mens, de homens que não pas-
saram.

Fora os graves problemas in-
teriores abordados por Uruamuro,
é maravilhoso seu conhecimento
profundo dos textos bíblicos, a
toda o momento citados e comen-
tados; a pureza dos argumentos
surpindo dos próprios "paradoxos"
que os seus apresenta; a ma-
neira discreta como apresenta
uma cultura vasta e profunda;
os deliciosos papéis pela etimo-
logia ^{dos} ~~palavras~~ ^{que} tanto aproximam o
espanhol do português, e que nos
esclarecem tanto. Como no caso
mesmo do título, a palavra
agonia, que eu tomara por pre-
sença, aproximação da morte,

mas que é luta. "Aponia quere
deixar luta. Aponia el que vive
luchando, luchando contra la vida
misma. y contra la muerte" (16).

E essa luta é a que sem-
pre se divide, "la santa, la dul-
ce, la salvadora incertidumbre, nues-
tro supremo consuelo" (S.T.V.-99) que
acompanha para sempre e de
quem não desaja, afinal, separar-
se.

— Esta obra reproduz em for-
ma mais concreta, y, por mais im-
promovida, mais densa y mais cálida,
muito de lo que havia expuesto
em mi obra "El sentimiento trágico
de la vida" — diz o autor no
prefácio, e não muito o ponto
de ligação e contacto de los
libros, realmente. Talvez mesmo
se deva ler primeiramente este,
"la Aponia..." e depois o S.T.V. O
problema da immortalidade da

195
alma, por exemplo, é exposto em am-
bos. É em "Aponia do Cristianismo": y
el fin de la vida es hacerse un al-
ma, un alma inmortal. Un alma
que es la propia obra. Porque al mo-
rir se deja un esqueleto a la tierra,
un alma, una obra a la historia.
Esto cuando se ha vivido, es decir,
cuando se ha luchado con la vida
que pasa por la vida que se queda.
Quando cheia de verdade tudo isso:
é a procura, a ânsia de justifi-
car a existência, faz que se vá a
explicar. "El que se hace una alma,
el que deja una obra, vive en ella
y con ella en los demás hombres,
en la humanidad, tanto cuanto
está viva." É é por isso que muitos
chamam "filhos" a sus libros,
a sus obras, por, de certo modo,
é assim que eles perpetuam a
espécie. Et muito deles de certo
se aplica o que Urmuro diz

sobre "monje y monja", sobre o
solitário de ambos o sexos que
crescem de que em carne, lá
que lleva el espíritu, no se per-
petua, no se propaga (P.C. 25)

Também neste livro
de Uramuno encontro referên-
cias a Dostoiévski. É sempre pa-
to saber-se até que ponto, quasi
o ponto em que ~~nos~~ autores
predileto se conhecem, se
cruzam, e exprimem "mesmas
opiniões" ou falam uns do ou-
tro de acordo com nossa pró-
pria ~~opinião~~ pulcamente. Sendo
agora, por assim dizer paralela-
mente, no "Diário de um Escritor"
o maravilhoso conto que é "O
sonho de um homem ridículo",
o discurso a Puchkin, e recordan-
do toda uma obra, enfim, esta-
mos com ~~o~~ Uramuno que diz
ser Dostoiévski "um cristão

desperado, um cristão em aporia"
que escrevem no Tratado Karama-
zov um Evangelho (144)

Esta obra de Uramuno
não pode ser apenas lida — preci-
sa ser relida; e ainda me falta
ler a parte final do Tratado
Trágico da Vida.

Mas, voltando ao que foi
acima dito sobre o pensamento co-
mum dos escritores, no "Diário" en-
contrei, por exemplo, o seguinte, que
coincide com Uramuno: "Quando
se é forte, ama-se a força, e quem
cri é forte; ora, nós cremos e, me-
lhor ainda, queremos crer" (Dobrodinbo,
ou o que é a arte - pag. 44) Refiro-me
à parte final da frase, as "que-
remos crer", aonde fica expresso o
"cristianismo aporico" do russo,
baseado na dúvida, na incerteza.
"El "¿y si hay?" y el "¿y si no hay?"
son las bases de nuestra vida in-

uma" (S.T.V.-100). El que afirma m
se a base de incertidumbre, no
niente ni puede mentir. (159) Mas
Humano é combatido pelos fa-
dos, como pode verificar pela
cracis de um professor da Facul-
dade Católica de Filosofia, em
Porto Alegre, na cerimônia de
colação de grau, em Dezembro
último.

Jan. 10 -

Agora começa a tarde.
Como são longas as tardes, e prin-
cipalmente com o horário de ve-
rão. Não anoitece antes que sejam
oitos e meia, ou mais, e tudo o
que se começa a fazer começa.
Talvez pelo calor, não se pode
dormir, e logo uma multidão
de pensamentos nos assalta e
resolve-se sair da cama e pro-
curar qualquer coisa que nos

199
distrain. A manhã é menor e
mais agradável: vou para a
praia do rio, leio, me deito qua-
mar um pouco pelo sol, depois
nado um pouco, e o tempo pas-
sa satisfatoriamente. Hoje ainda
li uma maravilhosa novela
que é Krothia. Mas a esten-
são da tarde traz sempre o
sentimento de solidão. E se
atentarmos bem para ele ha-
remos de compreender que, spi-
ritual, quasi nunca nos aband-
na; revela-se sempre de uma
forma ou de outra. Se saio
daqui para Tripuca, ou para
Blumenau ou Florianópolis e
sempre com a certeza de que,
terminada a viagem e dada
uma pequena volta pela ci-
dade, conversado um pouco
com cada um que se conhece,
já estamos prontos a repenar.

a fugir, pois esse sentimento de solidão está ligado estreitamente e solidamente com o desejo, a necessidade de super.

Ultimamente tenho desejo de regrear. Domingo próximo estarei novamente em Porto Alegre. (De repente me analta a ideia de que o avião vai cair - pensamento obrigatório - e este diário parando nas mãos de alguém que não saberá absolutamente o que fazer dele! Ou seria devorado pelas chamas? Então, destino semelhante a minha autobiografia ingênua e perdida... e o pensamento morto para sempre junto comigo). Mas ao mesmo tempo que anseio estar em Porto Alegre lembro-me de que também lá, e ainda com mais intensidade, vai

me aneltar essa impressão de solidão, de não ter com quem falar coisa que realmente me interesse (quais são, efetivamente?); e anteujo meus passos, meus atos, em novamente me dissolvendo, me entregando demasiadamente à vida, esquecido do canto das cigarras... e de que apenas pelo espírito é que eu conseguirei firmar e justificar alguma coisa.

Vem de muito, esse tem de? lamúria. Agora que tive ocasião - diria inviter-me consigo mesmo. Mas, tenho seguidamente pensado em iniciar o livro. Tenho desejo de escrever qualquer coisa: até mesmo um conto, para afastar ou diminuir esse tão longo período de estagnação. Mas não sei o que poderia fazer. Hoje pensei em estudar a obra de Portier-

verki e preparar um trabalho que
não teria talvez nada de novo,
e o pequeno interesse que apre-
sentasse seria apenas no que
se refere à sua maior aceita-
ção, pois o meu "estudo" seria
mais uma ^{transcrição} apresentação de tex-
tos seus, opiniões de outros auto-
res sobre suas obras, e meu
trabalho seria quasi que somen-
te compilação. Isto seria, sobre-
tudo, interessante para mim
que tiraria muito proveito de
uma dedicação nesse sentido.

Mas, existe o desejo, a
necessidade, quasi, de se fazer
ficção. O sonho! pois é muito
mais "criação".

Aí vez, sinto que já
estou preparado para iniciar
o romance. Apenas falta a cora-
gem para a resolução, e a força
para persistir! Note que fal-

ta sempre persistência, em mim.
Por exemplo: seria ótimo, vantag-
oso, necessário, utilíssimo a mim
que eu fizese vestibular para a
Faculdade de Filosofia a fim
de cursar o ramo de Línguas
Neo-Latinas; pois bem, não tenho
a persistência necessária para es-
tudar latim — que detesto — e
emim... o único prejudicado
seria eu que daqui a alguns
anos teria abandonado a tro-
pa e estaria lecionando em al-
gum estabelecimento, como des-
po há tanto tempo.

Drum, meu romance.

Escrevi aquelas oito páginas e de-
pois me afastei delas, como o ver-
dadeiro puritano se afasta do
pecado: com medo. O meu medo:
de não continuar como desepara
continuar, de não realizar obra
impecável. Melhor seria, m-

- 1 - o verdadeiro conhecimento com D.M. - em continuacão Ot. explicará como veio à casa, como foi recebido por R. que estará só, como R. falará de M. e o que Ot. pensará de menino, como Ot. aceitará as condições (por ficar perto da praça da matriz onde é o curso de francês)
- 2 - a instalação de Ot. no quarto, os livros que tira de um caixote, ^{mat.} a mala, a ausência de M. (será novamente ao entardecer) Depois o aparecimento de M., a surpresa de Ot., o primeiro contacto, as perguntas que esclarecerá certos pontos obscuros: idade, aparência de ambos, o que um faz e o outro: curso noturno, emprego de D.M. falará mais Ot. que M.
- 3 - o primeiro jantar: os lugares de cada um, a ausência do pai que ainda não terá voltado: o que falará sobre o espelho que já será notado (um tanto superficialmente) - sobre o jardim também.
- 4 - ao amanhecer, a televisão na mesa certando fogueira, o anóbio do velho, mas a porta fechada - o que pensará Ot. de tudo, - sem olhar para D.M. que dorme - ainda os diálogos de Ot. sobre o que fará D.M. que sairá de noite e voltará tarde.
- 5 - o segundo jantar: ainda ausência do pai que terá pensado mais cedo e saído com amigos - aparecerá em Diana. O diálogo sobre os filhos, - o anoitecer, o dois saindo para o serviço (Ot. ainda não terá iniciado as aulas)
- 6 - de tarde, ao entrar na varanda Ot. será surpreendido pela voz. Então haverá o primeiro contacto com o pai - a voz somente - ele não queria admitir hipóteses, - ao voltar para o quarto (terá ido beber água do fânto) ficará pensando sobre o que foi dito e redimensionará bastante supostos que ouvirá de noite com a chegada do velho.
- 7 - o almoço e o espelho (o velho quase nunca jantava - no almoço anterior Ot. terá saído para tratar de negócios com o amigo e por isso só nesse dia conhecerá o pai) presença do pai - tipo físico - será calmo e dirá coisas simples mas pensadas, sem absurdos e nada, o que deixará Ot. sem poder conduzir sobre o repêdo.
- 8 - ~~1.ª reunião~~ ^{2.ª reunião}: Ot. terá pensado a tarde em casa preparando uma aula, após aparecer a presença de L. - depois chega D.M. e q. o 3 está na sala de quebrar o espelho, come para o jardim avança floor, um com o bag cheio delas e atira as rochas e aforada e o espelho e se desmancha em fragmentos. - tudo pela esposa. (chamala a de malgriha) - isto poderá passar-se depois de alguns dias depois do m: 7. E nesse intervalo é que se terá pensado o que Ot. refere na 1.ª parte do m: 1.



O.T. - 28 - salt. p/compromissos de casa - professor de francês.
D.M. - 28 - de dia estuda, de noite trab. de tipógrafo
L. - 32 - salt. por ser respons. pela casa, e por amor ao pai.
o pai - velho - viúvo, alfaiate, dado ao vício do tabaco.

O processo de narracao: sempre no passado: acontecen, falas e diálogos.

- diálogos entre O. e D.M.
" e L.

" e o pai

- cenas e que O. assiste na familia
- diálogos reservados que O. escuta casualmente, sem o conhecimento dos outros.
- taboas cartas que O. recebe de casa. (umas dos deveras aparecer somente se forem necessárias à elucidacao de algum ponto, assim como para revelar certas identidades)
- o diálogo entre O. e D.M. versará sobre
 - o que se vai passando
 - o que se passou há muito: recordações de infancia.
 - o amor de D.M. com a pintora (pormenorizado).

- o pai chamará: Dióceu

- L. - Merino (o que confundirá O. no primeiro dia, quando L. dará as explicações necess.)

- Ponto de O.T. conhecer o pai de D.M. e L. falará sobre eles com reservas, certa aflicção, como quem esconde algo. - por isso quando O.T. se conhece, e pela maneira que se será, não compreenderá o procedimento dos filhos.

- um capítulo destinado à discussão sobre livros? A obra de Dostoyevsky - arte e vida.

- O.T. ~~um capítulo lembrando a obra de D. G. de~~ soldado (o incerto)

1ª parte - mais o velho

2ª parte - mais D.M. (o seu amor)

3ª parte - D.M. abandona pintura morte do pai apical - final.

- todos pobres

- as presenças serão citadas apenas para situar os personagens - porque vivem além disso.

ponho, em levá-lo avante, fosse
como fosse. Nem que tivesse de
escrever várias vezes cada ca-
pítulo. E se eu tivesse que es-
crever para viver? Se não
tivesse eu a profissão, os meios
de subsistência, será que já
não teria escrito meu livro?
É uma questão que ~~se~~ me surge
também. (cf. velha discussão
'arte pela arte ou pela vida')
Mas quem tem uma neces-
sidade interior cria, apesar de
sua profissão. Eu tenho querido,
por certo, separar demais esses
aspectos: a vida material e o
trabalho intelectual. Um refle-
te-se sempre no outro, é eviden-
te. Não vivo, quem sabe, sufi-
cientemente fora de meu am-
biente militar para escrever
um romance que exclua esse
assunto? Mais tarde, depois

205
de haver aborrido esse assunto
que me envolve demasiado, tel-
ug então, em outras obras, eu
estaria liberto para criar no-
vos valores. É possível. Rilke
desespera escrever um "Romance
Militar", para o qual chegou
a elaborar alguns capítulos.
Sou mais inclinado, no en-
tanto, a escrever uma peque-
na autobiografia, ou se não
tivesse o carácter total autobio-
gráfico re-l-o-ia em parte. Se-
riam de certo modo "recordações
de infância e adolescência",
como fide em "Si le grain me-
mure...", ou Tolstoi e outros.
Mais perto com esse pensa-
mento, eu sempre a recorda-
ção de que perdi o primeiro
volume que tentei escrever.
O melhor seria não se lembrar
mais esse fato. Resumam con-

ta em uns "confins" que perden
certa vez seus livros e alguma
coisa que escrevera. Lembro-
me de que me surpreendi co-
mo ele apenas se refere ao
sucesso, quasi sem lamentá-
lo. Será tentado escrever
alguma coisa? Wilde disse
que uma obra de arte não se
faz duas vezes, mas Dostoiévski
queimou grande parte de "Li-
ros e Cartas" e recomeçou...

Final, nada disso
tem valor, e se digo tudo
a meu diário é pela neces-
sidade de sinto de conversar
com alguém sobre todas essas
coisas, de apresentar minhas
dúvidas. Quem sabe se de
tanto em escrever não decida,
num determinado momento,
uma luz? Então essa luz
mostrará qual o caminho

207
que devo tomar, o que devo es-
crever, se penso em decidir,
se a persistência está comigo.

Vipuecas

Jan. 12 -

Devo seguir amanhã ce-
do para Florianópolis de onde segui-
rei, a 14, para o apartamento 42.
Sinto-me tranquilo, hoje. Des-
pedi-me de meus tios da Joia,
pela manhã, e depois do almo-
ço estive com Celeste no cemitério.
Lá estão, ^{no meu} meu pai e mi-
nha mãe, meus irmãos Egen e
Oliveirinha, e também Maria,
terceira esposa de meu pai, que
ele tanto amou, que amou mais
do que todas as outras, como dizia.
Com ela vivem cerca de dez
anos, dando-lhe ela dois filhos,
Opi e Estela. Era jovem e bela,
e sempre me surpreendia sua

dedicação e carinho por meu
pai tão envelhecido, sem for-
tuna. Morreu antes dele, apesar
de tudo - ela sempre o desape-
ou, compreendendo o que significa-
ria ficar com duas crianças
no mundo e considerada, tal-
vez, uma estranha, por nós.
Assim como foi, Celeste que tratou
de meu pai e assistiu-lhe até
o último momento, ficou com
os pequenos e trata-os como a
filhos, como me tratara tam-
bem, ao morrer minha mãe.

Enquanto limpava
um pouco o fogão e olhava o
medalhão com o retrato de Egeu,
pensei que naquele pedaço de
terra eu também estaria um
dia. Pensei nisso tranquilamente,
não como em criança:
(então) tinha medo de morrer e
quando chegava em casa, de

209
volta do cemitério, via cruzes fi-
nibres por todo o quarto, de noi-
te e me atemorizava pela in-
compreensão da morte. Hoje ain-
da não a compreendo, é certo,
mas aceito-a calmamente, acui-
to sem medo sua realidade,
mas com muita tristeza...
porque minha vida, como ela
é, e pelas esperanças que nela
deposito, eu a amo e não
depois perdê-la. É mesmo útil
que nos acostumemos à presença
da morte, que não a temamos;
antes disso, sabendo como se sa-
be que vivia costumamos a vi-
da com essa lembrança cons-
tante da morte, pois só assim
essa morte não será angustia-
mento completo. Sim, em tu-
do isto há Rilke e Hermann:
esse é um dos pontos onde pa-
lavras respondem em parte

minhas angustiosas perguntas
interiores.

N / Quando, pois, embarca-
rei, e isto significa a aproxima-
ção do fim das férias. Literaria-
mente, isto é, espiritualmente
aproveitei-os bem, por que com
tranquilidade li boas cousas
que sempre são úteis à nossa
formação (ainda que somente
para a vida prática — se for-
mos forçados a excluir o sonho).
Concluí, de Urquiza, "Del
sentimiento Trágico de la Vi-
da", cuja frase final encerra
toda a lição e também o outro,
"Vida de Don Quixote e Sancho" e
mas a "Agonia Del Cristianis-
mo", que também li nas férias,
frase que resume, talvez, toda
sua vida e obra, e que é:
"y Dios no te dé paz y si
gloria!" Li o pequeno volume

211
sobre filosofia existencial, de
muito interesse, como já disse;
e grande parte do "Diário de
um Escritor" foi por um co-
nhecido. O "Diário" nem sempre
lho com prazer, como a suas
obras de ficção, por muita coisa
é formalismo, política, e esse
assunto nem sempre me interes-
sa. Mas, de qualquer modo, é
interessante observar como seu
espírito penetrava esse setor.
Por tudo isso, pelas leituras e
por ter eu podido me refazer
satisfatoriamente, quanto ao fi-
nem, não tranquilo e pronto
para enfrentar o ano de 1951
que tão bem se iniciou.

Porto Alegre

Fev. 21

Os jornais de ontem na-
ticiam a morte de André

fide, a 19, na Franca. É a
nota da imprensa cita ter
tido ele vencedor do Premio
Nobel, diz que morreu em pre-
sença de sua filha, e tem
elogios, mas, dá uma rela-
ção de suas obras, em que
não entra absolutamente ne-
nhum de seus grandes livros.

Abil's -

N De nosso encontro com
pessoas que de qualquer modo
nos interessaram, quasi sem-
pre aproveitamos alguma con-
sa cujo valor não reside ape-
na, no inesperado. Pois isso
que nos é útil seria a única
aconteência que não havíamos de-
sapado, em que não havíamos
pensado: muito mais pelo que
tem de invulgar. Mas quan-
do isso acontece o encontro

213
para a ter valor não pela pessoa
mas pelo acontecido.

N Refiro-me a um fantar.
Não precisamente ao fantar, mas
sobre o que falamos, em um ami-
go, ou melhor, um rapaz que me
fôra apresentado na véspera. E
também não vem ao caso tudo
o que conversamos, mais particu-
larmente o caso de macumbas,
feiticos e despachos.

Tento recordar-me como
chegamos a esse ponto mas não
consigo. É maravilhoso como os
assuntos se aproximam, dominam
os personagens, distanciam-se ao
pouco, ou brevemente são sub-
stituídos por outros - e ponto de
não se saber como determinados
~~pontos~~ assuntos foi abordados! É tu-
do é trabalho de sondagem máxi-
ma de conhecimentos, de expe-
riência, de cultura; e também

uma concessão que se faz, e que
nos é feita, para que nos falemos
em para que se fale, daquilo
que mais interessa.

Então, então, sobre um
"despacho" que foi encontrado quan-
do se foi em Natal, que o jornal
noticiou: fita de côr, grãos de
milho e feijão, um chinelo, dinhei-
ro trocado, e que um soldado
se aproximara e, ante a admira-
ção de todos os supersticiosos pre-
sentes, retirou o dinheiro e foi-se
embora com ele.

O rapaz em minha
frente achou engraçado e come-
çou também a contar uma
história:

Ele e dois amigos iam
de manhã para o colégio, no
corno de um deb. Próximos as
portas do finário pararam e
ao descer viram um pacote

215
como que esquecido à serpeta,
embulho de papel pardo com
um barbante fresco que logo
arrebentou, aos primeiros chun-
tos que os meninos deram. Um
parava para o outro, como no
futebol, e aos poucos foi o pa-
cote se abrindo e aparecendo
um fecho escuro. Então um
falou:

— Ôtro é feitiço!

— Feitiço nada; é um
gato morto.

Mas, um último chute
foi dado e os três meninos enru-
decaram. (Povo imaginar clara-
mente a cena, ver o espanto
nos olhos dos evanços). Quando
o rapaz, que, sentado à mesa
cerripo, contou-me tudo — fa-
lando agora quasi sem conexão
pelo tanto que por certo já con-
tera esse fato — não continue

uma exclamação, e um arrepiro
me percorreu o corpo: do pacote
de papel pardo, rolou um
feto abortado, uma criança morta.

Abril 19.-

E quando termina o
dia e voltamos para casa fa-
tigados, e com medo de mer-
gulharmos em nós mesmos e
nada encontrar?

Oh! infundavel troca
das esperanças de ontem pelo
desengano de hoje!

Ter de palavras a
boca repleta, de carícias as
mãos transbordando... e a es-
perança morrendo dia a dia...

Mais 2.-

Ontem receti com desa-
grado uma visita: é que me le-
vantara com disposição ao re-

217
morso, e essa presença não permi-
tia concentração alpinha. Tive,
portanto, que adotar a aparência
tranquila de quem não abriga
tormentos; mas, mesmo assim
meus sentimentos me traíram
e em dado momento, à mesa,
foi notado meu abatimento. De-
pois, resolvido a me libertar ao
máximo dessa presença, deitei-
me e terminei um livro, ador-
mecendo depois. Ao me acordar,
um tanto aliviado, (talvez por
que se aproximasse a noite)
aprontei-me e resolvi enfrentar
mais uma vez a vida. Então
pensei se era pessoa não foi,
até certo ponto, uma boa influên-
cia, um embaraço rãdio que, não
permitindo uma concentração
sobre fatos que gerariam um
miseravel estado hipocendrático,
me alimentasse, pelo contrario,

o sentimento de que, dados os múltiplos exigências da vida, me i-
permitido prometer, apesar de ter-
do, apesar de mim mesmo. De
qualquer forma, o que resulta evi-
dente (mas também profunda-
mente desagradável) é que necessi-
tamos manter um ~~um~~ perene
estado, uma atmosfera de in-
sinceridade, e nos alimentar
nos quasi que sempre cinica-
mente, já que nem sempre
a ironia nos é propícia e
suficiente para rebater e abater
os ataques alheios.

Maio 3 -

N
Quem ofendemos então,
às vezes volta hoje para nossa pre-
sença. E ficamos sem poder
concluir escatamente sobre a inten-
ção que a pessoa traz junto con-
sigo. Pois é evidente que não

219
terá esquecido tudo. Pode ser uma
demonstração de que nos compreen-
den e perdoam (que nos aceita
assim mesmo, apesar de tudo).
Pode ter voltado para certificar-
se, ^{de fato} sabendo que "não pode faltar
alguém por um fato isolado, um
momento anormal de sua vida".
A curiosidade e a temeridade (quem
sufreá prejuízo maior?) terão tra-
zido essa alma outra vez para
junto de nós. (Quem pode afir-
mar se não voltou para nos per-
der cada vez mais, sentindo
prazer em sua própria degrada-
ção, uma vez que leva alguém
comigo próprio?) Terá sido (então)
por vingança? — E ainda pode
ser por humilhação, humilha-
-se veladamente frente a quem
às vezes lhe ensina o bem e o disci-
to. (Mas nesse momento son-
hados a crer que é apenas curio-

cidade: que o remorso foi infundado. Mas não será em necessário duplicar-se, numa vez que voltou? Apenas um consolo: não se repetiu fato algum desagradável.

Mais 4.-

Nunca um filme impressionou-me tanto, nem mesmo outros de maior intensidade dramática e mais valor em todos os sentidos, como em a que assisti ontem: "My friend Harvey", baseado numa peça cuja autoria não gravei. Tem qualquer coisa do sentido ridículo e heróico de D. Quixote e é tão cheio de subtilizações que me admira ter o cinema americano tão bem realizado a película. Fui tão intensamente tocado pelo argumento e pela interpretação que, durante mais de cinco minutos,

227
tive de encerrar um forte domínio sobre mim, ou entupar-me as lágrimas. E desejei mesmo fazê-lo, para, ao menos naquele momento, acompanhar o espírito de Mr. Dowd (Clwood P.) e viver além da realidade.

Uma grande cena, a dos fundos do bar, em que estão Dowd, o dentista e a enfermeira. O que diz sobre os frequentadores de taberna é qualquer coisa dessa "fraternidade universal", uma compremensão de que tenho falado neste mesmo caderno. Talvez eu possa um dia ler a peça e estudá-la em detalhes.

Mai 6.-

"Je ne voulais qu'enlever de vivre ce que je portai en moi. Pourquoi était-ce si difficile?"

Tarde de 6.-

À um amigo

Começo a escrever-te uma carta sem ter a certeza de que te será remetida. Também não sei precisamente o que te vá dizer, embora prevista, e por sentir que nossa amizade sempre tão sólida está se desmanchando pela distância, pela ausência, e por nossos diferentes caminhos sentimentais, por sentir isso, não sei bem como me expressar perante ti. Escrever com essa impressão é quasi como falar só, dentro do quarto — e neste momento necessito imensamente o consolo de ser ouvido e compreendido. E quão poucas pessoas existem na vida de cada um a quem se possa falar esperando isso! Na verdade, nunca nos entregamos inteira-

mente a alguém: há sempre os segundos que a nós próprios dessejamos silenciar; mas, agora gostaria de poder entornar minha alma em teu ouvido para me sentir, se não tranquilo, pelo menos um pouco aliviado: pois confessar a alguém nossa falta é dar uma oportunidade de ser advertido, aconselhado, humilhado, e não se faz isso sem que se veja o amor próprio ferido, e essa concessão já é satisfação.

Meu caro amigo, agora, se me perguntares "qual é tua falta?" — não saberia responder claramente. Não que procure subterfúgios (seriam inúteis perante tua pessoa), mas, como pederei ser claro e conciso se toda minha ação repousa sempre numa disposição interior de realizar o que sinto ferir dentro de mim?

É falta ser sincero consigo próprio.
É falta ser insincero consigo. Tra-
ta-se de viver, de não viver des-
pedaçado pela insinceridade.
Mas, no fim de tudo, como é
triste ter de se reconhecer sem-
pre fingindo, mentindo, dissimu-
lando! Por outro lado, já tenta-
te ser sincero com alguém em
relação a assuntos chamados proi-
bidos? Pois é quando mais nos
entristecemos. Essa pessoa pre-
feriria viver iludida para
sempre: ao homem não agrada
a certeza; prefere a dúvida ou
a ignorância. Persegue certas
idéias por saber que sua curio-
sidade não será jamais saciada,
haverá sempre uma pergunta
sem resposta, como no caso
da existência de Deus e origem
da vida. Mas quando antevê
a solução, abandona o problema.

225
É pensando assim, e referindo a
mim próprio esse raciocínio,
sou forçado a concluir que se
persigo o meu grande problema
e se insisto nisso é porque
notei que é insolúvel. Carregarei
dentro de mim por toda a exis-
tência esse estogo cheio de ser-
pentes que fogem uma a uma
porém se multiplicam às cen-
tenas. É como para escutar-se
dizer "por toda a existência!"
Ali nos momentos sagrados em
que uma irmã nos abraça e
beija contenta, ou quando um
aluno acredita que somos honestos,
decintos e bem intencionados!
Ver, presentir destruída a confian-
ça que depositam em nós! Meu
amigo, e nesse caso não se tra-
ta de outra pessoa, não é o
fato de termos a ser desacre-
ditados que nos faz sofrer: é

é por termos destruído uma ilusão
e acarretado o subsequente sofrimen-
to. Gostaria de poder dizer
tudo de início: abri-me, para
ter a certeza de que os que me
rodeiam têm amizade por mim
— apesar de tudo. Para mim é
fácil ser amigo de alguém apa-
sar de. Mas, bem sabes, porque:
"Condescendência é conivência".

Não sei se encontra-
r-lhe a mesma palavra. Há certo
desacerto, contradições, talvez,
mas, bem refletem meu estado
interior e não somente disti-
nimento mas, de muitos outros
que se repetem quasi diariamente.
Talvez se possa chamar a
isto remorso. Há pouco não creio
ter sido sincero totalmente quan-
do disse que não é o fato de
passarmos a ser desacreditados
que entra em jogo. Não fui sin-

227
cro. Mesmo no instante em que
escrevia percebi isso. Mas, meu
amigo, por favor acredita que
ainda tenho uma pequena dose
de bons sentimentos: sofro por
me ver desacreditado, mas tam-
bem lamento o prejuízo que acar-
reto aos outros. Portanto, ao falar
em remorso, posso dispensar o
"talvez". Ele existe, mas não é tão
grande que não possa mais crescer,
nem tão grande que me submeta
a sua força. Sei perfeitamen-
te, R..., que não devo sacrificar
ninguém a fim de justificar
minha tora, (tenho raiva desta
palavra e desejaria poder colocar
outra mais leve, no entanto, é
a que melhor cabe), mas, como
poderei me firmar perante os penos
se não procurar convencê-las?
Será justificada a mentira quan-
do para nos salvar? Costumo di-

zer que sim, mas não é por con-
viciação que o digo, é para me sal-
var... Compreendo e exulto, meu ca-
ro amigo, que enquanto perceber
que estou ferindo alguém, e me
arrepender disso, ponho uma
possibilidade de salvação. Não
ser jamais inconsciente. Por
mais que sepa o sofrimento que
a consciência acarreta prefiro
viver com ela. Não tê-la jamais
morta dentro de si: seria apo-
drascar tudo com um feto nos
entranhos.

Tal é o favor que me
acarreta aquela palavra que mo-
tivou o parêntese acima que pa-
reço meu espírito, neste momen-
to, tentando persuadir-me de que
não é justa. Efetivamente, será
tara esse "sentimento particular",
ou tara são os atos que decorrem
da impossibilidade de realizá-lo?

Sofisma? Meu caro, não te pres-
cupes, eu próprio me penitencio,
mas, esse sentimento, não posso
negá-lo nem afirmá-lo. É eis a
dificuldade. Creio ter elogiado o
homem ao dizer que prefere a
dúvida, pois não seria mais fácil
eleger uma solução, a positiva
ou a negativa? Mas, ouço que
dentro de mim as vozes falam
baixinho, vindo de mim: — "esse
sentimento poderás afirmá-lo,
entregar-te a ele, mas, negá-lo:
não!" Então só me resta pros-
seguir a luta. Não creio, bom
R..., que exista alguém suspei-
to a esse sentimento que não
tenha dentro sofrimentos inti-
rios. Como é grande o poder
da infância, da família, da
religião! Podemos forjar argu-
mentos cínicos para enfrentar
os outros, mas, no cínismo es-

te sempre uma parcela de des-
posto contra nós mesmos.

Meu bom e caro R.,
fulpava-me perdido para sempre.
Ainda hei de fazer de minha
diminuição a salvação de minha
vida. Mas não descobri o cami-
nho, embora saiba que somente
por mim é que o encontrarei.

Perdoa o tom desta
carta. Por favor, não a fulpe
"literária". Será que peço isso por
fulpá-la que sepa? Não entanto,
tenho a certeza de que aí vão
verdadeiros sentimentos, e, bons
ou maus, constituem parte de mim.
Ainda não sei se te reenvio a
carta. Talvez sentisse apenas a
necessidade de escrever — co-
mo não o fazia há muito. Mas
sou tentado a remetê-la, pelo
perigo, por permissão, por vai-
dade (compreendes bem isso?).

Lê, então, e me responde, devel-
vendo esta para que a releia
noutro estado de espírito e me
arrependa de havê-la escrito,
como já me vou arrependendo
por saber que não deixarei de
enviá-la. Escreve longamente,
fala sobre ti, mas, por favor,
não me aconselha. Peço-te des-
culpas: tes conselhos me soariam
como mandamentos que ainda
não te acostumas a cumprir.

Mais 7.-

Venho de concluir um pe-
queno artigo intitulado: A impor-
tância de Ler, que escrevi agora
para o jornal mural da escola,
a pedido de um oficial amigo.
Tive sempre junto a mim o es-
pírito crítico dos alunos e neste
momento encontro-me satisfeito
com o trabalho. Parece-me que

dise realmente tudo o que pretendia,
e da maneira como o desejava.
Lembrei-me de meus anos idên-
ticos aos que vivem atualmente,
e de minhas leituras de então,
e procurei escrever a mim mes-
mo, sentindo sandades de mim.
Talvez algum debs me fale so-
bre o artigo e então... (Uma recor-
dção desagradável: parece que
nenhum debs me falou sobre
o que escrevi para a Revista.)

Mais 13.-

Vinha lendo há bastan-
te tempo e concluí hoje esse
profundo estudo que é "L'Univers
Religieux de Dostoiévski", por Romano
Guardini. É um livro denso e
que precisarei reler; — realmente
notável e curada sua "comparação"
do príncipe Muichkine com o Cristo.
Compreende-se facilmente, creio eu,

233
o sentido dessa identidade, e sua posi-
bilidade, se pensarmos como Dostoi-
évski sempre viveu envolvido pela
vida de Cristo e suas palavras; de
como esteve todos os anos de traba-
lhos forçados com um único livro
entre as mãos — a Bíblia — e de
como essa constante presença dos
evangelhos devam ter influído
em sua obra.

Com a leitura desse estu-
do veio-me novamente o desejo
de reler toda a obra de Dostoi-
évski, agora que recebi, em espa-
nhol, suas obras completas, e fazer
algumas anotações para um futuro
trabalho de análise. Mas não veio
ter esse espírito de análise necessário.
Enfim, se eu fizer um trabalho
dessa natureza, não terá pretensão
de descobrir nada de novo no gran-
de escritor: a intenção será de
homenageá-lo e de fazer com

que, quem o termine de ler, se veja
interunado pelas obras de Dostoiévski.
Pois estou perfeitamente certo de que
se há prurito para quem agir
assim.

Mais 17.-

A noite traz em si tan-
tos desejos mortos! O amanhecer
é o nascimento de bons propósitos,
que, pela tarde, são novamente
substituídos por sonhos desbota-
dos. Mas a noite encerra e en-
terra tudo!

No entanto, ela é riquí-
sima para o homem. Ainda há
poucos momentos, vindo a pé e
divagar para casa, vi duas ce-
nas, tão opostas, mas ambas
tão comovidas: foi tocam o
que temos de ternos e lírios, e
o que carregamos de traços:

Numa fachada de

217
casa comercial, em que as pala-
vas de propaganda são armadas
de grossas e salientes letras de ci-
mento, dorme grande quantida-
de de pombos cinzentos e bran-
cos. Como pássaros empalhados
lá estão eles, insensíveis aos bon-
dos, aos caros, ao povo que passa
vindo e falando. Um tanto
mortos, parecem, mas quando
nascer o dia novamente ba-
terão as asas, substituindo so-
nhos desfalecidos pelas novas
e eternas esperanças.

Depois, mais adiante,
é um soldado carregando
um velho embriagado pela mão.
Chama a polícia e diz:

— Está bebado; caído lá
adiante, levante-o.

Então percebo um feri-
mento no olho esquerdo, talvez
mais acima, na sobrancelha;

e o sangue goteja pela face e
vem se esconder num lenço
sobre da lapela. A polícia faz
perguntas, mas o velho não fala.
Por estar embriagado? Ou por estar
envergonhado de si e sem sa-
ber o que dirá a seus filhos, à
sua esposa? Talvez não o tenha
e esteja triste com a noite que
lhe foi cruel. Revelou-lhe um
segredo e ela feriu-lhe a face.
A quem revelamos um segredo
cabe pagar-nos com uma rosa...
ou seu espinho. Sempre igual:
uma rosa na mão ou um es-
pinho na face.

Mais 19. —

Li, ultimamente, Hermann
Hesse. Lembra-me de "O Lobo da Estepe"
que foi objecto de minhas copitações
quando estava em Caxias — até
recordo uma carta de D.T. e outra

237
a ele. Mas, há uma parte final nes-
se livro que não me apadrou. Por
agora tenho ouvido falar que a tra-
dução portuguesa é muito mal fei-
ta, o que acredito. Assim, li há
dias "Demian", uma beleza! mas
também com o final um tanto
obscuras, simbólicas, como se o au-
tor não tivesse tido coragem de
expor precisamente sua intenção.
E agora venho de concluir "Peter Ca-
merling", obra anterior a Demian.

Peter Camerling é bastan-
te lírico e poético e conserva isso
como unidade, a par do sentimen-
to, da tristeza de que está cheio. Mes-
mo quando leu a natureza e se
diz feliz ainda deixa perceber tra-
ços de tristeza, talvez oriunda de sua
solidão e inquietude. O autor
vive, ou faz o herói viver sempre
e constantemente com o olho no
passado e, vários vezes, não recor-

dados, virgula após virgula, o fato e personagens marcantes da existência de Peter Camenzind. O livro é composto de fatos isolados, raramente um personagem tendo ligações estreitas com os demais: surge na vida de um e desaparecem dela quasi inesperadamente — tragicamente: como Richard, Agi, Beppi. A isto tudo Peter se submete sem, no entanto, perder a vontade e a força de prosseguir. Não creio que Camenzind tenha ficado com o "cabaret" de sua terra natal.

O meu ver Peter Camenzind permanece sempre jovem. Não perdi muito bem seu envelhecer, principalmente quando ele se nega a falar sobre o tempo em que esteve em Paris — aí perdi sua idade. Mas o livro prossegue com muita beleza, como por exemplo a

239
cena em que morre a mãe; ou o pai de Agi preparando-lhe o coque; ou o final de Beppi. Mas o romance apresenta muitos detalhes exteriores, e é aí que fica depois de "Demian" que vem enriquecido de reflexões profundas, mais vividas, mais seguras.

Mais 21. —

Respondem-me a carta, mas não devolven a que lhe enviei (o que já não importa, uma vez que a transcorri neste caderno), e compreendem tão pouco tudo o que pretendi dizer que talvez seja forçado a parar a escrever unicamente para um "amigo imaginário".

Nenhuma resposta há; no entanto, um grande trecho que li com imenso prazer porque me trouxe um sagrado pedaço de panada; mas

primeiro caso de amor.
"Sim, - disseram ele - sim.
H. G. Um amigo telefonou-me per-
guntando se queria ver uma ex-
posição que ela fazia chez-elle
pois para isso um amigo dele (que
era sobrinho dela) convidara-nos.
É claro que aceitei. Cheguei lá,
casa perto da lagoa (se não me
engano é a que conheço) e me abor-
nei. A "cerminage" fora à tarde
e eram já 8 horas da noite.
Ela estava só em casa com uma
sobrinha e um admirador (da
arte, é claro). O tal sobrinho que
ia levar-nos, que é esp. de cava-
laria, não apareceu. Batemos e ela
recebeu-nos trapada de joelhos, com
adornos por ela fabricados, muito
elegante e envelhecida. Róscas
de pele vermelha marcam-lhe
o pescoço e pés de palhinha nos
olhos combinam com as rugas da

241
testa. Era exposição de cerâmica
aliás maravilhosa. Damos palpites
sobre possíveis tendências de ins-
piração, discutiu-se estética e o
racionalismo da luz. Palestra
animada, aventurei-me a declarar
que satis fazia, conhecendo-a, um
desejo muito antigo. Que dois ami-
gos meus falavam muito dela:
um folião de Lima que era
até seu contemporâneo (de quem
não se recordam) e o Harry Law.
Ela disse que se lembrava e qua-
se monologando: - Bem o tem-
po para! com tal unção român-
tica que não lhe caem bem so-
bre as rugas. A essa altura o
tal admirador já havia ido em-
bora fazia uns vinte minutos.
Passamos a outra sala - a que tem
uma escada que dá para o 1.º
andar, onde apresentei à tal
sobrinha, uma típica alemã.

zinha, envelhecida e tímida, a quem disse:

— Olha Juliana, dois amigos do Harry. Ao que a coitadinha, super-domesticada que é, respondeu: — Ah! sim, ele me falou nos senhores. Continuamos falando sobre arte e artistas, acontecimentos artísticos de sua vida. Aí tanto apanhou um aparelho de chá cingalês, muito sóbrio, que estava em exposição, deu uma xícara a cada um e foi a cozinha. Voltou com chá e bolo.

Ceiamos e conversamos, numa intimidade que me comoveu.

Falei de amigos que postariam de seu trabalho, dos quais ela pediu para levar à sua casa o pintor Ismailovitch e o maestro Walter Schultz Porto Alegre.

Falou de seus projetos e mostrou os planos para um grande aqua-

243
ryo que lhe pediram, de Minas, para uma escola pública, sobre Tiradentes. Realmente belo e original, sem a cruzada de forcas nem esquadrejados, próprio para a contemplação de crianças, numa bela exaltação da liberdade senhada pelo herói. 10 horas beifei-lhe a mão em despedida, cheio de simpatia e inteiramente conquistado. Não voltarei mais lá."

Um duplo prazer me dá a leitura dessa cena: é que vejo, em cada linha, meu amigo (e observação dos detalhes, as discussões sobre arte, as relações de que fala, o beifei-mão-tudo como Rezende: conserva-se o mesmo); e minha primeira amante: particularmente o gesto de apanhar o aparelho em exposição e trazer chá: lem-

bo. me como preparava-o com rapidy, em seu atelier, e que sabon estranho porvia - servido em copos de cerâmica decorados por ela. É um prazer verdadeiramente sensual me ver de ler como se lembra ainda de mim, e por ti-lo apresentado como amigos meus.

Novamente me veio a ideia escrever uma novela bre-ve sobre esse amor de adolescência, e agora me aparece o desespero de escrever. Lhe para saber se ainda existe o busto que esculpir, e de onde nasceram novas relações amorosas. Sim, e poderia ser chamado "Adão", o livro, e ter como epigrafe: "Do pó da terra formou Deus Jehovah ao homem, e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida; e o homem tornou-se um ser vivo." - Gênesis 2-7.

Mais 24. -

Penso comigo:

- E se eu morrer (cedo, ou mais tarde) sem ter realizado nada mais do que tenho feito até agora, literariamente? Que destino terá meu livro de contos e meus cadernos de anotações? Talvez um dia nova viagem me faça perder tudo isso.

Também costumo pensar:

- E se simplesmente eu deixar de escrever, o que farei com o que tenho escrito? Guardarei para mostrar a meus filhos - como um pai mostrando medalhas de competições diversas - ou encenderei num caixão e me enterrararei dentro tudo, como de meus juramentos a que não nos podemos furtar mas que não os contamos às crianças? Suponhamos que eu viva sessenta anos.

Pode alguém calar por tanto tempo
por um sonho de mocidade?

Outras vezes, percebo
uma pequena chama que aos
poucos vai crescendo e consumindo
todas as folhas. Por enquanto,
ainda afasto esse pensamento com
a convicção de que não vem de
mim: é um mau espírito que
me provoca, como nos provoca
à beira de um precipício e nos
convida a saltar ou a obrigá-
nos a lançar dentro dele um
ser que nos ama e nos acarici-
a nesse mesmo instante.

Mais 27.-

Crirei o que poderia ser
o primeiro capítulo do romance.
Dias 24 e 25. Fazendo relação com a
carta recebida de meu amigo R.
Hoje jantei a limpo no caderno
que havia destinado ao Dircen.

Menino, ao "O Espelho", e estou bastante
satisfeito, pela facilidade que
tive em escrever. Mas, por en-
quanto, tenho medo de falar
mais.

Mais 31.-

Encontro no Diário de
Fide: 1940, set, 9 - f'ei ite plus
courageuse dans mes écrits que dans
ma vie, respectant maintes choses
qui n'étaient sans doute pas telle-
ment respectables et faisant cas
beaucoup trop important du jugement
d'autrui. (...) Je crois qu'il est plus
difficile encore d'être juste envers
soi-même qu'envers autrui.

1940, set, 24 - Il me semble
aujourd'hui que je n'ai pas toujours
été parfaitement sincère et qu'il
m'est arrivé parfois, pour les autres,
de marquer plus de confiance et
d'espoir et de foi qu'au fond de

mei se n'en avais.

1940, Oct. 14. — Chimer la
vérité, c'est ne consentir point à
se laisser assombrir par elle.

1940, Dec. 19. — Il entre, dans
toutes les actions humaines, plus
de hasard que de décision.

1941, Jan. 16. — Ne paraît
mériter la liberté celui-là seul
qui saurait en user pour une
autre fin que lui-même, ou qui
exigerait de soi tel développement
exemplaire.

Realmente, como é difícil
ser sincero em todos nossos atos!
No entanto, ser mais corajoso nas
obras que na vida é um pouco
de persistência a que nos pode-
mos superior em virtude de
termos feito parecer aos outros que
somos confiantes, esperançosos, al-
gus. Pois a obra fica e é pulga-
da com lentos poderosos.

Será possível, a um indivíduo
que usa a liberdade para um fim
além de si próprio, temer que a
verdade o obscureça? Não, pois
as palavras nunca podem ser
tomadas, em sentido geral, com-
plete: elas, nunca resumem em si
o conjunto de nossas atividades.
Todo aquele que ama a verdade,
que livremente escolheu a ver-
dade para amá-la, não pode
deixar que ela o suplante, o ul-
trapasse — ou perdará a liber-
dade. "Saber comprometer-se sem
se deixar embaraçar".

Jun. 1.º

Mesmo no ridículo há
um modo de conservar a digni-
dade. É fácil, quando quem
nos considera ridículo diz-se, ab-
tamente, superior a nós.

É útil, em nossas rela-

côis cotidianos, usar de subterfú-
gios para se dizer o que se pen-
sa ou sente: e' que existem
pessoas que se irritam com mais
palavras; preferem dizer clara-
mente uma coisa que lhes
pode comprometer. Deusa ma-
neira, não pensam em tendo
sido expostos por outros, a respo-
nsabilidade terá fugido de nossas
mãos.

Jun. 2. -

Conclui ontem a leitura
do volume do Diário de André Fide,
1939-1942. Parece ler o diário com-
pleto. E' verdadeiramente tremen-
da sua capacidade critica. Este
volume e' de leitura deliciosa. Re-
colho ainda o seguinte:

"L'homme n'est-il pas
l'artisan de presque tous ses mal-
heurs?" (1941-jul. 7)

"Recommencer ma vie?... Je
tâcherais tout de même d'y mettre
un peu plus d'aventure." (1941-sep. 15)

"Il y eut un temps où, tour-
menté jusqu'à l'angoisse et harce-
lé par le désir, je finissais: ah! que
viennait le temps où la chair, réduite,
me laissera me donner tout en-
tier à... Mais à quoi se donner?
Et l'art? A la pensée "pure"? A Dieu?
Quelle ignorance! Quelle folie! C'é-
tait croire que la flamme brûlerait
sans, de la lampe dont l'huile
est tarie. Abstraite, ma pensée même
s'éteint; c'est, encore aujourd'hui,
ce que j'ai de charnel en moi
qui l'alimente, et je finis aujourd'
hui: finis-je rester charnel et
désireux jusqu'à la mort!" (1942-Da. 10)

Jun. 4. -

Hoje, depois de tanto
tempo em que passei bastante

satisfeito com o meio ambiente, o
meio militar, senti-me de repen-
te tomado por esse sentimento
de inutilidade que me é ba-
sante conhecido. Tentando, então,
descobrir a causa, foi ~~de~~ muito
fácil fazê-lo: havia em prepa-
rado uma aula conforme mar-
cara o programa de instruções;
chega o chefe e suspende tudo
para que se façam limpezas e
arrumações para a chegada do
General. Voltou tudo como eu
sentia no tempo de aluno e
cadete, e mesmo depois como
oficial. Então vi a todos como
se fossem em aqueles dias; pen-
sei que alguns daqueles, efetiva-
mente, deveriam estar sentindo pre-
cisamente o que eu em situações
idênticas senti. Mas, como
um camaleão, que ultimamen-
te tenho procurado ser, dentro

253
em pouco conformei-me e fiz
por esquecer o papel em que
rascunhara o assunto da aula.
Agora, indo mais fundo na ques-
tão, sou tentado a revelar que o
motivo central de minha decep-
ção, de meu desporto, foi uma
oportunidade perdida de estar
sendo alvo da observação de
meus quarenta e sete alunos que
escutam o que digo. O assunto,
olhando agora como um observa-
dor imparcial, era completa-
mente estúpido. Mas, me deu
o trabalho de construir frases, de
expor o assunto o melhor que sei,
e depois fazer perguntas, desafi-
ando a agilidade mental de
todos com o imprevisto dos res-
postas. Afinal, porque resabi-
mostrar-me assim? Creio que
ainda por um mau senti-
mento: como pulso que este

caderno será lido por alguém,
junto a essa pretensão outra
mais forte ainda, a de que
podrás dizer: "como ele se conhe-
ce!" Será tudo isto uma pa-
lavra mais moeda para carac-
terizar em é friamente vaidade,
vaidade, vaidade!

Noite de 5. -

Vivamente emocionado
com a leitura de "Pobre gente",
espera que atinja a parte em que
o pai, sob a chuva, acompanha
o filho morto ao cemitério, e lhe
vã caindo as lágrimas e os livros.

Jun. 15. -

Então de noite inicii
e conclui a leitura de "Parca
Roca", por Edgard Canalleiro.
Um estudo interessante mas
pouco documentado, isto é, sem

253
conseguir esclarecer melhor a
personalidade do poeta, pouco adi-
antando ao que eu já conhecia.
Mas vale como uma longa
conversa acerca de Roca e nos
leva ao mundo lírico e sentimen-
tal de suas poesias e dramas.

Portei, por exemplo, de en-
contrar o seguinte esclarecimento
do autor: "Uma severa auto-crítica,
e o desejo de dar sempre o melhor de
si mesmo, levavam o poeta a não
divulgar imediatamente suas pro-
duções. Costava de corrigi-las, bui-
lando-as incansavelmente." E
também o que ele transcreve de
Guilherme de Torre, a propósito de
"Aqui passen cinco anos", em que diz
se pode facilmente perceber na
obra a falta dos retoques, o
estar ela "sem os lentos e exigen-
tes apertos que o poeta costumava
aplicar às suas produções, supri-

mundo, condensando, procurando
atingir o máximo de perfeita téc-
nica.

Jun. 16. -

Estive com alguns livros
na mão, olhei entros na estante,
cheguei mesmo a ler algumas
páginas do "Journal du Voleur";
abandonei tudo e reabri o
caderno para ver a possibilidade
de acrescentar algumas páginas
à cinco que escrevi ontem à noi-
te. Fechei-o e retornei a este
para dizer o que vem acima.
Há uma espécie de embriaguez,
de estado emocional, durante o
qual posso escrever. Fora desse
estado me é muito difícil; não
posso obrigá-lo também a se ma-
nifestar, ele surge espontanea-
mente. Há dias em que posso
por cantinhos de flores, ou por vitri-
-

nos cheios deles, e nada sinto: ou-
tros vezes paro enternecido a admi-
rá-los. Também muitos dias não
estou disposto a ouvir minha in-
mã menor falar, não lhe dou
atenção: outros, posto incrédula-
mente de observar-lhe a inocência
de suas pequenas histórias e ob-
servações. Naturalmente se dá
o mesmo com todos, mas os fa-
tos que cito é para mostrar que
também para o caso de criação
literária o estado emocional é
indispensável.

Ultimamente tenho pen-
sado que um pouco, uns dias de
silêncio seriam suficientes pa-
ra eu me entregar ao meu li-
vro e escrevê-lo totalmente.
Pois, afinal, seria apenas recordar
e transcrever pensamentos já
elaborados e vividos. Mas sem-
pre a fuga dessa disposição me

abate, parecendo dizer-me que
deus desistiu. Depois de tudo,
essa presente a tudo, a impres-
são de que minhas atividades
exteriores são por demais diversas
das intuições artísticas que ali-
mento.

Jun. 23.-

A noite de hoje para por-
ser a maior e mais fria do ano.
A mais fria não é, pois o inver-
no até agora tem sido muito
agradável e não está hoje tra-
dicionalmente frio.

Do meu quarto ouve-se
tumultos e contínuo estorão de
foguetes, nos mais diversos tons,
graves e agudos, de perto e ao lon-
ge: lembrei-me dos exercícios
militares em que tomei parte, e
pensei mesmo num combate.

Mas, enquanto lá fora

as crianças e os rapazes se diver-
tem com seus fogos de São João,
aqui releio "O Eterno Marido",
enquanto espero que fique mais
tarde para ir a um baile. Não
sinto desejo algum de estar lá
fora saltando foguetes ou saltan-
do fogueiras; no entanto, agora
que falei assim, lembrei-me de
que em minha infância gos-
tava muito desta festa; e que
satisfação sentia quando meu
pai me dava alguns tocos para
comprar rodas de fogo e bo-
tões de estrelas para queimar!

Ainda há pouco Estela
veio aqui pedir-me para sair e
ver os fogos. Lembrei-me então
de mim com sua idade, ou
numa idade mais tenra, e ima-
ginei sua agitação interior, aque-
la agitação provocada por algo
que apada a razão sentidos, e

visão, a audição, que ao mesmo tempo que nos fixa à terra nos separa dela, provocando sonhos e descobrindo sensações.

Jun. 28. -

Acabo de ler um pequeno estudo de Agustín Rivers Astengo, intitulado "Pören Kierkegaard, El buscador de Dios" (Ensayo histórico-filosófico), um tanto desconcertante, requirindo um "método" de análise que parece um eterno prólogo (ou epílogo?) - o livro começa e termina em quasi todas as páginas. Superabundância de citações e parágrafos de todo o mundo, "incluindo de Kierkegaard." É desafiador, por exemplo, ler-se um estudo histórico e filosófico que a filosofia existencialista "está actualmente haciendo estragos entre los snobs." (58)

Página 31 - "Cada qual é responsável por seu destino. Deus é in-

cente!" (Platão) Pören, que desce com reverência viver a responsabilidade de seus próprios atos, levar sua vida a pulso - forma difícil, pero auténtica, de vivir - excepto de llenar el postulado"

Página 45 - "O Profeta escreve: "Nenhuma desgraça atinge o homem sem a vontade de Deus". Asaetado por esta ideia, excepto me angustia como uma fatalidad inmediabile.

Jun. 30. -

Muito bem equilibrada e esclarecedora a conferência de Tristão de Athayde sobre o Existencialismo, que venho de ler em espanhol, traduzido do francês. (Requinto me consta essa conferência foi feita na França).

Simples e atraente, esse pequeno livro é uma ótima "introdução ao estudo..." e que me agrada, sobretudo, pela posição em

que coloca Urnammu e Kierkegaard.
Dada a reputação externamente
"católica" que me têm feito do
autor, é agradável notar-se o pou-
co parisiense do mesmo. Combar-
te parte, mas isto não é ser parisiense.

Miguel de Urnammu, que
em parágrafos de sua obra, chama
a Kierkegaard irmão, chega mes-
mo a identificar-se totalmente
com ele, fazendo para ambos a
mesma figura de comparação:

"... mi religión es luchar
incansante e incansablemente con el
misterio; mi religión es luchar con
Dios desde el romper del alba hasta
el caer de la noche, como dicen
que con El luchó Jacob." (Mi Religión)

"... Kierkegaard, este corazón
tan esforzado como angustioso, que
presa durante su vida toda de una
desesperación resignada, luchó con

263
el misterio, con el ángel de Dios, co-
mo luchara antaño Jacob con él."
(Loren y Kierkegaard)

fol. 5.-

Vejamos o que seja um
paradoxo:

Paradoxo: Proposição que é ou
parece contrária à opinião comum.
(Enciclopédia e Dicionário Internacional)

"Paradoja: Especie estranha o
contraria a la común opinión. Aser-
ción falsa que parece verdadera." (Pri-
to - Dicionario Ilustrado de la Lengua Espa-
ñola)

A primeira definição me
parece bem mais inteligente. Não
será possível fazer uma modifica-
ção na segunda frase da definição
espanhola e dizer assim: "Aserción
verdadera que parece falsa"?

Isto vem a propósito de
que Agustín Esclarans condena em

Unamuno o seu posto pelos "paradoxos".
Será paradoxos, por exemplo,
escrever: "No basta no mentir, si-
no que es preciso decir la verdad?"
(Verdad y Vida) Ou então: "Es pre-
ciso luchar por el pueblo contra el
mismo" (Los Escritores y el Pueblo).

Quanta vez, não apimamos
"paradoxalmente", condenando nos
entros atitudes idênticas às nos-
sas. O que nos leva a agir assim?
Não será o desejo de impedir que
venham a se arrependem, como o fa-
zemos em segredo?

Talvez a maioria dos pa-
radoxos sejam apenas verdades difí-
cis de serem compreendidas, aceitas
ou executadas.

Jul. 7 -

No tomo IV da Obra Com-
pletas de Dostoiévski, editora Aguillar,
existe uma parte da correspondên-

265
cia do autor russo, relacionada com
suas obras principais. É uma lei-
tura agradabilíssima — ainda
que muitas vezes triste e penosa
quando se lê os sofrimentos do
homem com a luta pelo di-
nheiro, pela saúde — e dela
se pode tirar, além de uma vi-
são clara do escritor e sua vi-
da, muitos ensinamentos de
ordem técnica relacionados di-
retamente com a literatura.

Na primeira carta de sua cole-
tânea, a seu irmão Mikail, trata
um verdadeiro processo de criação li-
terária em que fala no valor da
inspiração ("sem inspiração, natu-
ralmente, não se pode fazer nada") e
da revirada do trabalho, da obra que
se escreve — tudo como consequên-
cia o aprimoramento do que se es-
creve. Deixa sempre trabalhar
com tempo e calma — o que nunca

conseguir, e noutra carta (a 3.ª),
escreve: "Muito frequentemente
escrevi coisas, mas, muito mais,
pela necessidade de apressar-me
e tê-las terminadas num prazo
fixado."

Outra causa que chama
a atenção é a extrema importân-
cia que concede ao plano para
a realização da obra. Com relação
a todos os livros, existem constantes
abusos, nestas cartas, ao plano esta-
belecido. E, com relação a "O Solista"
se lamenta a Maikov: "Puramente
minha desesperada situação pôde
obrigar-me a lançar mão de uma
idéia ainda verde. Divisava-me
como na roleta: Talvez enquanto
escrever me vá surpreender! Lito e
impendo o mel!" Mas, ao mesmo
tempo, é notável de se perceber
como se liberta do domínio que
exerce aquilo que já escreveu e,

267
por uma idéia melhor, recomeça to-
do, como para "Primo e Lastipo", "O
Solista" e "Demônios". Com relação
a esse último há uma observação
interessantíssima que evidencia o
poder da criação sobre o criador: "...
surpiu na novela um novo perso-
nagem com foros de ser nada me-
nos que o verdadeiro protagonista da
obra, de sorte que o outro protagonista,
o primeiro, (figura muito interessante,
mas sem ser digna de chamar-se herói),
teve de ser relegado a segundos planos."

Dostoiévski nunca estava
entusiasmado plenamente satisfeito com sua obra.
Pliús, fide faz notar esse fato em seu
estudo. Sobre "O Solista", por exemplo,
diz não estar satisfeito, que não disse
nem a centésima parte do que preten-
dera, mas acrescenta: "Mas, não me
faço nenhuma censura e continuo a-
mando ainda hoje essa idéias ma-
leadas". É quando participa o ha-

ver o sagado parte de "O Idiota"; diz:
"quando a alguém não lhe satisfaz
seu trabalho, não é possível que es-
teja bem". Mas, há sempre esperan-
ça e amor ^{para} que planeja e executa,
como no caso de "Demônios": "A
idéia da novela é tão boa e impor-
tante, que até ela tira o chapéu"; ou,
"Confio no êxito. Com efeito, quem se
põe a trabalhar, sem esperanças de
êxito?"

No que se refere ao "Idiota", há
informações muito interessantes.
Escreve longas cartas expondo a idéia
a Maikov e a sua sobrinha, Sofia,
a que dedica especial carinho, e
a quem fala na "idéia fundamental",
qual seja a de apresentar um ho-
mem verdadeiramente perfeito e
bello. Fala então um personagem
de Victor Hugo, de Dickens, no Don
Quixote, a quem confere a quali-
dade de mais perfeita figura de li-

269
teratura cristã, e refere-se de uma
maneira especial a Cristo: "só há
no mundo uma figura positiva-
mente bela: Cristo". Cito ler esta
carta lembrei-me de que achara
até certo ponto curado o haver
Kierkegaard fundir, em seu livro
"L'Univers Religieux de Dostoievski",
comparado o príncipe Myshkin
a Cristo: agora, no entanto, é
o próprio Dostoievski que no aut-
riza a isso. Em outra carta a Mai-
kov, mostra-se perfeitamente consciente
do valor desse romance, pela quarta
parte e final, de que escreve: "seu
final é o mais importante de toda
a novela, que, na realidade, somen-
te em vista dele se pensou e escreveu".
Mas, depois disso, ainda diz, com re-
lação ao defeito que reconhece no
seu grandioso romance: "nem a
minimamente se me escapam; tão
enfadado estou comigo mesmo, por

ino, que de bom grado haveria escrito uma crítica sua".

Dostoiévski sentia sempre a necessidade de escapar em sua terra. Volta várias vezes a essa ideia, se não me engano observada por Henri Troyat, como quando pretendia iniciar "Demônios": "Tenho algumas ideias, mas me falta a Rússia"; ou: "não posso escrever uma linha longe de minha terra, creia você"; ou ainda: "Sem Rússia não posso escrever"; pois ele, russo como era e se sentia teñoria, vivendo na Europa ocidental, desvirtuava os personagens, isto é, não apresentá-los com caracteres exclusivamente, ou melhor, particularmente russos.

Nesta coletânea de cartas há uma de Strakov a Dostoiévski que me parece o mais perfeito testemunho da obra de Dostoiévski. É de uma precisão que bem paten-

271
teia a visão crítica de quem a escrevem. Dig, por exemplo, que no tocante à riqueza e diversidade de ideias é o primeiro na Rússia e anti ele Tolstoi é monótono. Houve pouco depois acrescenta: "Um francês ou um alemão habil haver-se-ia tornado já célebre em ambos os hemisférios com a décima parte de sua substância, e brilharia como astro de primeira grandeza na história da literatura mundial." Melhor preocupar-se com o público, com o sucesso e procura das obras que, afinal, tinham de ser lidas em conta pelo autor, que delas vivia ^{depois}. Recomendada uma trama menos complicada, menos figuras e menos cenas. Mas acrescenta: "Compreendo que com isto toco já em um grande mistério, que lhe dou um conselho absurdo: o de que deixe você de ser você mesmo, que

deixa de ser Dostoiévski".

Ainda quero anotar algo mais sobre o que talvez pudesse ser chamado "processo de criação literária" e "consciência artística".

A sua sobrinha Sofia, escreve Dostoiévski, temendo pela grandiosidade da ideia de "Demônios" — "A ideia é forte e rica. O mal é precisamente este, que sempre a empreendo com temas demasiado grandes para mim. O criador supera em mim o artista, e isso não está bem".

Mais tarde, a Strakos: "A força da inspiração poética é sempre superior, como no caso de Victor Hugo, aos recursos artísticos. Dito no próprio Pushkin se advertem vestígios dessa desarmonia".

Sobre realidade e realismo: "Tenho minhas ideias próprias sobre criação em arte; e aquilo que os demais qualificam de quasi fan-

273
tásticos e excêntricos, constitui para mim, muitas vezes, o mais característico da realidade." (A Strakos)

"Tenho da realidade e do realismo uma ideia muito diferente da de todos os outros realistas e críticos. Meu idealismo é mais realista que o seu."

E, afinal, em trecho maravilhoso em que fala sobre a inspiração, para Maikov. Dostoiévski esperava que lhe viessem a disposição para escrever, a fim de poder conseguir um pouco de tranquilidade, pagando sua dívida com o que apurava de seu trabalho. Em vão. "Tinha tanta mais esperança de que assim fosse quanto em minha cabeça e no meu coração começaram a despontar germes de ideias artísticas e a dominar minhas sensações. Mas a coisa ficou em botão, enquanto que o de que necessito é uma verdadeira

incarnação, que sempre surge inesperada e súbita, de modo que momentos antes não havíamos podido suspeitá-la; somente quando em nosso interior coagulam-se um quadro completo e que podemos passar a dar-lhe forma artística. Somente nesse caso se pode contar, sem medo de equivoocar-se, com um êxito."

Jul. 10. -

Há um livro de ensaios breves de Urmann algo bem interessante sobre os diários íntimos: condena-os e diz que sabe de alguém que "começou apontando no diário o que (pensava) sentia e acabou sentindo para apontar". Isso aplica-se a um ou duas palavras (e temo que se apliquem totalmente). É que muitas vezes começo a ler um livro, e ao pouco vou-me dominando o desejo de comen-

275
tá-lo, citá-lo em meu diário, e por isso sou levado a concluir a leitura de uma só sentença; e con-
firmando cansado e acabo por não amirillar tanto como postaria. Ainda entem se passar isso, quando lia os "Cinquenta Poemas" de Rilke, traduzidos para o francês por Claudi Vigier. Cheguei um ponto em que tive de abandonar o livro. Hoje pela manhã concluí a leitura, já bem descansado, o que nos traz bastante proveito. E agora penso: o que direi sobre o livro? É uma coletânea de poemas de alguns de seus livros (Le Livre D'heures, Le livre D'Images, Novecento Poemes, La Vie de Marie, e obras póstumas), mas a obra desse poeta não se pode definir em poucas palavras, em palavras que não tenham amadurecido com o convívio de muitos poetas (em que fazem mergulhados

seus sentimentos). Procurei
num livro a presença da infân-
cia, da solidão, da morte — e
encontrei muito também do amor
e de Deus. Distingui aqui, pois, pos-
síveis em que um pouco de tudo
isso aparece — e por me haver im-
pressionado — sem tentar descobri-
r as intenções do poeta: pois poderia
até invertê-las, e uma deformação
estaria longe de minha intenção.

Infância (25, 27)

O solitude, ô si longd'heure temps...
O temps d'étrangeté, ô pareil temps,
ô solitude.
O deuil sans de raison, ô sang,
ô épanchant,
ô profondes rurs fond.
O toujours plus inconcevable
monde en fuite,
ô angoisse, ô fardeau.
O enfance, ô deroutants perol-
leils,

Vers ou? Vers ou?

Não, com exceção do primeiro verso, dois
a dois, os versos finais de cada estrofe
do poema "Infância", repleto de tris-
teza pelo que se vai perdendo, vivendo e
esperando.

Solidão.

Numa das "Cartas a um Poeta"

Rilke escreve: "A solidão é uma, e, por
essência, grande, pesada e difícil de
suportar"; mas acrescenta pouco depois:
"Uma só coisa é necessária: a soli-
dão, a grande solidão interior".

Aqui numa coleção de Poe-
mas, Rilke apresenta também a so-
lidão. Eis como a trata, por exem-
plo, no poema "Solidão" (31) em que
a imagem tomada para equivalen-
te, a chuva, nos penetra intensa-
mente. Segundo esse belo poema, a
solidão é enviada para o céu, "que
sempre a possui", e de lá, depois
de haver subido do mar, dos plani-

eis perdidas,

"Elle pleurt sur le monde aux heures
indécises".

E como "hora indecisa" é vago, ela esclama ao dizer que a solidão chove sobre o mundo "quand les corps qui me trouvaient vivants se lâchent et retombent attristés et déçus".

A morte.

Agrada-me imensamente a ideia que Rilke faz da morte, ou melhor, como tenta encará-la: como algo que por ser inevitável devia ser aceita docemente, uma necessidade; que cada um viva sua própria morte, sem a temer nem despreciá-la. Em "Chanson de la jeune femme" entende-se esta morte que se aproxima. Os versos que me parecem mais cantos:

Au début la vie m'était douce.

Soudain elle ne fut qu'une année après
l'autre,

depois, não reconhecendo sua a culpa, nem condenando a vida, diz "la seule" que a morte não tem paciência, ao contrário de si e da vida, e que vinha - inevitavelmente. Por fim, no verso final, ainda sem se entregar, duvida e pergunta:

"Mon être misérable, même, ne m'était-il pas un prêt du destin?"

É neste poema, "Epilogue", encontra-se a morte presente em toda a nossa existência:

"Lorsque nous nous croyons au plus vif
de la vie

elle ose tout à coup
pleurer au fond de nous."

Os anos.

Muitos vezes de uma maneira estranha se manifestam os anos nos poemas de Rilke. Nesse muito belo que é "Annunciation" (Os Parols de L'Ange). Lá diz que

não interpretaria, mas, sem levado a
dizer que o anjo que anunciou a Maria,
não se desfez de sua tristeza para
trazer a notícia, e como que se en-
tristecem mais ainda. Ele diz:

"Vois-tu puis l'été des pensées,
mais seule tu es l'arbre";
depois acrescenta, depois de haver dito
que o que lhe vai acontecer só o conselho,
só o saberá compreender em sonhos,
acrescenta:

"Maintenant je le sens, ma parole
en toi-même / comme en la forêt se perdit."
Depois de haver dito:

"Si pleins d'angeisme sont les anges"
E nestas poesias há também outros
sentimentos apontados nos anjos, versos
que Rilke emprestem um sentido
muito diverso daquele da Grega, sen-
timentos que não imaginamos fa-
cilmente que os formam:

"Et une nostalgie (peut-être du pé-
ché) / quelques fois dans leur songe pare."

281
No poema "Le jardin des Oliviers", aque-
le que se sente acompanhado apenas
pela dor de todos os homens, ne pa-
ra que tenha vindo um anjo aliviá-lo
e assisti-lo. Porque um anjo? pergun-
ta. E diz: "Les anges ne vont pas
chez de tels suppliants / et la nuit
ne se fait pas grande autour d'eux."

Outra no poema "Naissance de
Marie" apresenta o poeta uma estranha
visão dos anjos:

Oh combien en dut-il alors crier aux
anges / de ne pas exulter comme on s'appla-
te / car ils savent: dans cette nuit va
naître / une mère à l'unique enfant tôt
à paraître.

N Obre Deus e a manifestação de sua
presença ~~e manifestação~~ encontram-se
ideias principalmente nas seguintes
poesias: Annonciation (41), Le jardin
des Oliviers 63, e Le Prisonnier (77).

Jul. 17.-

Creis que uma das razões por que não me empenhei a fundo na publicação de meu livro de contos é que, à certeza do insucesso, prefiro a incerteza do sucesso.

Jul. 29.-

Estranha e absurda deve parecer a muitos a história de "O Inmoralista". De antem para hoje reli este livro tão fundamental no conjunto da obra de fidel, e tão importante no conjunto da moderna literatura. É maravilhoso poder-se observar e estudar a evolução do problema fundamental de Michel, da eclosão à explosão, e como ela se processa, por assim dizer, logicamente.

Ha' em todo o livro, ou pelo menos a partir do momento em que o herói começa a se reconhecer, a

preocupação constante da liberdade, o temor de perdê-la, o desagrado por vê-la restringida. Em virtude dela, e de como emprega-la para recolher a satisfação de seus atos, vemos suas ações grupadas em duas classes: ações próprias e ações de conveniências. São ações próprias todas aquelas que têm relação íntima com o problema que o atormenta. Não digo que sejam ações de convicções, mas são as que desconhecem de si mesmas, de seus desejos mais próprios. Os ações de conveniência são os demais fatos que o livro encerra, aliás muito bem dosados, de interesse pelo seu trabalho intelectual, pela esp. ra, pela terra (fatos em que, ao pouco, se vão transformando); são ações resultantes da necessidade de afirmar a personalidade, justifica-la; decorrentes do meio e das circunstâncias. Talvez deva ser posta num grupo à parte a "noite de amor verdadeiro" que se segue

à defesa da esposa contra o cachorro.
Mas, levando-se em conta o fato da
luta, a vaidade remiltante da vitória,
e todo esse complexo de sentimentos,
talvez possa-se ainda reunir mais
esta ação como sendo de conveniê-
cia. Mas o herói acredita-a sincera.

Considero pontos altos do
livro as entrevistas com Menalco, um
personagem de Wilde, talvez o pró-
prio Wilde. Neli há todo o cinismo
que se encontra nos seus peças, como
"O Marido Ideal", ou ainda melhor:
"O Legado de Lady Windermere". Essas en-
trevistas são como uma crítica aos
livros, que o autor pulga necessário
anexar para esclarecer atitudes e inci-
dentes. São bem definidos e diferen-
tes os três principais encontros:
no primeiro, vivismo e segurança por
parte de Menalco ("Não posso esipir
de cada um as minhas virtudes. É fá-
cil agradável encontrar nos outros o

285
meus vícios" — "Tenho horror ao repouso; é a
pau que o provoca, e na segurança a
mente adormece; posto bastante de viver
para querer viver acordado..."). No segun-
do encontro, Menalco se mostra — um
tanto inquieto, e pede a presença de
Michel. O último é francamente afli-
to e triste. ("Estava pálido e parecia um
pauco crispado". — Menalco inclina-se
para o fogo, como se quisesse esconder o
rosto". — "Um homem crê que possui e
é possuído, continua". — "Em cada instante
levo tudo o que trouxe".) Menalco
é o que Michel será; é o ser para
o qual tende Michel, e este, ao com-
preender isso, invita-se: "Essas palavras
que precediam demasiadamente meu
pensamento"; ou: "não que elas me re-
velassem qualquer coisa nova — mas
porque punham a um buscamente
o meu pensamento; um pensamento que
eu cobria com tantos véus que qua-
si conseguia sufocá-lo". Michel

ainda inteira, portanto, contra si mes-
mo. Depois da entrevista invitava-se
"por não ter sabido responder-lhe;
por ter dito palavras que poderiam
fazer com que ele duvidasse da mi-
nha felicidade, do meu amor." E
dizendo tudo ele próprio duvidava.

Valer os traços essenciais, re-
lacionados com o seu problema, com
o problema do herói de O Luminali-
ta, refaço os seguintes, na ordem em
que vão surgindo no livro (Edição
Globos - 1947): inicialmente, o que lhe
interessa no menino Bachir: a virã
da carne (nota que está na sob o
albornoz, tornozelos e pulsos delicados,
o braço e o ombro que se descobrem -
o desejo de tocar no ombro); depois a
necessidade da presença do menino
(pg. 33...). Um pouco adiante, para
a invitá-lo com a presença da es-
posa, pelo excesso de cuidados que lhe
dispensa. Ou deve-se ver mais tudo

287

apenas consequências da doença de
que está acometido? Na página 44
há um traço bem claro; é o que es-
creve depois de haver encontrado Dshem,
"Por mais graciosos que Bachir me pa-
recesse, ~~ele~~ conhecia-o bastante agora
e sentia-me feliz em viajar." Se-
guem-se depois fatos bem esclau-
cedores: a cura em que se deusa
rembar (a tesoura), o cuidado que
para a tomar pelo corpo, os banhos
de sol para transformar a cor da
pele que um dia encheu-o "de ver-
gonha e de lágrimas". Depois não mais
sentirá isso, pelo contrário, vai olhar-
se com alegria. É chepa a cortar a
barba, a fim de "manifestar exteri-
ormente o mudança íntima de men-
ser", explica ele (pg. 65), sentindo,
ao cair da barba, que ~~ele~~ arrancava
uma máscara.

Na segunda parte do li-
vro, conta o herói seu interesse por

Carlos, filho de Celso Bocage. Sente-se bem perto dele, e na descrição da pescaria não lamenta a ausência de Marcelina (P3). No ano seguinte vai abarrecer-se as coisas voltar (a necessidade de variar). Outro fato: ao ouvir Menalco falar, repetiu tudo o que ele havia dito a Marcelina, interrompeu e procura destruí-lo seu argumento, o que corresponde, pois, a contrariar a si próprio. Falta de convicção? — faz o foco de seus "inimigos", talvez para pôr à prova a certeza do outro em seus argumentos. Fala também que em seu trabalho os historiadores censuraram "uma tendência a generalizações muito rápidas" (101), fato que, se em cultura pode manifestar falta de conhecimentos, na vida prática traz uma satisfação bastante perigosa.

Um pouco adiante Michel conta como lhe eram desagradáveis

289
as visitas que vinham à fazenda, obrigando-lhe a "sair de casa com mais frequência". A elas, preferia a companhia dos trabalhadores, não para fiscalizar o trabalho, confenar-se depois, mas para ver os homens. "Minha, tens, dois confenar, não me interrompam tanto quanto os homens que nela trabalhavam" (128). Nesse prazer que sentia junto a pessoas de nível mental mais baixo pode-se ver, talvez, a possibilidade dele, nesse meio, sentir-se mais seguro, menos espiado — pela ascendência natural sobre eles. Mas, Michel, justifica como sendo por não saber o que os outros diziam, as palavras que os trabalhadores lhe davam uma sensação de novidade. Mais tarde, já no final do desenvolvimento de seu "sentimento particular" ele dizia que "a sociedade da pior gente era para mim uma agradável companhia". Con-

padres, vagabundo, marinheiros — lembra Walt Whitman.

Outro traço característico em Michel é a decepção experimentada por haver Becque despedido um dos empregados que se embria para, mas que "era bastante bonito, nada estúpido, mas, levado unicamente pelo instinto" (136). Um tanto paradoxal, sentir-se prejudicado por um ato que se vê forçado a reconhecer justo. É que ele sente um certo prazer em ser ludibriado (o caso da tesoura, depois o dos laços — em que a convivência com atos reprováveis faz com que se estabeleça um pacto entre os infratores de leis diferentes — a espera do perdão nascido da tolerância, da "compreensão interenxada").

Distante immoralista é também o fato de sentir prazer em fazer uma criança como Bute contar tudo o que de sexualmente sórdido se passava

291
na família dos Heurtemont. Com uma pessoa em identidade de condições consigo próprio o prazer seria bem menor: é o posto pelo perverso. Destina o que se considera raso e digno. Dirá mais tarde: "Como os profanos honestos embutem!" (163).

Se em Miguel existe prazer em ser ludibriado, em ser prejudicado, talvez maior ainda seja seu gosto em ludibriar e prejudicar aos demais. Permite e auxilia o roubo para ver alguém sofrer mais do que ele próprio. É sempre o sentimento de sua própria salvação. "Bem! estou salvo." "Ele é que Bute é o único culpado, a incrível verdade lhe escapa." Lume Becque diz que Bute rouba e mente, mas, para salvar-se, cala o que sabe.

Outros fatos característicos da personalidade de Michel: a inquietação, a necessidade constante de

mandar de cenários; o amor pela no-
ite e por atravessá-la ^{que destitui} perambulando.
Na terceira parte as mani-
festações são claras. Como por exemplo
o heiro que dá no coqueiro ita-
liano, "bela como um verso de Pétrarca".
Lá então ele se sente sem forças para
lutar contra si. Sobre a constante
desejo de viajar não tem melhor ar-
gumento que este: "Um demônio mais
forte me avorçava..." (113) Quando vi
uma esposa que sofre, ele tem momen-
tos de desespero: "Ah! talvez ainda seja
tempo... Não poderei parar, finalmente?"

Fidel escreve à página 98:
"Não se pode, ao mesmo tempo, ser sin-
cero e parecer sincero." É que a perso-
nalidade de Michel é profundamente
inconstante: ele deseja da mesma
forma, com a mesma "sinceridade"
o que deplorou no momento anterior.
Resolve, por exemplo, para ser agrada-
vel, atraente, necessário, resolve comi-

293
dar Mokti a embarcar para Tanguent.
E escreve, ou melhor, diz, em seguida:
"E vem-me, de repente, o desejo de ir
a Tanguent." (164) Comprometeu-se
assim, quasi gratuitamente (não
foi gratuito porque espera tirar um
proveito pessoal dessa presença), e
arrepende-se: pois é poucos livros
abaixo que se angustia com a per-
gunta: "Não poderei parar?"

Ao final sente-se uma
piedade extrema ^{para} Michel, que se
deixou dominar completamente, an-
tes de mandar chamar os amigos que
o escutam. "Dranquem-me daqui; não
o posso fazer por mim mesmo." "Des-
garia começar de novo." É Michel
quer que lhe dêem "razões de existir" e
crê dever provar a si mesmo que não
ultrapassou o seu direito — pois não
está cansado de seu crime.

É perfeita a maneira co-
mo se desenvolve o processo psicológico

do sentimento estranho e "particular"
de Michel. C' fica melhor provada
essa conexão no facto de ter reunido
dele seus amigos e falado tudo,
numa dolorosa auto-flagelação. Lem-
bre-me de Dostoiévsky em O Espíri-
to Subterrâneo: "Vós, habitantes do
subterrâneo, precisavamos ser reprimidos.
Podemos guardar segredo durante
quarenta anos. Mas, se abrimos a
boca, falamos, falamos, falamos..."

Michel saiu do subterrâneo
para falar a seus amigos.

Apr. 8. -

Não é bom desprovar de
sonhos o pensamento. A realidade
é fria demais, para ser aturada
se. Talvez fosse bem que eu provo-
casse o retorno daquels estados
sentimentais em que me encon-
trava para realizar a ideia de
meus contos. Então reli com

295
prazer "O Adolescente" e achei
tão exato em seu processo psi-
cológico que lamentei nunca
mais ter escrito coisa assim.

Mas, será que decidi
não escrever mais contos, ou
foi o domínio do "pessimismo" que
assim o decidiu, por ter sobre-
pujado a "necessidade"? por ter
verificado que também sem es-
crever contos a vida me era
possível e talvez até mais agra-
dável? Seja como for, me é
penoso ter de responder a pergun-
tas de alguém com isso: "desde
49 não mais escrevi; apenas man-
tinha um diário".

Apr. 9. -

Então escrevi mais
algumas páginas de romance, com-
pletando, assim, o capítulo segundo.
Creio que o nome do livro tal-

vez para ser "O Espelho", uma vez
que desisti de fazer o outro com
esse título. Mas não me dispo-
nho a estudar o plano, com
medo de me satisfazer com
isso, sem que venha a sentir
necessidade de escrever os capi-
tulos seguintes.

Ago. 23. -

À la manière de Wilde:

- Trouve-ti estes livros.

Por favor, aceita-os, e não me
leve a mal por este gesto. Entre
mim, vício figura o de dar pre-
sentes.

- Vício? À minha pa-
rece ser virtude.

- Costumo chamar de
vício o que communmente se considera
virtude, para poder considerar
como virtude o que se chama
de vício.

Ago. 28. -

Poderá algum homem
destruir uma cura pela qual
se sinta responsável? (Está-
rá contribuindo para deixar de
ser o que é, para destruir a si
próprio.)

Set. 7. -

Finalmente hoje, e casual-
mente, veio esclarecer-se tudo. Quan-
da não comparei os dois textos
completamente novos, desde agora
preciso dizer do absurdo que con-
siderei tudo isso, e da revolta que
senti ao descobrir que havia sido
ludibriado. Trata-se de "O Espi-
rito Subterrâneo". Lembro-me da
abrupta discordância entre o
que figura como sendo os I e II
partes, na tradução de Rosário Fur-
co (Ed. EPASA), feita segundo
o texto francês de E. Halpérine-Ka-

minski. ("uma tragédia não se
poder ler no original. "Tradu-
tor, traditor." Pois o que consta
como I Parte nesse livro desonesto
nada mais é do que a novela
escrita em 1847, "La Patena", e
a suposta II Parte é que tem algo
a ver com "Memorias del Subuelo",
escrita tão somente em 1864, isto
é, a cerca de dezasseis anos depois!
(Dados e títulos conforme constam
do tomo I das Obras Completas de Do-
stoyevsky, Aguilar - Ediciones - 1949--;
e aonde se encontra à pag. 86 que:
"En la presente traducción se ha guar-
dado una fidelidad absoluta al
texto ruso, hasta en la puntuación.
No se ha omitido ni escamoteado
nada. Se ha respetado escrupulo-
samente la integridad del territorio
dostoyevskiano.")

Portanto, deve ler novame-
nte, ou melhor, deve ler

299
a, Memórias do Subuelo.

Compararemos as traduções de
"La Patena" com uma "I Parte" que
chamaram-na "Katia". Vejamos, somen-
te a primeira frase de cada capítulo.

I - Aunque mal de su grado,
no tuvo otro remedio Ordinov que bus-
car de nuevo ~~otro~~ alopamiento.

- Afinal, Ordinov decidiu
mudar de quarto.

II - Le palpitaba el corazón con
tal violencia, que delante de los ojos
le bailaban unos puntos verdes, y
de cuando en cuando le acometían
vértigos. Le dolía la cabeza.

- O coração batia-lhe tão
forte, que tinha à vista turva e a
cabeça à roda.

III - Pasaron la noche entera,
muy llenos de agitación, a la cabecera
del enfermo.

- Foi uma noite angustiosa.

- as frases iniciais dos três últimos capítulos ~~aproximam-se~~ ^{aproximam-se} ~~de~~ ^{de} ~~um~~ ^{de} ~~modo~~ ^{modo}. Mas o que haverá em tudo o mais!

Vejamos agora as Memórias do subrobo e a "II Parte".

Ena II Parte tem um título de "Lisa", que se inicia por uma espécie de prólogo que, naturalmente, o "traditor" fulpeu necessário acrescentar, à boa compreensão dos leitores: mas, tudo se passa como se fosse de Dostoiévsky.

Enfim, enfim, nunca li Dostoiévsky!

Set. 24.-

Senti hoje um desejo imenso de voltar à minha simplicidade e inocência de entona. Ou não terei eu nunca sido sim-

ples, inocente e bom? Mas, eu era tímido, tenho certeza disso, e talvez o que chame de simplicidade e inocência nada mais fosse que timidez: eu parecia uma coisa por incapacidade de ser a outra? No entanto, hoje percebo claramente que ena timidez cedeu lugar à coragem, ao desafio, mesmo, em que, desesperado, procuro identificar-me com minha verdadeira natureza. Compreendo estar me comprometendo, me perpendicando, pela satisfação transitória, fugaz de um "ato de liberdade". De que ponto estarão ligados por seu sentido as palavras revolta e liberdade? Creio que ambas ligam-se diretamente ao desespero. A liberdade é uma ilusão. Como pode alguém ser livre se pa-

ra realizar seus atos de liberdade precisa sempre de outros? Como manifestar sua liberdade se a cada "libertação" corresponde um compromisso? (comprometer-se ou comprometer alguém, o que, afinal, é também comprometer-se.) Revolta talvez seja a negação. Quem se revolta contra os outros não se estará rebelando consigo mesmo? (Pois revoltar-se é lutar contra uma condição; e é quasi integralmente correto que quem se rebela contra sua condição está negando a si próprio.) Ou será um desejo de ultrapassar-se, o que poderá ser interpretado como evolução?

Tanto as perguntas como as respostas nos conduzem ao desespero... e está mais do que aquela. (Wilde escreve

303

no "Legue de Lady Windermere": In this world there are only two tragedies. One is not getting what one wants, and the other is getting it. The last is much the worst, the last is a real tragedy!) No entanto, não posso deixar de indagar, de procurar ser lido, de revoltar-me, de viver, enfim, desesperado. Lembro-me haver escrito uma vez, creio que a propósito de minha profissão, que "enquanto me mantiver em estado de revolta poderei contar com uma possibilidade de salvação." Pensei, agora, se poderia generalizar: se para toda revolta corresponde a salvação... e não sei a resposta exata, ou melhor, não tenho coragem de formulá-la. A revolta para "salvar" talvez nunca possa deixar

de seu interior, íntima, sem
vir jamais à tona, sem se
manifestar em atos.

Não, não se pode pen-
salar. (Em nada se deve
buscar a generalização.) É evi-
dente que há revoltas que
significam, que conduzem à
evolução; há outras que
não salvam; mas, também
existem as que nos aniqui-
lam, nos proporcionam
uma falsa liberdade que
é como água salgada que
mais nos aumenta a sede,
liberdade que solta as amar-
ras para nos atirar ao poder
do vento. Se que nos seve-
lhar vinte anos construindo
um balão se quando o soltar-
mos não pudermos fazê-lo
voltar às nossas mãos?

Art. 4.-

O filósofo e pensadores, di-
gendo a verdade com toda a
coragem, muitas vezes conseguem
abalar certas convicções que ti-
nhamos como definitivas.

Hoje, por exemplo, encontram-
se em (Schopenhauer: "O amargor
e o arrependimento causados pe-
los nossos atos não são muitas ve-
zes, outra coisa são o receio das
consequências." Isto é realmente
verdadeiro e é de uma, para, de
conceitos que, nos fazendo conhe-
cer melhor, deixam-nos entris-
tecidos porque ficamos com a
impressão de que, até então, está-
vamos nos enganando a nós pró-
prios.

Ele diz também que a
consciência é formada de cinco
parcelas, a saber: medo dos
homens, temores religiosos, precon-

ceito, vaidade e hábito. Analisando uma por uma dessas parcelas e levando-as reunidas sob o nome de consciência para um ato em que reconhecemos a ação da consciência, sentimos prazer ao poder verificar que, realmente, esse elemento de que se forma "uma ideia tão grandiosa", reduz-se unicamente a nós mesmos. Com efeito, o que é a consciência senão o resultado do teor da reação dos sentidos sobre nós, atitudes; de nossa educação religiosa; da educação de um modo geral, formando os preconceitos; do modo de nos vermos, prejudicados ou diminuídos, enfim, refletidos em nossa vaidade; o que é consciência, também, sinal a ação dos costumes, do hábito, sobre as atividades?

307
Out. 7. -

¡Las naves están quemadas,
vedado el camino del regreso!

(Poesia, e da mais pura, umas palavras de Leon Chestov em "La Filosofia de La Tragedia")

"E' preciso avançar, ir adiante, em busca de um futuro desconhecido e sempre terminal. É o homem avançar, quasi sem se perguntar sequer o que se espera. Os sonhos de sua juventude, que se tornaram irreparáveis, começam a parecer-lhe falsos e enganadores; e avança de si, com ódio e envidade, tudo aquilo em que acreditou outrora, tudo o que outrora havia amado."

Int. 11. -

Cain e Abel

Conta-nos Moisés, no livro primeiro do Antigo Testamento, que, havendo criado Deus ao homem e à mulher, disse-lhes:

— "Frutificai, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra."

Assim, pois, o homem conheceu a Eva, sua mulher e mãe de todos os viventes; ela concebeu e, dando à luz a Cain, disse: Adquiri um homem com o auxílio de Jeová. Tornou a dar à luz a um filho — Abel — seu irmão.

Resceram Cain e Abel

na liberdade dos campos.

Abel era puro como os linhos da planície; Cain, selvagem como os animais que habitavam a terra. Parecia haver herdado de seus pais toda a maldade do pecado original. Mas, os gloriosos tempos de sua adolescência foram vindos em harmonia, paz e concórdia. Moisés diz-nos que Abel foi pastor de ovelhas, e Cain lavrador da terra.

Os primeiros filhos do homem encheram seus dias de amizade e compreensão.

Uma tarde trouxe Cain, do fruto da terra, uma oferta a Jeová. Abel também trouxe,

dos primogênitos de suas ovelhas,
uma oferenda ao Senhor.

Jeová atendeu para Abel
e para a sua oferta; mas, para
Caim e sua oferta, não aten-
tou. Então caiu uma semente
no coração de Caim, e o seu
sangue soprou, aos poucos, a
pena de fazê-la germinar.

A rosa da descon-
fiança foi-se abrindo lentamen-
te entre a amizade dos dois
irmãos.

Por fim, irou-se for-
temente Caim, por ter sido
Abel o preferido, e descaiu-lhe
o semblante.

Perguntou-lhe Jeová:
— "Porque andas tu
irado? Porventura, se procederes
bem, não terás levantado o teu

311
semblante? O pecado faz à tua
porta; estás cheio do desejo dele;
mas, se procederes bem, domina-
rás sobre ele."

Não obstante, a desarmonia
continhou habitando a
amizade de Caim e Abel, e trans-
formando-a em discórdia e
desarmonia.

Caim não mais via,
nos olhos do irmão, purga ou
inocência: nele via somente
sua própria ira refletida. A
semente da inveja produzia
ramos fortes no seu peito, e
dominaram-lhe o corpo todo e
o pensamento.

Sucedeu, pois, que,
estando ambos no campo, se le-
vantou Caim contra seu irmão
Abel, e o matou.

Abel viu seu sangue trans-
formado em seiva para as flores
do campo.

Jeová procurou a Caim
e perguntou-lhe:

— "Que fizeste? a voz
do sangue de teu irmão está
clamando a mim desde a terra.
Quando lavares a semente, não des-
te-a mais a sua força. Serás
fugitivo e vagarás pela terra."

Lembrou-se então, Caim,
de que o mesmo Jeová dissera
um dia a Adão, seu pai: "Por
teu pecado, maldita é a terra;
produzirá-te-a espinhos e abro-
lhos; e em fadiga tirarás dela
o sustento de todos os dias de
tua vida". E havendo pensado
assim, disse Caim ao Senhor
Deus, Jeová:

313
— "A minha punição é
maior do que a que se pode
suportar. Eis que me lancei da
face da terra, e da tua presen-
ça serei escondido. Todo aquele
que me encontrar, matar-me-á."

Cap. 15

León Chestov refere, preten-
dendo reduzir a epígrafe toda a
filosofia de Nietzsche, a uma
frase que um russo flungetico
dirigiu ao seu companheiro que
se afogava: "Não despendas in-
vãs as tuas forças, Venoz; deiza-
te arrostar."

É estranho que desse
estudo de Chestov, tão preocu-
pado com Dostoiévsky e Nietzs-
che, e analisando também
a Tolstoi e Schopenhauer mais
ou menos como termos de com-

parecêdo aos dois precedentes, —
é estranho que eu retire essa
frase do aldeão russo. Mas, creio
em, caracteriza bem a inten-
ção do autor em reduzir o
pensamento do filósofo alemão,
assim como reduz a Dostoiévsky
no seguinte:

Y así, todo lo que hay
en la vida de monstruos, de ip-
sominiosos, de difícil, de doloroso,
todo lo que hay en ella de pro-
blemático, encuentra en Dostoié-
vsky un campeón ardiente y
poderoso. Como si lo hiciera es-
presamente, aplasta bajo sus pies,
ante nuestros ojos, el talento, la
belleza, la juventud, la inocencia.
Hay en las novelas de Dostoiévsky
muchos más honores que en la
realidad." (152-3)

Out. 31-

Naturalmente, todos vine-
mos sob a impressão de que poder-
mos desaparecer de um momento
para outro, embora não o queira-
mos.

Pois agora pensei nisso. En-
tão, despareia que um diário fosse
publicado. Fortaria que levase o
título: Diário Absurdo, nele figu-
rando tudo o que consta do caderno
feito com lambada vermelha,
o que está, em que atualmente es-
crevo, contin, e mais os capítulos
inacabados dos romances. Forma-
ria um volume bonito, com título
em verde ou lilaz, a capa bran-
ca. Os cadernos negros tudo seria
transcrito, mas os contos confor-
me estão datilografados para pu-
blicação, sendo que os planos dos
mesmos talvez fosse melhor que
aparecessem num apêndice. "

claro que tudo precisaria ser
revisado, mas eu sei que poderia
de fazê-lo, para que o meu
pensamento não fosse transfor-
mado sem o meu consentimento.
(estás, minha intenção é modifi-
car tão somente a forma.)

Agora surge um pro-
blema: quem poderia encar-
gar-se da publicação, do trabalho
tudo que isso significaria? In-
felizmente, minhas irmãs e i-
rmãos nada conhecem de litera-
tura para fazê-lo. Quanto aos
amigos... aqui não tenho nem
creio, que poderia ser encarregado.
Quem melhor poderia levar a
cabo esse favor, por sua aproxima-
ção comigo pela literatura, tal-
vez fosse o Francisco Pereira da
Silva, meu amigo Chico, que
ainda há pouco tempo me es-
creveu uma carta em que diz:

317
"Tenho a maior confiança em ti
com respeito à literatura."

Nov. 4

Noite de 1.º, inicialmen-
te angústia com um filme: "House
to the River", depois esquecimen-
to artificial, me deito às 4 horas.
Manhã de 2 dormindo, tarde, pi-
cina com satisfação e tranquili-
dade; noite, deito-me cedo havendo
lido alguma página do jou-
nal Intime, de Kaphur. Manhã de
3, Escola; tarde dormindo, noite
até às 4 horas, conversando e an-
dando impudicamente.

"Poderias perguntar-me
porque não abandono esta situa-
ção — não tenho fortuna — e por-
que não tento garantir minha
subsistência com meus trabalhos

literários. Eu não poderia, então, dar ~~como resposta~~ ^{nenhuma} esta miserável resposta: que não tenho forças para isso e que na medida em que posso examinar meu estado em toda sua extensão, há mais possibilidade que esta situação me aniquile, e isto, rapidamente." K.

"Un mariage ne pourrait me changer, pas plus que ma situation ne le peut." K.

Re uma condição adversa, a que se está há tanto tempo submetido, não consegue transformar-nos, como poderia nos modificar, no essencial, um matrimônio? Nós nos submetemos a certas condições, mas não nos alteramos sob sua ação, e, de repente, nos mostramos

379
tal qual sempre o fomos, bom-grado ou mau grado novos.

Nov. 7. -

"Quem te perturba? Quem estremece teu coração? Quem tateia ao trinco de tua porta? Quem te chama da estrada sem, no entanto, entrar pela porta aberta? Ah! é precisamente aquele que perturba, aquele cujo coração estremece, aquele à porta do qual tateias, aquele que chama da estrada e pela porta do qual não queres entrar." Kafka.

Nov. 8. -

→ Que tenho feito em minha vida, além de lutar contra mim mesmo? Ainda há poucos instantes lembrei-me de umas manobras em

Rezende, e de como eu, em
uma carroça colonial, ia
batendo com uma haste
de ferro, de vez em quando,
no eixo da roda que a todo
tempo ameaçava desprendê-se.
Tive pena de mim, pois nem
siquis tenho o prazer de con-
tar um fato, tão desagrada-
vel naquela situação, causado,
com todo o esforço por ei-
ma, e o despoio da profusão
por dentro. (É, muitas vezes,
agradável recordar incidentes
que sabemos vencer.) Eu en-
tão esperava, que não quisesse falar
nem rir, e que tenho de ouvir
o que dizem e rir junto com
os outros. Só a solidão me sa-
tisfaria neste momento: já que
quem se descepa não pode estar
perto. Mas, também sei que
não suportaria a solidão, ainda

321
que reconheça ser a única cau-
sa que me poderia salvar. Com-
preendo bem o anseio de Kafka:
"Felicidade de se achar em com-
panhia de seres humanos".

Pera tudo há sempre a
situação real e a virtual. Que
significa, por exemplo, uma pes-
soa falar "por minha palavra
de honra"? Pois não se sabe bem
o que essa pessoa entende por
honra, ou por palavra de honra.
Quem sabe quando ela diz: "pa-
lavra de honra que nunca fiz tal
coisa"; estava querendo dizer: "em-
penho a mim mesmo a minha
palavra de que nunca revelarei
a ninguém que fiz essa coisa".

Pode sempre haver um
véu cobrindo nada mais para in-
tercção. Pois, muitas vezes, só depois
de algum tempo é que descobrimos
haver mentido, embora, no mo-

mento, tínhamos a convicção de
que estávamos sendo integralmen-
te sinceros. Nunca se é inte-
ramente consciente.

Nov. 9. -

Às vezes, podemos nos
sentir grandemente compensa-
dos de um sofrimento por uma
alegria oposta. Quando, por exem-
plo, fulgamos uma causa irre-
mediavelmente perdida e, no
dia imediato, a reencontramos,
o prazer atinge tal intensidade
que até confundimos o equívoco
que contribuiu para valorizar
o reencontro. E se se trata de
uma pessoa, e se se tem quasi
a certeza de que não a veria-
mos nunca mais e, de repente,
avistamo-la, então não há co-
mo descrever a vibração senti-

323

mental que em nós se processa.
Todos os momentos de presença são
repletos de uma exaltação, de
uma compreensão, de ternura,
enlevo — e até esquecemos de
que o tempo está aproximando
de nós o fim desta "doce agonía"
e que em breve apresentará nós —
a palavra separação acom-
panhada de todas as angústias
que não a abandonam. Mas,
enquanto estamos juntos e só
deusa — e quando era unidos en-
cerra um segredo... o mundo ex-
terior deixa completamente de
existir e nos integramos plena-
mente, um dentro do outro. Como
é verdadeiro o que escreveu Shakespeare
em Roman e Julieta: "A
despedida é tão doce agonía, que
ficaria até amanhã repetindo: boa
noite!" (cito de memória) Enquan-
to estivemos juntos senti uma

por interior tão benfazeja que
enfrentaria tudo e todo que
tentassem destruir aqueles mo-
mentos. Mas, quando saímos
do restaurante, tive a impressão
exata de que esquecera lá
dentro, sobre a mesa, na cadeira,
em qualquer parte, um objeto,
em uma indeterminada coisa
que me acompanhara até en-
tão. Senti-me com as mãos va-
riadas, mas o coração ainda tran-
quilo. Quando entramos na
última rua, a mais perto do
aeroporto:

— "Agora é que o momento da
despedida, e não quando você pen-
sar". Pés duas horas antes eu
estendera a mão para a despedida.

Depois que o carro saiu do
pátio do aeroporto, ou antes, quan-
do começou a fazer a curva pa-
ra sair, é que senti a separa-

ção. Caim dentro de mim de repen-
te, como inesperadamente uma
estrela risca de luz o céu no-
turno. Pensei que talvez nos vol-
tamos a ver: foi meu desejo,
desejo mundo, que se não comunica
a ninguém para que se cumpra,
igual como quando corre uma
estrela. Mas, o resto dessa an-
gústia é muito mais longo, vivo,
duradouro que o das estrelas ca-
dentes.

Nov. 10.-

Dinda Kafka:

"C'è ti è permesso afastar
os sofrimentos deste mundo, ino-
rrespondendo à tua natureza; mas tal-
vez o fato de afastá-los de ti seja
o único sofrimento que possa existir."

Eu então, transforman-
do um pouco a forma: c'è homem
é permitido afastar de si os sofri-

mentos; mas, talvez, o único sofrimento que possa evitar seja o de tentar afastar os sofrimentos.

"A ociosidade é a origem de todos os vícios, e o coroaamento de todas as virtudes."

Talvez se possa dizer: Os vícios começam por onde as virtudes terminam. Ou então: Vícios são virtudes coroadas.

Nov. 15. -

Ontem, quando dançava numa festa com uma moça que conheço há cerca de dois anos, falou-me que folheando uma revista da Escola encontrou e leu meu trabalho sobre iniciação literária. E escrevem que absolutamente não parece ter sido feito por mim,

327
ou melhor, que nunca pensei que eu escrevesse coisa nesse sentido. Então tive de falar sobre minhas pretensões literárias. Como era moça, existem muitas pessoas de minhas relações que ignoram esse fato, e as que conhecem, em sua maioria, não julgam poder esperar muito de mim nesse sentido. Mesmo na Escola, aonde pensei que com a publicação do referido artigo fizesse conseguir a amizade de alunos que me procurassem para discutir sobre literatura, a repercussão foi e é quasi nula. Alguns me pedem livros, outros pedem para que eu corrigisse trabalhos - em geral discursos - por correr a lenda de que "sei português". Mas a minha pretensão de literato (em eterna incipiência - e talvez mesmo incipiência) era não ultrapassar

minhas próprias fronteiras, principalmente dentro do Exército. Além, sempre fiz por encender uma inclinação perante meus colegas, por saber que não excitariam com bons olhos, ou que, excitando, nada compreenderiam de minhas intenções. Na Escola foi que mais expus esse "sepede", por acreditar e esperar muito da adolescência; mas sem resultados. Há cerca de um mês, por exemplo, houve um concurso literário entre os alunos, de prosa e poesia, e dele apenas tive conhecimento pelos resultados. Eis uma coisa que eu gostaria de ter feito: tomar parte na comissão julgadora, (nem que fosse para me lembrar do concurso em que tomei parte, em 1943, sendo meus dois trabalhos classificados em terceiro lugar).

329

Como justificar-se-a essa atitude? Unicamente pela minha maneira de agir, o que fez a certa M. duvidar de minha capacidade de escrever tal coisa. Um pouco por duvidar, eu próprio, de minha capacidade como escritor, mas, principalmente por julgar que não compreenderiam o absurdo de minhas pretensões, e que escondo dos outros o meu grande sonho. Com relação aos alunos, talvez se deva incluir, como fator de alheamento, a hierarquia militar. Mas é sabido que sempre procuro destacar uma distância, concedendo a máxima liberdade de palavra, com a intenção de melhor sondar e compreender o homem. No entanto, é tal a maneira como disfarço e afasto a literatura de minha vida ativa, recalçando-

- a para o interior, o que fez,
em parte, para evitar a timi-
dez da aproximação, e tal
era maneira que destruiu to-
talmente a possibilidade de
que se pudesse em unir ou
esperar algo novo setor.

Portanto, a meu nome,
minha de meus colegas e futu-
ros colegas, associará a palavra
literatura; ao passo que a pala-
va libertinagem, ou outra
mais vulgar, virá para sem-
pre ligada à definição de mi-
nha personalidade. Pois a in-
temperança foi a única solu-
ção que encontrei para viver
em menos desacordo possível
com a vida militar. Infeliz-
mente tenho encontrado nela
algumas satisfações íntimas; e
reconheço não ser esta uma
solução inteligente, pois, para

evitar uma atitude impomível,
venho cair nesta que, a des-
peito de tudo, é perfeita-
mente insólita.

És algumas razões por
que estas notas ficaram bem
o título de Diário Absurdo.

x

→

Resumindo, minha vi-
da profissional, d'après l'origine
frusqu'a nos jours - comme dit
le français - talvez tenha
tido o seguinte: três anos de
timidez e inconsciência; entre
41/43 tanto de semi-consciência e luta;
44/46 mais três de consciência e revolta;
47/49 e, finalmente, cerca de dois anos
50/51 de desprendimento e serenidade.

Na verdade, estas me-
tamorfoses não podem ser tão sim-
plesmente resumidas. Não há dú-
vidas de que tem havido evolu-

ção, ou transformações, seguidas
quasi totalmente esses estágios.
Mas também é certo que estas
fases como que se aglomeram,
se aglutinam, e é possível
que ainda hoje exista o comple-
xo de tudo isso, mais caracte-
rísticamente timidez - semi-con-
sciência - revolta - desprendimento,
sem que nenhum dels atinja a
plenitude. É compreendendo que
quando se vir partido o equili-
brio, pelo domínio absoluto de
um estado sobre o outro, o
resultante será o aniquilamen-
to de algo que temo precisar.
Mas tentemos: domínio da ti-
midez - aniquilamento da per-
sonalidade; domínio da revolta
- destruição da comodidade. Des-
prendimento é consequência da
revolta e semi-consciência é um
agente mais ou menos passivo

313
e perfeitamente intermediário.

Uma coisa que jamais
haverá, ainda que eu tenha dito
oitocentos e cinquenta e quatro
vezes, foi indiferença. Com efeti-
to, quem sente um problema
se debater dentro de si não pode
ser indiferente a ele.

Lembro-me de haver es-
crito certa vez, creio que no cader-
no negro de lombada vermelha, que
eu sentia uma espécie de re-
morso pela dívida que contraira
com o Caicito pelo dinheiro que
recebo. Mentira. Ou melhor, é
verdade que senti isso nos pri-
meiros tempos de oficial por
fulgar que, sendo descontente,
não era digno de ser remunera-
do. Agora penso positivamente o
contrário: ~~foi~~ precisamente pe-
lo descontentamento, perda da
liberdade e inibição é que

faço p[er] as que recebo. Acrescento-me a isso que, para manter uma certa tranquilidade de consciência, sempre fiz o possível para desempenhar meus encargos com honestidade (não por amor ao trabalho, mas por amor próprio). As únicas liberdades que tenho tomado são as de ridicularizar certas "convicções regulamentares" de bases comerciais e perfeitamente ilógicas. Talvez, em lugar de ridicularizar fique melhor dizer desprezar: desprezo e tento fazer os outros perceberem o que há nela, de ridículo. Essa atitude fez-me meditar sobre as seguintes palavras de Frank Harris, lidas há poucos dias: "Esta classe odiava-o e temia-o; temia-o pela sua liberdade intelectual e seu des-

prezo do comercialismo, e odiava-o pelo seu despreocupado amor aos prazeres e também porque nele não iam nenhuma de suas mesquinhas virtudes."

Por fim, para concluir, e como tributo à verdade, é necessário que o diga: o Ceticismo é bom; eu é que não sou para ele.

Uma nota: Harris fala em medo e temor. É Magnavel diz: "Os homines splendunt per medo ou per odio."

Nov. 20.-

E embora. Como significa pouco, e quanto significa!

Deixar meu quarto, o único lugar aonde me sinto realmente tranquilo. Fecho a porta, leio, escrevo, ou penso, ou

simplesmente durmo. Aqui re-
componho minhas forças, refaço
meus sonhos; penso em mim,
penso nos outros; arrependo-me
de meus pecados, planejo outros
quando a noite desce...

Sinto desde já a san-
dade destas paredes, de um verde
desmaiado; das colchas ouro-ve-
lho e do tapete cor de sangue. Sinto
para dos meus livros, que tal-
vez se percam novamente. Do
meu pé de anemca trazido por
Celeste — agora está tão verde
e bonito!

Porque tudo isso? Porque
apagar-se a uma coisa toda,
sem olhares e sem palavras!

Ter de partir... Sem
se saber para onde. Ou, se se
sabe, até quando? — é a pergun-
ta. Depois, para outro lugar, e
outro. É tanta coisa, tantas

317
explicações, que muitas vezes
postariamos de negar a nós
próprios, temos de dá-las aos
outros.

É a razão de tudo? Es-
tá em nós, está nos outros, mas,
na verdade, não se encontra
em parte alguma. Pois, se pen-
samos por eles, a razão está com
eles; mas, se pensamos por nós,
ela está conosco. No entanto,
procuramos distribuí-la equi-
tativamente, e eis-la que se
vai para o infinito.

Bem seria se pudesse-
mos dizer, simplesmente:

"Je suis comme je suis
Je suis faite comme ça
Que voulez-vous de plus
Que voulez-vous de moi"

Noite de 20.-

Que se pode dizer de Corydon?

É um livro cuja leitura sempre transferi. Creio que data de 1948, quando, por haver lido "O Amor Interdito", de um autor mineiro, resolvi deixar esse livro de Fide para ler mais tarde: por temor, confesso.

Agora, por instância de um amigo, resolvi aceitá-lo para ler, e o fiz de domingo para hoje, quando termino o apêndice.

Fulgava que se tratasse de uma obra simplesmente científica. No entanto, tem a pretensão de ser científica, e, principalmente no segundo diálogo, essa pretensão chega a uma realidade quase completa. Mas faltam certos elos que impe-

dem de deixar a tese provada. A argumentação é, por vezes, frívola; e me parece que toda a soma de estudos feitos pela autora tem em mente, antes de querer convencer a alguém, o desejo de convencer a si própria, ou de provocar a reação dos outros, na esperança de que, atacando-o ou apoiando-o, deem-lhe maior convicção.

Mas creio que seja um livro totalmente franco, leal e sincero. Mas, lemos em conta as palavras de Fide, no final da carta a François Porche: "Mais vous m'accordez qu'il est bien difficile, en si longtemps la diminution fut de rigueur, d'être franc sans parasite équivoque, et naturel avec simplicité!"

Corydon é uma das atitudes possíveis que pode tomar um homossexual perante o mun-

do. C, como tal, é um prestimoso
auxílio àqueles que, de gestos apa-
rentemente calmos e olhar aflito,
muitas vezes recorrem ao suicídio
como solução definitiva de seu
mal. Visto por este lado, André
fidei é bem mais honesto do que
foi Oscar Wilde, por exemplo
nestas palavras, de muita beleza
poética, mas que não correspon-
dem à verdade total: nestas pa-
lavras citadas por Frank Harris:

— "O amor que neste século
não se atreve a dizer o seu nome,
é uma afecção tão grande, entre
um homem mais velho e outro
mais moço, como a que existiu
entre David e Jonathan, a afecção
que constitui a base da filosofia
de Platão, como a encontramos nos
sonetos de Miguel Ângelo e de
Shakespeare — uma profunda e
perfeita atração espiritual que

341
inspira grandes obras de arte, como
as de Shakespeare e de Miguel
Ângelo e inspirou aquelas mi-
nhas duas cartas — afecção que
neste século é incompreendida,
tão incompreendida que, devido
a ela, vejo-me neste lugar. É
bela; é elevada; é da mais nobre
espécie; é intelectual, e com fre-
quência ocorre entre um homem
mais velho e outro mais moço,
quando o mais velho tem a inti-
ligência e o mais moço possui to-
da a alegria, felicidade e radiosa
esperança da vida. Mas veja assim,
é coisa que o mundo não com-
preende: ele a escarnece e às ve-
zes põe os que a sentem no cava-
lete do suplicio."

Nov. 23.-

Tenho uma viagem pla-

refada para os primeiros dias de Dezembro. Estão com a cabeça cheia de Rio de Janeiro, e mais maior de-sepo e' que, de hoje para amanhã, surpise o dia do embarque, fazendo desaparecer todos os dias intermediários. Igual sentimento quasi sempre se apodera de mim nas viagens longas de trem ou ônibus, em que espero surpise, de repente, numa volta da estrada, a cidade para onde vou, sem que seja necessário tocar em outros lugares, e segui todos os palmos do caminho. De navio tambem e' bastante estranho meu pensamento: pois, alheio ver aparecer, na beira da praia da costa distante, uma cidade completamente desconhecida ^{de todos} que não figure nos mapas. Uma vez pensei mesmo que os habitantes dessa cidade seriam os penos de novo

343
conhecimento, sepultados no mar, e que lá estariam vestidas de algas vermelhas e azuis, com foios de coral e mantos feitos dos escamas douradas dos peixes, caminhando sobre maravilhosas rochas, colocadas com as multicores conchas que se encontram por toda nossa costa maritima.

Nov. 24.-

Lembro-me de que, desde os tempos em que fui aluno da Escola Militar, adotei como um método que se mostrava eficaz, a ponto de recomendá-lo a minhas irmãs, de esperar da vida sempre o pior, a fim de evitar desilusão. E' um feminismo positivo cujos resultados são melhores, que o melhor otimismo. Esta vida, com todas as suas con-

travessuras e impossibilidades, e
que ~~se levavam~~ a adotar esse siste-
ma.

Agora encontro em Schopenhauer (Eudemologia): "os
gênios sombrios e inquietos terão,
na verdade, que suportar mais
infelicidades e sofrimentos imagi-
nários, mas, em compensação, me-
nos infelicidades e sofrimentos
reais do que os gênios alegres e in-
dolentes, pois aquele que vê tudo
com cores pretas, que sempre teme
o pior e que, por consequente, toma
precauções não terá tantas espe-
ranças frustradas como aquele que
empresta a todas as coisas cores e
perspectivas risosas."

Reconheço que todas as
vezes, ~~em~~ que, com grande otimismo,
espero felizes consequências para
um determinado fato, sofro
uma decepção que anula todo

345
o saber do otimismo ^{entregado} ~~entregado~~.
Mas, se as consequências implan-
taram a esperança, então, mi-
nha alegria, sólida, perfeitamente
lógica, suplantava satisfatoria-
mente o pessimismo da espera.

Assim, esse pessimismo
redunda em otimismo; é mesmo
uma espécie de otimismo em for-
ma primária de evolução.

O segredo desse processo
reside em não se esmorecer, e fá-
se ter, de antemão, uma nova es-
perança pronta para ser peregrina,
em caso de fracasso da anterior.

É justo que se diga:

Espera da vida sempre o pior;
e saibas que o melhor otimista é
o pessimista que se não deixa abater.
É preciso ter uma grande esperança;
mas que ela nunca seja maior
do que a realidade. Ter em mente,
para uso imediato, estas palavras

ainda de Schopenhauer que estão no mesmo período citados acima: "não é fácil encontrar um mal sem nenhuma compensação". Ou então lembra-se de Kierkegaard, em "O Desespero Humano", e de como escreve: "Porque se arreio e me engano, seja! a vida castiga-me para me reconhecer."

E, conformado com o inevitável, segue o seu próprio caminho.

Nov. 27.-

Acabo de ler a primeira parte de um livro chamado "L'univers du journal de fide", a cargo de Henri Rambaud, parte em si vindo como que de apresentação ou justificação da segunda que apresentará um caso vindo de André fide, escrito pelo próprio adolescente.

Esta primeira parte é

347

um bastante profundo estudo da sinceridade de fide, de seu horror à mentira, etc. Mas seu autor parece a todo instante temer a reacção da crítica, em temer a honestidade de seus propósitos. Talvez pelo amor que dedicava ao morto: "f'ai trop aimé fide, je lui garde trop d'affection vénérable, pour prendre plaisir à le charger."

Em análise, a fim de acordar-se com a segunda parte, recai sobre a parte autobiográfica da obra de fide, isto é, sobre "Si le pain ne vient" e "Le journal". Então o autor escreve-o, em certa paráfrase (pag. 57-58) de que fide pouco se preocupou em se conhecer, e absolutamente em se ver em sua íntima verdade. Crene também, que no final, que o verdadeiro pecado, o pecado essencial de fide

não foi a pederastia, "car, vraiment, de celui-là, il a trop parlé pour qu'il soit le principal"; mas, "cette prétention de ne jamais être dans son tort" (pag. 98, 99)

Nesta parte, analisando ainda a sinceridade da confissão de fide, escreve Rambaud, que ele tinha a intenção profunda, digna de respeito, sobre, de sentar na comunhão dos homens, substituído sua máscara pela inteira verdade sobre si mesmo. Mas acrescenta que isso, já difícil numa confissão póstuma, é impossível durante a vida do autor (faltou a fide corajosa ^{personal} e coragem para envolver a outros — acrescenta Rambaud). Revela também como sendo intenção de fide, quando auto-biográfico é diarista, "o cálculo sem nobreza de abusar da fulgurante franqueza da confissão material para cobrir com ela, a seus próprios olhos, de início,

349
e aos do público, em seguida, o que a recusa espiritual comportava de mentira em face de si." (26-77)

Pouco depois, à pag. 96, o autor pede ser acreditado quando declara não haver escrito ensaios póstumos, sem uma testagem suprida do fundo da alma. E, para finalizar seu ensaio, ainda vê-se forçado a fazer uma promessa, qual seja a de escrever novo livro em que mostrara, "depois das fraquezas" a grandeza de fide.

Pelo que me é dado afirmar, creio que o presente estudo é bastante correto, e em certas questões psicológicas, que o autor muito bem esclarece por citações e comparações fica perfeitamente comprovada sua exatidão. Certo, o estudo apenas se resume da intenção, pretensas em cuidado de ser completo. Se a personalidade de fide tão

complexa — c'ette âme difficile — não deve ser simplesmente atacada, ou estudada friamente, que se faça um estudo completo, e no mesmo livro, para evitar erros de culpas chorosas, que me parecem revelar, antes, timidez que sinceridade.

Dez. 27. —

Embarguei para o Rio dia 1.º e regressiei a 24, a fim de passar o Natal em casa, e porque o dinheiro de que podia dispor foi todo consumido.

Diverti-me bastante, esqueci preocupações, mas ao chegar a Porto Alegre tudo já estava me esperando, no aeroporto mesmo, e vesti novamente as dificuldades.

Fui ao Rio especialmente para conseguir minha transferência. Pois lá, incapaz de es-

357
por os verdadeiros motivos de minha intenção, fui aos poucos esquecendo tudo e julgando que poderia permanecer aqui pelo menos até junho. Mesmo assim, com seguras promessas para janeiro, em que não acredito muito. Portanto, hoje escrevi a srta. O. C. B. em O. B. pedindo urgência, para Belo Horizonte ou Curitiba.

Ver destruído o apartamento! Talvez seja bem imaginar que um incêndio consumiu tudo, como ao meu bairrinho em "A feia". Deixar o conforto, o quartinho com os livros, — e o que importa sobretudo: minhas irmãs desorientadas! Será preciso bater no peito e exclamar "Mea culpa"?

Mas, não foi para esquecer nada disso que abri este diário. No entanto, é o meu proble-

ma principal, que me tem absor-
vido, e cuja solução é tão difícil.

Pretendia contar o que vi
no Rio, de teatro; as palestras com ami-
gos, os livros que comprei; mas
de que pode servir tudo isso quan-
do a própria vida nos trans-
forma, e quando nos transfor-
mamos nos embates da vida?

Quito dia talvez eu conte
alguma coisa.

Dez. 28.-

As o que publicou um jo-
nal do Rio a 11 de Dezembro:

"Horoscopo para hoje, terça-
-feira, por Stella:

"Aqueles que nascem no
dia de hoje são dotados de muita per-
sonalidade e possuem grande tino
para negócios. Sabem ganhar dinheiro
facilmente e jamais passarão priva-

753
ções materiais. Têm muita inclinação
para a música e as artes. Se fizerem
da música profissão, terão grande êxi-
to. Triunfarão como dirigentes. Possuem
o dom da palavra e sabem manter
vivo o interesse de um auditório.
Quando querem são de um encanto
sem par. Mas têm uma vida interior
intensa, que poucos compartilham, e,
por vezes, sua vida se torna um pou-
co complicada. Nessas ocasiões, en-
ceram-se no silêncio e passam ho-
ras calados. Preocupam-se com coisas
sem importância, e na maioria
das vezes seus temores são infunda-
dos. Não devem nunca precipitar os
acontecimentos. Estão inclinados a
descuidar-se de sua saúde, mas de-
vem aprender a conservar as energias,
sempre que lhes seja possível. Pos-
suem temperamento apaixonado, etc."

Dez. 30.-

Conclui a leitura de "A Viagem de Michael Kohlhaas".

A primeira vez que ouvi falar em Kleist foi nos tempos de Escola Militar, quando um amigo leu o estudo de Zweig sobre este poeta e escritor alemão. Como falei-me com muito entusiasmo, sempre desejei conhecê-lo; mas apenas que apareceu a oportunidade é com alguma decepção que o conheço. Na verdade eu fazia uma idéia bem diversa de sua obra.

Um amigo falava que o fim de Zweig e sua esposa fora inspirado na morte de Kleist e Henriette Vogel.

1952

Porto Alegre, R. Gr. do Sul
Jan. 2.-

Esta noite tive um sonho estranho sonho. Sempre procuro, nos fatos e objetos que me acontecem e rodeiam, a explicação de meus sonhos. Para este já encontrar bastante clareza, mas a maneira brilhante e cinematográfica por que foram apresentados os incidentes é que me prende a atenção:

De início, estava num bar bebendo com três amigos. Um deles, em dado momento, puxou de uma faca e deu ao parceiro para que afiasse. Depois sentime só: os três haviam desaparecido; peço a conta, que foi elevada, e sei que o preço do serviço na faca foi de R\$ 25.00. Então discuto com o moço pelo

abundo de peço e, em dado momento, ele diz qualquer coisa assim: "gosta tanto com a bebida e quando se trata de emprestar a um amigo, fica furioso".

Depois, de uma observação lembro-me de que me sentia no Rio de Janeiro e de que vi passar meus amigos, mas não os chamei. Então o sonho tomou outro aspecto, o mais belo e interessante possível, se bem que bastante lígubre e misterioso:

Senti-me sobre uma leve fangada, muito pequena, e na escuridão da noite, rodeado por um cenário surrealista, dirigia-me sobre as águas para buscar outra fangada que encontrei toda decorada com véus e fitas e fios de cor. Era como que um prêmio que, pela

357
audácia de enfrentar as águas, eu recebesse. Sobre a minha fangada, e procurando a outra pelas fitas, lembro-me que pensei em como remaria, mas a leve embarcação seguiu sozinha, por si só, para a margem. No entanto, aproximei-me dela, afundei e senti um grande prazer em molhar-me todo; mas, ao mesmo tempo, tentando aproximar-me da margem, que ficava perto de uma grande avenida movimentada, uma correnteza me puxou para fora, perdi a fangada, e me dei-sei levar pelas águas que, depois de uma volta me depuseram ainda lá era mais raro. Então percebi uma estanha vegetação que me rodeava, e a água era lodosa. Recri a mão numa pessoa submersa,

perseguí, stive medo na face de
um moço que também me lan-
çou lama que não me atingiu.
E na fuga desse homem, e em
busca da margem, tropecei
numa mulher japonesa, bem
pálida, ouso, mãos, dentro da-
gua, eram mãos de cadáver.
Consegui fugir e chegar à amu-
rada. Ali uma mulher velha
me abraça, me apara, e a
custo reparo-me dela para en-
contrar um homem junto as
portas do cas, que, ao ouvir
as imprecacões que a mulher
me dirige, diz: "Não te impor-
ta".

Não sei se o sonho conti-
nuar. Parece que aí concluir.

Uma observação: apesar
de ser uma cenário tenebroso de
mortes, putrefacção e perigo, não
sentia o menor medo. Lembra-me

mesmo de que, no momento em que
recei o cadáver submerso, pensei
que deveria sentir medo, nesse
momento, mas, não senti e ce-
pliquei-me como sendo porque já
não era mais criança.

Jan. 4.-

Apresentei-me hoje à Es-
cola por conclusão de férias. Presen-
taram-me em cima numa secu-
taria completamente desorganizada.

Preocupações e problemas
atuais: em que situação ficarão
Celeste, Ruth, Estela e Opi? Offi-
cial, para que lugarerei ser transfe-
rido e quando? Venderei todos os
móveis e destruirei o apartamento?

Nada pior do que se
verem prestelados, dia a dia, problemas
vitais. Ruth não me respondeu
ainda minha carta de 26, nem
sei quando voltará. Celeste sabe,

está abatida, e me sinto miseravelmente responsável por ela, que me criou, que foi minha mãe desde os três ou quatro anos de minha vida. Estela diz: "Quero ir junto contigo. Quero morar contigo. Foi bom ter vindo, porque o apartamento fica tão diferente quando não está." Opi, rebelado e inconsciente, não estuda, fica para segunda época, faz exames para a Escola mas não creio que seja aprovado.

É o problema de um quarto em favela, ou de um pequeno apartamento para Celeste e Estela! E não saber o que deseja Ruth, que está desempregada! Acrescenta-se a constante lembrança da espada de Damocles pendente sobre minha cabeça. O equilíbrio e tranquilidade aparentes que se pre-

367
cisa cumprir por mim, em presença de todos e de todos.

É o pensamento de que dirão para sempre que é por egoísmo e maldade que abandono meus irmãos?

Oh! o clima de falsidade que se precisa manter. "Não fazer concessões alguma à verdade."

Que praga é esse tão soberbo e grandioso para expor tal soma de tormentos?

O ano que há quatro dias se extinguiu, ensinou-me algumas coisas. Espero que tudo isso consiga modificar-me, obrigando-me a ser mais consciente, coerente, ponderado, refletido — menos impulsivo e idiota.

Aprendi, por exemplo, que nenhum mal se pratica impunemente. Que é entre os ami-

os mais chegados que se encontram
nos seus inimigos. Descobri
que todas as vezes que se desprega
um preconceito devemos assumir
a inteira responsabilidade desse
"ato de liberdade", e não esperar
compreensão, apoio e auxilio de
quem quer que seja que tenha si-
do cúmplice. Mas, tambem apren-
di, por outro lado, que a convivên-
cia traz proveitos, pois nos defen-
derão sempre que sentirmos o perigo
de se comprometerem. Tanto as
boas como as más ações pedem, de
um momento para o outro, serem
ambadas ou desvirtuadas, ou terem
seus valores invertidos. Talvez
a lição mais importante tenha
sido a de que toda a culpa de
todos os nossos atos, por menores que
sejam, cabe sempre a nós mes-
mos — e quando sem outra ra-
zão, pelo fato de não termos sa-

363
bido compreender os outros, os nossos
semelhantes.

Na verdade, só agora é
que compreendo a sabedoria, valor,
importância dos três macaquinhos
chineses. (E ao mesmo tempo a
impossibilidade de se esquivar em
nimbels).

Penso entem, por Maria,
que Celeste chorou pela desgraça
iminente, e dizia: "Quem vai
passar as camisas do Harry; quem
vai cuidar das roupas dele; quem
vai fazer sua cama?" (Outra
aplicação: culpará sempre a outro,
e reparar-se a a reconhecer-me
o maior culpado).

Jan. 5-

O ultimo livro de Charles
Morgan aparecido em português,

"A história do fugir", embora considere
alguma coisa do valor dos an-
teriores, não é como "A Fonte" e
"A Viagem" que tanto me agra-
daram. E lamentei muito co-
mo termina este romance, pois,
apesar de culpá-los por demais
transparente e fêbil em muita
coisa, percebi que havia bas-
tante coisa de meus problemas
atuais, e li o livro com bas-
tante simpatia. Mas, em espe-
rava muita coisa diferente
quando Vivien se oferece o mes-
mo sacrifício do fugir para
salvá-los. Pois não houve a mí-
nima reação. Remente ins: "Em
poucas palavras, lhe relatara as
circunstâncias que o tinham reduzi-
do à pobreza." Nenhum comentário
sobre o fato. Pelo simples rapaz
de que o fugir sentia-se feliz agora?
Quando cheguei à últi-

365
mas páginas do livro e senti que
nada mais haveria neste volume,
cheguei a pensar que no fim da
última página apparece escrito:
Fim do I Volume.

Kleist de um lado, Morgan
de outro; creio que aproveitarei a "fa-
se" para ler as "Confissões" de Maupham.

Jan. 15.-

É este certo ponto deplo-
ravel que novos maiores problemas,
por mais internos e graves que
se nos afigurem, quer nos presen-
temos ou não com eles, resol-
vamo-nos por si só. E não por
si só, pelo menos de acordo com
uma série insuperavel de cir-
cunstâncias que, no mais das ve-
zes, estão completamente fora
de nós. É como se os entos re-
solvessem os novos problemas,

por pulparem insólitos > que
lho afetam.

Jan. 21.-

Escabo de ler "Solness,
O Construtor". É realmente gran-
dioso, tremendo, impressionante,
cheio de angústia e desespero!
(O desespero de ser, o desespero de
por ser e que se é, tudo confun-
do Kierkegaard.)

Jan. 23.-

Existem em mim certos
impulsos de bondade, intencões
de praticar o bem, auxiliando
os outros, que me deixam con-
fusos quando os comparo com
os fortes impulsos de maldade
a que também sou sujeito. É
isso faz sempre com que eu des-
confio de minhas boas inten-
ções. Será que a bondade em

nós se manifesta a título de re-
munição, de compensação em relação
ao mal cometido? Ou os dêmi-
nios de ambas as forças (do bem e
do mal) são independentes entre
si? Não haverá alguma boa-
dade dos que também se vêm atraí-
dos para o mal?

É comum julgar-se que
se pratica o bem como penitência,
em virtude do arrependimento de que
o mal se faz acompanhar. É
o que tenho observado por comenta-
rios destruidores da bondade alheia.
Mas, não será isso por efeito de
se não poder julgar, por outro
lado, que o mal foi praticado
por "arrependimento" de ter sido
bem? Na verdade, compreende-
-se que uma pessoa diga:

— Sou bom para com-
pensar o mal que já fiz;
mas é abusado que al-

quem fale:

— Sou mau por re-
morsos do bem que pratiquei.

Uma pessoa poderia dizer:

— Sou mau porque
já pratiquei o bem suficiente
para obter perdão;

mas, que valor teria esse
bem tão inutilmente e traçoceira-
mente praticado?

Não. Só no caso da primeira
pessoa é que existe bondade;
pois ela espera perdão, penitencian-
do-se.

No entanto, ainda fica sem
resposta a pergunta inicial. Será
que não existe bondade natural,
pura, sem reflexos no mal prati-
cado? Será que quando temos em
vista o bem, ainda que inconscien-
temente, o mal está agindo por
detrás e exigindo reparação?

Não é possível. Deve

369
haver a esfera do bem e a esfe-
ra do mal independentes; assim
como há a esfera do bem de-
pendendo da esfera do mal.

Por que admitir-se tão
semente que "existe uma força
estranha me chamando para o
lado mau"? Temos que admitir que
também há outra força, tão
estranha como a outra, que nos
induz à prática do bem. Não
sendo assim, como teremos con-
fiança em nós, no novo inen-
so sistema de esferas sentimen-
tais que se tocam e se repelem;
como conseguiremos tranquili-
dade e paz?

Por outro lado, é perfei-
tamente ridículo que se diga:

— Sou irresistivelmen-
te atraído para o bem;

ao passo que, em rela-
ção ao mal, não há explica-

ção mais amplamente usada. É
que a prática do bem nos produz
calma e satisfação; ao passo que
o mal vem acompanhado de
angústia. Reclama-se para o bem
a ciência e consciência dos atos
dele decorrentes. Há males que
se efetuam inconscientemente;
haverá bem que também o seja?
Buscamos alguém dizendo:

— Prático o bem consciente-
mente. Prático o mal consciente-
mente. Prático o bem inconscien-
temente. Prático o mal inconscien-
temente.

Qual dos dois parece menos
lógica? Pelo que geralmente se
admitte, a terceira. Apoiar bem,
inconscientemente, parece apoiar "por
acaso". Ao passo que o mal feito
inconscientemente o é "por fati-
lidade"...

Não será maldade dizer

321
- se de uma pessoa considerada boa
que ela pratica o bem consciente-
mente e o mal inconscientemente;
deixando-se para a considerada
má tão somente isso: pratica
o mal conscientemente e o bem
inconscientemente? Não será
retirar dela toda a possibilidade
de de salvação?

Valerá seja mais justo
admitir que os maus também
podem adotar livremente o bem
como meio de ação, desinteressan-
damente, por amor ao próximo.
Mas, como nem sempre assim o
fazem, é natural que em seu
espírito venha a nascer a dúvida,
a desconfiança em si mesmos.
Podrá, então, sentir uma espécie
de remorso pelo bem praticado, por
dúvidar se está ou não sendo sin-
cere.

É evidente que ele saiba,

conheça, o ~~bem~~ que efetua inten-
cionalmente. Mas não valeria
afirmar quando age por pureza
de sentimentos. Confunde-se. So-
fre. Paga mais uma vez o preço
do mal cometido. Por ninguém
peca impunemente.

Fala-se muito ~~sobre~~ em
"luta entre o bem e o mal". Ora,
para haver luta é necessário que
ambas as forças pressintam a pos-
sibilidade de vitória, de auto-su-
ficiência, de viverem cada uma
por si, sem se escravizar à outra.
É claro, pois, que cada um tem
vida própria e independente.
Se lutam é por necessidade de
domínio, de por ambição, para
se afirmarem.

Tera' havido alguém
totalmente bom, ou totalmente
mau? Não o creio. Talvez
o bem e o mal existam tão

773
somente em razão de sua luta.
O aniquilamento de um, será a
morte do outro; e o fim de am-
bos, a supremacia do homem. Um
homem mau ~~consegue~~, completa-
mente mau, moverá em virtude
de todo o seu mal; o plenamente
bem moverá pela incompreen-
são dos outros, e mesmo pelo despro-
zo: o que significa: moverá em
virtude de todo o seu bem.

Pascal escreve: "Há vi-
cios que só permanecem em nós em
virtude de outros; suprimindo o seu
tronco, vão-se como ramos". Talvez
seja lícito dizer: "O Bem e o Mal
só permanecem em nós em virtude
um do outro; suprimindo um de-
les, desaparece o outro."

Ele diz também:

"Não nos sustentamos
na virtude por nossa própria for-
ça, mas pelo contrapeso de dois

vícios opostos, assim como ficamos
de pé entre dois ventos contrários;
terei um desses vícios, e cairei
no outro."

Desprezando a parte final
desse pensamento, talvez não sepa
dessesto dizer:

"Não nos sustentamos
na virtude por nossa própria
força, mas, pelo contrapelo de
duas forças opostas, (o Bem e o
Mal), assim como ficamos
de pé entre dois ventos contrários."

Jan. 28 -

Há alguns dias concluí
a leitura de "Seis Dramas", por Hen-
rik Ibsen, da Editora Globo.

Já havia bastante tempo
que estava para lê-lo, mas não
me dispunha. Por exemplo, lem-
bra-me que em começo de 1947,

375
ao passar por Maciô, vi em livro
numa livaria desta cidade e
estive para adquiri-lo, mas desisti;
posteriormente estive quasi decidido
a comprá-lo para presentear meu
amigo R., mas, como percebi que se
comprasse em volume não teria
coragem para remetê-lo e acabaria
ficando com ele, adquiri outro
qualquer. Agora lembrei-o de presen-
te, e entrei, finalmente, em contac-
to com Ibsen.

Entre os autores que au-
mentaram minha curiosidade em
torno de Ibsen, contam-se: James
Joyce, que, conforme seu biógrafo
Herbertorman, aprendeu dinamar-
quês para lê-lo no original; Thua-
murs, que o aproxima de Kirke-
gaard; e ultimamente, em suas
Confissões, W.S. Maugham.

Do volume em questão, li,
inicialmente, o que o tradutor chama

de "Alguns Dados Biográficos sobre Ibsen".
Depois, como o estudo de O. M. Carpeaux
é bastante longo, resolvi iniciar a
leitura dos dramas. Comecei então
lendo "O Pato Selvagem", depois de ha-
ver lido a introdução pelo Conde Pragon.
Para a leitura dos outros dramas, aban-
donei a leitura dos prefácios, e foi
a seguinte a ordem que segui: O
Pato Selvagem, Um Inimigo do Povo,
A Dama do Mar, Solness o Construtor,
Rosmersholm, e Quando Despertamos
de Entre os Mortos.

É claro que não poderei
fazer um estudo sobre a obra de Ibsen,
mas gostaria de anotar algumas obser-
vações que fiz no decorrer da leitura.

Muito bem escreveu Shakespeare:
"Uma desgraça nunca vem sozinha".
Agora foi o Exê reprovado nos exames
de 2ª época, não poderá entrar para
a Escola, se passar; e repetirá a qua-
rta série.

E eu, para incentivo, deixei
de fazer uma roupa e dei-lhe de
Natal uma de mil e quatrocentos
cruzados!

Jan. 30 -

Pode parecer ridículo o que
foi escrito acima. Mas, eis a
situação: preciso deixar Porto Ale-
gre, sob pena de comprometer irre-
mediavelmente minha seguran-
ça e a de meus irmãos. Até ago-
ra, nada de transferência. (Por ve-
z sinto-me tranquilo, com todo
o trabalho da Secretaria, e por ver
como deu conta de tudo).

Ruth voltou e não quer

abandonar o apartamento. Não sei,
no entanto, como será mantido:
fiquei de mandar mensalmente
mil e quinhentos cruzados.
Celeste, descontente, cansada, foi
para Lagoa, descansar, apesar de
eu dizer que não podíamos fazer
despesa extra. E agora, o ra-
paz me decepciona de uma ma-
neira, ele que se pensava no es-
tado estaria com a vida quasi
encaminhada.

Reconheci a Helen e falei,
no que se referia a Ogi, perguntando
se queriam ficar com ele para
que o ajudasse em suas lidas.
Helen respondeu que não, e
disse, entre outras coisas: "O Harry e
a Ruth que pensem bem o que vão
fazer, pois não é assim que se cons-
titue um lar e depois, como diz o
ditado, que aguentem quem quiser", en-
tão: "Se o Harry ~~quer~~ faz canção

379
e quer-se ver linha de tudo..."
falei telegrafou que che-
gará a Porto Alegre hoje.

Jan. 31.-

falei também não quer
ficar com Ogi. Por razões, que, no
fim de contas, não podem deixar
de ser acertos.

Fev. 1.º -

Creio que chegará um
ponto em que, a força de ilu-
dir e me iludir, não mais sa-
berei quando estou sendo sincero.

Fev. 3.-

O afinal não mais fa-
lei sobre Iber. O volume continua
sobre a mesa, o papel de anotações
dentro dele, mas tem me faltado
esse desejo de parar e pensar de-
vidamente em alguma coisa.

É sempre que isso acontece,
posto todas minhas forças de
noite, para dormir de dia o mais
que posso e viver, mais eu me-
nos, fora da vida, um tanto
narcotizado, embriagado, ou qual-
quer coisa de semelhante. Sei
que isso é prejudicial, e tão pou-
co nobre... mas a pressão espiri-
tual de uma série de problemas,
que cada vez vêem a solução
mais longe, não apresenta na-
da de melhor. Sim, a soli-
dão e o silêncio seriam melhor.
Mas, é tão caro o seu preço!

Feb. 5 -

"La souffrance de l'homme
vient de la conscience; son bonheur,
de la soumission aveugle à la vie.
Sais pour l'inconscient, la vie devient
tragique pour l'observateur de soi-même."

"On n'échappe pas en disant
que cette manière de s'observer est
diabolique: elle enlaidit la plus
belle action et rend suspecte l'im-
pulsion la plus noble."

Göran Schildt - "Fide et l'homme"

"Je ne connais pas un senti-
ment dont la sincérité ne puisse
être mise en doute."

Fide - citation de Schildt.

Feb. 9 -

Na verdade, fulgo que é preciso
Schopenhauer ter sido muito ferido
pelo mundo, objetiva ou subjetivamente,
para poder escrever um livro
tal como "Regras de Conduta para
Bem Viver" (Parerga und Paralipomena).
Depois de tudo o que me

tem acontecido ultimamente, acho-me em perfectas condições de compreender, interpretar, e forçosamente, de aceitar todas essas máximas que tanto diminuem o gênero humano. (Talvez não diminuam: apenas colocam-no em seu verdadeiro plano, seguidamente elevado pela própria vaidade humana.)

Em certas partes, a crônica deste livro é completamente o inverso da doutrina de Cristo: "perdoar e esquecer significam atirar pela janela experiências adquiridas, a alto preço".

Não considere essa obra como sendo totalmente feminista. Parece muito de "feminismo positivo", esse "feminismo" que evita desilusões maiores, e nos prepara para o mundo. É como se em todas suas páginas estivesse escrito prudência. Pelo menos demonstra nesta obra des-

lusão, desconfiança, mas nem por isso aconselha o ódio. Pelo contrário: "Não conservemos animosidade contra ninguém, tanto quanto possível; contentemo-nos em notar bem os 'procedos' de cada um, e lembremo-nos de, para fixar com isto o valor de cada um pelo menos, no que nos dig respeito, e para regular em consequência nossa atitude e nossa conduta para com as pessoas."

É preciso ser-se muito frio, calculado, dissimulado para que se possa: "nem amar, nem odiar; nada dizer e nada crer" (as duas metades de toda a sabedoria, segundo o filósofo). Mas foi evidentemente por reconhecer esta dificuldade que acrescenta: "É verdade que vivamos às costas a um mundo que torna necessárias regras como essas."

De tudo o que dig, tira-se
que o ideal seria um homem per-
feitamente consciente, agindo pe-
la vontade; mas, vê-se que re-
conhece uma impossibilidade. Pas-
ta notar, por exemplo, q. que sen-
tima necessidade de dizer no que
citei acima: "não conservemos
animosidade contra ninguém,
tanto quanto possível."

Fev. 14-

Atualmente leio "O Demi-
mão". Conclui a primeira parte. Já
havia lido este livro, há muito tem-
po, creio que em 1945 ou 46. Agora pos-
so senti-lo melhor; mesmo assim
exige muita concentração, em vis-
ta da ^{da} trama tão espessa da trama.

A Na primeira parte, con-
sidero pontos altos as palavras de
Kintov sobre suicídios, liberdade e

385
Deus (Cap. III - m. VIII). "A liberdade absoluta
existirá quando der no mesmo viver
ou não viver. Essa é toda a finalida-
de." Já aí capta Kintov quase que to-
talmente seu mesmo problema interno.
"Quem se atreve a matar-se é Deus". En-
tão: "... passo toda a minha vida
pensando em uma só (coisa). O meu
Deus me tem atormentado por toda a
vida".

De uma beleza patética
são as palavras de Maria Lebedkina,
quando fala ao filho, ao qual deu
o hug "sem saber conhecido homem".
(Cap. IV m. V)

H { O último capítulo da I
parte, é algo como um ato final de
peça teatral. Di-me desagrado
um pouco a maneira como, a força
de coincidências, o autor reuniu
quase a totalidade dos personagens.
É a maneira particular de Dostoi-
evsky, que consiste em fazer toda

^{uma encanilhada,}
essa parte, como se houvesse neces-
sidade de testemunhas para o
fato que se irá desenrolar; como
se tudo ^{devesse} ser resolvido, a fi-
nal, quando, na verdade, ainda
muito fica em suspense, apesar
de toda essa existência que de-
veria forçar a todos a serem sin-
ceros e leais, sob pena de serem
desmascarados. Nessa cena, é
que fica patenteada a maneira
sóbria como ele conhece o ho-
mem e o que pode exigir dele.

A { Por outro lado, é precisamente
depois, assembleias que tira as sub-
sequentes reacções de seus persona-
gens, posto que foram forçados
a mentir, a enganar, e se hu-
milharem, a revelarem certos
sentimentos que prefeririam man-
ter ocultos. É bem verdade

H { que o autor obriga certos atores
a enormes silêncios, e ouso

387
que no teatro a direcção sefereia muito
para manti-los em cena e em
acção; mas ele não os põe aí inutil-
mente. Todos têm um papel im-
portante. E não pela palavra, pela
maneira como reagem a ela, e aos
fatos (Lisaveta Nikolaiévna). Sepa-
mos, por exemplo, Schator. Pouco
diz. Mas, é como se compreendesse tudo.
É o final do capítulo pertence-lhe
integralmente e a Staroquin: a acção
decisiva de Schator tem como resul-
tado em estudo da reacção de Sta-
roquin, que se prolonga por todo o
final (n.º VIII). Porque, ^{quando} após de ser
Nikolai Vsevolodovich, um homem
que, uma vez esbafeteado, não desafia-
ria ser contendo mas um vez disse,
mata-lo-ia ali mesmo — porque não
reagir? Há uma razão imensa pa-
ra isso, e Dostoiévsky, magistral-
mente, encontra essa razão para
expressar os sentimentos de Staroquin

neste momento:

"A mi me parece que si hubiera un hombre que, por exemplo, copiare una esfera de hierro al rojo vivo con el fin de probar su entera y luego, durante diez segundos, apuñalase el intolerante dolor y concluyese por vencerlo, ese hombre habria reportado algo parecido a lo que experimento en aquellos diez segundos Nikolai Vsevolodovich".

Fev. 20. -

O serviço de Rádio-difusão do Ministério da Guerra publicou minha transferência, entem, para fugir de Fora. Nada sei desta cidade, o que me agrada em parte, a não ser que é sede de Região Militar, e mais o que dela fala um dicionário moderno que possui 150 mil habitantes.

Dentro de um mês, mais

ou menos, calcarei novamente muitos lotes de sete linhas, como dizia o Dalton Trevisan, e vou conhecer novos temas.

Fev. 21. -

Principio a leitura de "O Demônio". Conclui hoje a II parte, que trata directamente do lado politico, e respeito em geral mais comentado desta obra.

Como na I parte, aqui também sua parte final ^{geral} é apresentada diante de uma "assembleia geral", e cabe mais uma vez a Stavrogin o papel principal, com a declaração de que Maria Lebedkina é sua esposa. Em publico negava e em publico confessava, redimindo-se, o que faz iniciara a fazer quando não na fin à bofetada de Chator.

Os dois primeiros capitulos desta parte, intitulado "A Noite", são

gemais, principalmente no que se refere
aos encontros entre Stavroguin e
Maria, seguidos dos ^{quais} entre o mesmo
e Kirilov, e também com Shator.
Maria, "a louca", diz coisas firmes,
do um bom senso admirável. E
Kirilov continua a expor suas
idéias e respeito do suicídio. Quan-
do St. lhe pergunta se ama a vida,
responde que sim, o que surpreende
a St. Então Kirilov lhe responde:
"A vida é uma coisa, e ins é outra.
A vida existe, e a morte não existe
em absoluto". Depois diz que tudo
é belo. "O homem é infeliz porque
não sabe que é feliz." E que tudo
está bem: "Está bem para o que sa-
be que está bem." Kirilov ama a
vida, é feliz, é bom e quer morrer.

Nesta 2ª parte faz-se re-
clarar claramente os caracteres de to-
dos os personagens principais, pelo
estudo que vai sendo feito de cada

um deles em presença do outro. Mas,
coisa estranha, são indivíduos tão com-
plexos, no particular, que dificilmente
se podem p^{er}ver suas reações diante
dos diferentes fatos.

Dostoiévsky movimenta in-
crivelmente seus personagens, e descere-
ceus, aparentemente desnecessária,
A onde põe à prova os sentimentos do
seu, que imagina, ferindo de todas
as formas, o orgulho e o amor próprio
de um para realçar valores negativos
do caráter de outro. Parece inútil a
vinda ao jovem suicida, e ao profeta
Semion, mas tudo isso serve para o
estudo de Lisaveta, que aí humilha
Mavriki Nikolayevich, por quem é
amada. De tudo semelhante ela to-
ma no capítulo final, quando
pergunta à St., inspiradamente,
sobre seu parente Lebiadkin. Pensa
naturalmente humilhar a Stavo-
guin, forçando a nova mentira

com relação à sua esposa Maria; mas ele, que despreza seu amor, e que já tinha a intenção de publicar esse casamento oculto, não segue os planos de Lisa.

Um estudo grandioso também é o dos noivos porque Shvagin casou com Lebedianina, esposto no dialeto com Chátov.

A | Os sentimentos estudados por Dostoiévsky, aparentemente contrários, me parecem perfeitamente lépidos: pois é que há sempre em nossos atos muito de dissimulação dos verdadeiros sentimentos. É o que Márvikii percebe em Lisa, e diz a St., quando lhe vai oferecer Lisa (pois seu amor por ela é tão grande que, na impossibilidade de vê-la feliz com ele, quer vê-la junto a outro a quem ame):

— "Por entre el constante odio que le demuestra, sincero y

pleno, resplandec a cada instante el amor... la leona, el mas sincero y desmedido amor y... leona. Por el contrario, a través del amor que por mi siento se trasluce el odio... mas grande."

Por aí se depreende que o amor e o ódio coabitam em Lisaveta, em relação a ambos, pois faz questão de fixar: "sincero e pleno odio", "sincero e desmedido amor", como sentimentos indomáveis ou sobre os quais não se pode ter domínio.

Outros casos dignos de estudo demorado são, entre outros, a humilhação do professor Stepan Trofimovitch por Vánera Petровна e a traição de Verkhovenski.

Para encher estes notos ligeiros, quero citar o que diz o autor sobre a escola. Depois de escrever que é um "progrez activo e immoral", das escolas, acrescenta: "A escola

corrumpo tanto as que a dá como
as que a recebe."

Marco 10.-

Vinha seguindo a leitura
de "O Demónio", mas a inter-
rupção com o recebimento de um
pequeno livro de contos, chegado
de Natal, livro de Plúcio Furtado
de Mendonça, e prolonguei a
interrupção com a leitura de uma
peça teatral de Jean Genet, "Haute
Surveillance". Hoje retornei a leitura
e concluí o livro.

A terceira parte inicia-se
com a descrição do festival em bene-
fício, que ocupa dois grandes capi-
tulos. É um episódio mais cansati-
vo, num estilo formalístico, de reper-
tagem, que desapreza. É, realmente,
"la parte mais infusa de la crónica", co-
mo diz o escritor (pag. 1322, 1.^a ed.). Mes-
mo assim, aparecem dois fatos impor-

395
tantes, apenas citados, e que avivam
o interesse em torno dos capítulos
subsequentes: trata-se da fuga de
Pisaneira com Stavroguin e do enami-
nis de Lebedkin e Maria, cujos deta-
lhes só mais tarde serão dados a co-
nhecer.

Outro facto que me desape-
dou foi a maneira de conduzir a
história, o romance: isto é, um per-
sonagem que, afinal, não toma par-
te activa na trama, se o encarre-
gado de narrar os factos. Na primei-
ra parte ele aparece em cena, mas
aos poucos, vai perdendo essa carac-
terística e passa a ser, no fim, um
narrador. Mas o pior é que conhece
certos detalhes de cena, que não se
podem fixar por depoimentos alheios,
e isso cria, às vezes, um clima li-
geramente falso.

(Continua no outro caderno idên-
tico a este.)

ANO	INÍCIO PAG.
1949	3
1950	14
1951	180
1952	355

Índice

392

Autores (anotações e estudos):

Joyce : 13

Dostoevski : Stepanitchikova : 21...

de André fide : 28... 43...

O Espírito Substância : 56, 60

Alma de Criança : 57

Citações e referências : 121, 196, 206, 211.

O Diário de Um Escritor : 179, 196, 197, 199,
211.

Rilke : 54, 58 (elegias), 81, 126 (Cartas a um Poeta), 157
(Morte e Imortalidade), 205, 209,

Kafka: "La colonie pénitentiaire" - 65...

Castro Alves: 106,

Unanimes:

"Vida de Don Quixote y Sancho": 150..., 155...

Do Sentimento Trágico da Vida: 175..., 178,

La Razon del Cristianismo: 192,

Citações e referências: 209, 10 -

Planos e ideias:

Ospelha (D.M.): 3..., 14..., 63..., 85, 174,
201,

Dostoiévski: 85, 201,

Escrever: 93-172-

✓ Ambiente doméstico: 102

✓ Pássaro desconhecido: 137

Relatos:

R. B. R.: 39

Do desejo de escrever: 68, 71, 87, 124, 167, 201,

Dêix os contos: 88, 100 (publ. O 3 de Janeiro), 125, 154,

Atorizante morte: 90

Res. p. 92, 129,

Carta: 115,

Escola Preparatória: 121, 161 (Rw.)

Hilda: 140.

Doente: 144

Periódico: 160,

Férias: 180

Pan de Fita: 187

Lapidada e morte: 207

the first name is Pedana

